



# **ACADEMIA MILITAR**

## **Análise à Capacidade Cinotécnica da Guarda Nacional Republicana: efetivo e implantação territorial**

### **Autor**

Aspirante de Infantaria da GNR Rafael Matos Visitação

**Orientador:** Tenente-Coronel de Infantaria da GNR Costa Pinto

**Coorientador:** Professora Doutora Ana Fernanda Neves

**Mestrado em Ciências Militares, na especialidade de Segurança**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, setembro de 2017**



## **ACADEMIA MILITAR**

### **Análise à Capacidade Cinotécnica da Guarda Nacional Republicana: efetivo e implantação territorial**

#### **Autor**

Aspirante de Infantaria da GNR Rafael Matos Visitação

**Orientador:** Tenente-Coronel de Infantaria da GNR Costa Pinto

**Coorientador:** Professora Doutora Ana Fernanda Neves

**Mestrado em Ciências Militares, na especialidade de Segurança**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, setembro de 2017**

## DEDICATÓRIA

À minha família, à Joana e  
ao Grupo de Intervenção Cinotécnico.

## AGRADECIMENTOS

A elaboração deste Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada, representa claramente o culminar de cinco anos de árduo trabalho e exigentes desafios. Sendo certo que apenas com o apoio de todos os que uma forma direta ou indiretamente, me auxiliaram tanto no desenvolvimento deste trabalho, como nos anos que o antecederam. Não sendo atribuído uma menor ou maior relevância pela ordem dos agradecimentos, gostaria de deixar aqui expressa, de forma pública, a minha estima e consideração.

Ao Tenente-Coronel Costa Pinto, apoio, orientação, disponibilidade, todos os conhecimentos transmitidos, e também todo o tempo despendido para a preparação, desenvolvimento e correção deste trabalho.

À Doutora Professora Ana Fernanda Neves, por toda a disponibilidade, tempo dispensado e a predisposição para auxiliar em todo o desenvolvimento do presente trabalho.

Aos oficiais e aos restantes militares do Grupo de Intervenção Cinotécnico, pelo auxílio na recolha de dados e informações técnicas referentes ao teor do trabalho, e principalmente na fase embrionária da presente investigação.

A todos os oficiais entrevistados no presente trabalho, pela atenção e indispensável contributo prestado para o sucesso desta mesma investigação.

A todas as secções cinotécnicas das unidades territoriais, que prontamente forneceram os dados operacionais relativos ao emprego dos meios, tornando possível a apresentação e análise dos mesmos.

A toda a minha família, especialmente o meu pai Luís Visitação, à minha mãe Patrícia Visitação e irmão Gabriel Visitação, pelo incansável apoio, compreensão e preocupação, sem os quais, seria impossível ultrapassar todos os desafios

À Joana Matos, pela paciência e compreensão face aos constrangimentos que têm vindo a surgir na minha formação, tal como a disponibilidade e apoio nos bons e maus momentos, sem ela não conseguiria nada.

Ao Miguel Diamantino, Carlos Saraiva, Miguel Mendes, Francisco Patrício, Américo Pereira, João Plácido, Gabriel Maia e Miguel Teixeira pela prontidão, confiança, honestidade e amizade em que se mostraram insubstituíveis em todos os momentos e ocasiões, e pelo auxílio que prestaram no desenvolvimento desta investigação.

Ao XXII curso de oficiais da Guarda Nacional Republicana, da Academia Militar, por todos os momentos de alegria e de tristeza que passamos em conjunto.

## RESUMO

No âmbito do curso em Ciências Militares na Especialidade de Segurança, ministrado na Academia Militar, e segundo a Norma de Execução Permanente (NEP) 520/4ª de 11 de maio da Academia Militar – Direção de Ensino (2015), deve ser realizado um Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada. Trabalho este que versa sobre a “Análise à capacidade cinotécnica da Guarda Nacional Republicana: efetivo e implantação territorial”.

Este trabalho tem como objetivo geral a análise do modelo atualmente implantado na Guarda Nacional Republicana no que concerne à distribuição e gestão dos Binómios Cinotécnicos pelo Território Nacional, verificando se este necessita de ajustes ou alterações.

Para a realização do trabalho, o investigador baseou-se no método hipotético-dedutivo. Desta feita o presente estudo procura a verificação de hipóteses, dar resposta às questões derivadas e por conseguinte responder à questão central.

No que concerne à metodologia adotada para o desenvolvimento do trabalho, foi baseada em Freixo (2012), Quivy e Campenhoudt (2013), Sousa e Baptista (2014) e Sarmiento (2013), sendo os procedimentos de recolha de dados empregues nesta, a análise documental e as entrevistas.

Esta investigação encontra-se dividida em sete capítulos, mais concretamente a Introdução, o Enquadramento teórico, o Enquadramento conceptual, a Metodologia, os Métodos e Técnicas, a Apresentação e análise dos resultados, e as Conclusões e Recomendações. Sendo que no 2º capítulo são apresentados os modelos de implantação das forças de segurança, no 3º encontram-se caracterizados os princípios referentes à distribuição dos meios, e no 7º é feita a verificação das hipóteses, a resposta as questões derivadas e à questão central.

Conclui-se que o atual modelo de implantação dos meios cinotécnicos responde claramente às necessidades da missão da Guarda Nacional Republicana, ainda que não o faça da melhor forma possível, sendo que este modelo é passível de sofrer alterações, com o intuito de conseguir tornar esta capacidade mais eficiente e rentável.

**Palavras-chave:** Análise; Cinotecnia; Eficiência; Organização.

## ABSTRACT

As part of the course in Military Sciences in Specialization in Security, taught at the Military Academy, and according to the Standard Operating Procedure 520/4<sup>th</sup> of May 11 of the Military Academy – *Direção de Ensino* (2015), it's mandatory to do a Final Scientific Report of the Applied Research Work. This investigation entitled “Analysis of the K9 capacity of the *Guarda Nacional Republicana*: effective and territorial implantation”.

The main objective in this paper is to analyse the current model implemented in *Guarda Nacional Republicana*, regarding the distribution and management of the K9 resources throughout the national territory, verifying if it needs adjustments or changes.

This study seeks to verify hypotheses, to answer the derived questions and therefore to answer the central question. To accomplish these goals, the researcher based the study in the hypothetical-deductive method. The methodology adopted for the development of this work was based on Freixo (2012), Quivy and Campenhoudt (2013), Sousa and Baptista (2014), and Sarmiento (2013), using documentary analysis and interviews as the data collection procedures.

This investigation is divided into seven chapters, more specifically: The Introduction, Theoretical Framework, Conceptual Framework, Methodology, Methods and Techniques, Results presentation and Analysis, also the Conclusions and Recommendations. Since in the 2<sup>nd</sup> chapter is presented the models of deployment of the security forces, in the 3<sup>th</sup> the principles of the distribution of resources are characterized, and in the 7<sup>th</sup>, the hypotheses are verified, the derived questions and the central question are answered.

In the end, it is possible to conclude that the current model of implementation of the K9 resources clearly responds to the needs of the mission of the *Guarda Nacional Republicana*, although it does not do it in the best conceivable way, being that this model is subject to change, to be able to make this capacity more efficient and profitable.

**Keyword:** Analysis;, Efficiency; K9; Organization.

## ÍNDICE GERAL

<b>DEDICATÓRIA .....</b>	<b>ii</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>iii</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>iv</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>v</b>
<b>LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS .....</b>	<b>x</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS .....</b>	<b>xii</b>
<b>ÍNDICE DE QUADROS .....</b>	<b>xiii</b>
<b>ÍNDICE DE TABELAS .....</b>	<b>xiv</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS .....</b>	<b>xv</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>5</b>
1.1. Cinotecnia - Enquadramento histórico.....	5
1.2. A Cinotecnia na GNR .....	7
1.2.1. Missão .....	8
1.2.2. Articulação .....	9
1.2.3. Vertentes .....	10
1.3. A Cinotecnia na Guardia Civil.....	12
1.3.1. Missão .....	13
1.3.2. Articulação .....	13
1.3.3. Vertentes .....	14
1.4. A Cinotecnia na PSP .....	15
1.4.1. Missão .....	15
1.4.2. Articulação .....	16
<b>CAPÍTULO 2. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL.....</b>	<b>17</b>
2.1. Princípio da Eficiência.....	17

2.1.1. Economia de meios .....	18
2.2. Princípio da Desconcentração .....	19
2.3. Princípio da Unidade de Ação .....	19
<b>CAPÍTULO 3. METODOLOGIA .....</b>	<b>20</b>
3.1 Tipo de Abordagem .....	20
3.2 Método Científico .....	21
3.3 Modelo de Análise .....	21
<b>CAPÍTULO 4. MÉTODOS E TÉCNICAS .....</b>	<b>23</b>
4.1. Caracterização do contexto de observação .....	23
4.2. Procedimentos, métodos e técnicas de recolha de dados .....	23
4.2.1. Análise documental.....	24
4.2.2. Entrevistas .....	24
4.3. Caracterização da Amostra .....	26
4.4. Técnicas de tratamento e análise de dados.....	27
<b>CAPÍTULO 5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS.....</b>	<b>28</b>
5.1. Dados Operacionais das Secções Ciotécnicas .....	28
5.2. Análise das entrevistas .....	33
5.3. Considerações finais .....	44
<b>CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>47</b>
6.1. Verificação das hipóteses.....	47
6.2. Resposta às questões derivadas.....	48
6.3. Resposta à questão central e considerações finais .....	52
6.4. Limitações da investigação .....	53
6.5. Investigações futuras.....	54
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b>	<b>55</b>
<b>APÊNDICE A – ESTRUTURA DA INVESTIGAÇÃO.....</b>	<b>I</b>

---

<b>APÊNDICE B – CARTA DE APRESENTAÇÃO E GUIÃO DE ENTREVISTA</b>	<b>II</b>
.....	.....
B.1. Carta de Apresentação .....	II
B.2. Guião de Entrevista.....	III
<b>APÊNDICE C – DADOS OPERACIONAIS RECOLHIDOS .....</b>	<b>VI</b>
C.1. Tabela de Dados de 2014 .....	VI
C.2. Tabela de Dados de 2015 .....	VIII
C.3. Tabela de Dados de 2016 .....	XI
<b>APÊNDICE D – QUADRO DE ENTIDADES ENTREVISTADAS .....</b>	<b>XIV</b>
<b>APÊNDICE E – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 1 .....</b>	<b>XV</b>
<b>APÊNDICE F – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 2 ...</b>	<b>XVIII</b>
<b>APÊNDICE G – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 3 .....</b>	<b>XXI</b>
<b>APÊNDICE H – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 4....</b>	<b>XXIV</b>
<b>APÊNDICE I – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 5 ...</b>	<b>XXVII</b>
<b>APÊNDICE J – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 6.....</b>	<b>XXX</b>
<b>APÊNDICE K – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 7..</b>	<b>XXXIV</b>
<b>APÊNDICE L – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 8</b>	<b>XXXVIII</b>
.....	.....
<b>APÊNDICE M – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 9 .....</b>	<b>XLII</b>
<b>APÊNDICE N – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 10 ....</b>	<b>XLV</b>
<b>APÊNDICE O – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 11</b>	<b>XLVIII</b>
.....	.....
<b>APÊNDICE P – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 12 .....</b>	<b>LI</b>
<b>APÊNDICE Q – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 13.....</b>	<b>LV</b>
<b>APÊNDICE R – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 14 ..</b>	<b>LVIII</b>
<b>APÊNDICE S – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 15 .....</b>	<b>LXI</b>
<b>APÊNDICE T – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 16 ...</b>	<b>LXIV</b>
<b>APÊNDICE U – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 17 .</b>	<b>LXVII</b>

APÊNDICE V – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 18 ....	LXX
APÊNDICE W – CODIFICAÇÃO ALFANUMÉRICA DAS RESPOSTAS AO GUIÃO DE ENTREVISTA .....	LXXIII
APÊNDICE X – DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS MEIOS CINOTÉCNICOS NA GNR .....	LXXVI
APÊNDICE Y – DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS MEIOS CINOTÉCNICOS NA PSP .....	LXXVII
ANEXO A – QUADRO SINTESE MISSÃO/ESPECIALIDADE .....	LXXIX
ANEXO B – ORGANOGRAMA DO SERVIÇO CINOLÓGICO DA GUARDIA CIVIL.....	LXXX
ANEXO C – DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS MEIOS CINOTÉCNICOS NA GUARDIA CIVIL.....	LXXXI
ANEXO D – REFERENCIAL DE VERIFICAÇÃO DE HIPÓTESES ..	LXXXII

# **LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS**

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A – ESTRUTURA DA INVESTIGAÇÃO**

**APÊNDICE B – CARTA DE APRESENTAÇÃO E GUIÃO DE ENTREVISTA**

**B.1. Carta de Apresentação**

**B.2. Guião de Entrevista**

**APÊNDICE C – DADOS OPERACIONAIS RECOLHIDOS**

**C.1. Tabela de Dados de 2014**

**C.2. Tabela de Dados de 2015**

**C.3. Tabela de Dados de 2016**

**APÊNDICE D – QUADRO DE ENTIDADES ENTREVISTADAS**

**APÊNDICE E – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 1**

**APÊNDICE F – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 2**

**APÊNDICE G – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 3**

**APÊNDICE H – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 4**

**APÊNDICE I – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 5**

**APÊNDICE J – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 6**

**APÊNDICE K – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 7**

**APÊNDICE L – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 8**

**APÊNDICE M – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 9**

**APÊNDICE N – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 10**

**APÊNDICE O – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 11**

**APÊNDICE P – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 12**

**APÊNDICE Q – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 13**

**APÊNDICE R – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 14**

**APÊNDICE S – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 15**

**APÊNDICE T – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 16**

**APÊNDICE U – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 17**

**APÊNDICE V – ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 18**

**APÊNDICE W – CODIFICAÇÃO ALFANUMÉRICA DAS RESPOSTAS AO GUIÃO DE ENTREVISTA**

**APÊNDICE X – DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS MEIOS CINOTÉCNICOS NA GNR**

**APÊNDICE Y – DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS MEIOS CINOTÉCNICOS NA PSP**

**ANEXOS**

**ANEXO A – QUADRO SÍNTESE MISSÃO/ESPECIALIDADE**

**ANEXO B – ORGANOGRAMA DO SERVIÇO CINOLÓGICO DA GUARDIA CIVIL**

**ANEXO C – DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS MEIOS CINOTÉCNICOS NA GUARDIA CIVIL**

**ANEXO D – REFERENCIAL DE VERIFICAÇÃO DE HIPÓTESES**

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Número total de missões, por ano, de cada vertente .....	29
Figura 2 – Número total de missões operacionais por comando territorial.....	29
Figura 3 – Número total de Demonstrações/Plastrons por comando territorial .....	30
Figura 4 – Número total de missões de Detecção de Droga, por comando .....	31
Figura 5 – Número total de missões de Detecção de Explosivos, por comando.....	31
Figura 6 - Número total de missões de Guarda-Patrolha, por comando .....	32
Figura 7 - Número total de missões de Busca e Salvamento, por comando .....	33
Figura 8 - Estrutura da Investigação .....	I
Figura 9 – Distribuição Territorial dos Meios Cinotécnicos na GNR.....	LXXVI
Figura 10 – Distribuição Territorial dos Meios Cinotécnicos na PSP.....	LXXVII
Figura 11 – Organograma do Serviço Cinológico da Guardia Civil .....	LXXX
Figura 12 – Distribuição Territorial dos Meios Cinotécnicos na Guardia Civil .....	LXXXI

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Classificação alfanumérica das questões da entrevista .....	IV
Quadro 2 - Entidades entrevistadas .....	XIV
Quadro 3 - Análise de conteúdo do Entrevistado 1 .....	XV
Quadro 4 - Análise de conteúdo do Entrevistado 2 .....	XVIII
Quadro 5 - Análise de conteúdo do Entrevistado 3 .....	XXI
Quadro 6 - Análise de conteúdo do Entrevistado 4 .....	XXIV
Quadro 7 - Análise de conteúdo do Entrevistado 5 .....	XXVII
Quadro 8 - Análise de conteúdo do Entrevistado 6 .....	XXX
Quadro 9 - Análise de conteúdo do Entrevistado 7 .....	XXXIV
Quadro 10 - Análise de conteúdo do Entrevistado 8 .....	XXXVIII
Quadro 11 - Análise de conteúdo do Entrevistado 9 .....	XLII
Quadro 12 - Análise de conteúdo do Entrevistado 10 .....	XLV
Quadro 13 - Análise de conteúdo do Entrevistado 11 .....	XLVIII
Quadro 14 - Análise de conteúdo do Entrevistado 12 .....	LI
Quadro 15 - Análise de conteúdo do Entrevistado 13 .....	LV
Quadro 16 - Análise de conteúdo do Entrevistado 14 .....	LVIII
Quadro 17 - Análise de conteúdo do Entrevistado 15 .....	LXI
Quadro 18 - Análise de conteúdo do Entrevistado 16 .....	LXIV
Quadro 19 - Análise de conteúdo do Entrevistado 17 .....	LXVII
Quadro 20 - Análise de conteúdo do Entrevistado 18 .....	LXX
Quadro 21 - Codificação Alfanumérica .....	LXXIII
Quadro 22 - Síntese Missão/Especialidade .....	LXXIX

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QA1 .....	33
Tabela 2 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QA2.....	34
Tabela 3 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QA3.....	34
Tabela 4 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QB1 .....	35
Tabela 5 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QB2 .....	36
Tabela 6 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QB3 .....	36
Tabela 7 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QB4.....	37
Tabela 8 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QC1.....	37
Tabela 9 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QC2.....	38
Tabela 10 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QC3.....	38
Tabela 11 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QD1.....	39
Tabela 12 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QD2.....	40
Tabela 13 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QD3.....	40
Tabela 14 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QD4.....	41
Tabela 15 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QD5.....	41
Tabela 16 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QE1 .....	42
Tabela 17 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QE2 .....	43
Tabela 18 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QE3 .....	43
Tabela 19 - Dados operacionais das secções cinotécnicas de 2014 .....	VI
Tabela 20 - Dados operacionais das secções cinotécnicas de 2015 .....	VIII
Tabela 21 - Dados operacionais das secções cinotécnicas de 2016 .....	XI
Tabela 22 - Referencial de verificação das hipóteses.....	LXXXII

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

### C

CADAPE	<i>Centro de Adiestramiento de Perros</i>
CITCM	Centro de Instrução e Treino de Cães Militares
CO/GNR	Comando Operacional da GNR
CTer	Comando Territorial
CRP	Constituição da República Portuguesa
Cor	Coronel

### D

DD	Deteção de Droga
DE	Deteção de Explosivos

### E

E	Entrevistados
---	---------------

### G

GCGNR	General Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana
GIC	Grupo de Intervenção Cinotécnico
GOC	Grupo Operacional Cinotécnico
GNR	Guarda Nacional Republicana
GP	Guarda-Patrolha

### H

H	Hipótese
---	----------

### L

LOGNR	Lei Orgânica da Guarda Nacional Republicana
LOPSP	Lei Orgânica da Polícia de Segurança Pública

### M

Maj	Major
MOP	Manutenção de Ordem Pública
MROP	Manutenção e Restabelecimento de Ordem Pública

### O

OE	Objetivo Específico
----	---------------------

### P

PSP	Polícia de Segurança Pública
PGR	Procuradoria Geral da República
<b>Q</b>	
Q	Questão
QC	Questão Central
QD	Questão Derivada
<b>S</b>	
S&R	<i>Search and Rescue</i>
Sr. <sup>a</sup>	Senhora
SECIR	<i>Servicio Cinológico y Remonta</i>
<b>U</b>	
UCICE	<i>Unidad Cinológica Central</i>
UI	Unidade de Intervenção
UEP	Unidade Especial de Polícia
UCE	<i>Unidades Cinológicas Elementales</i>
<b>T</b>	
TCor	Tenente-Coronel
<b>V</b>	
VTC	VideoTeleConferência
<b>Z</b>	
ZA	Zona de Ação

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se na estrutura curricular do Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Segurança da Academia Militar.

Corresponde ao Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada (RCFTIA).

Pretendeu-se fazer a análise do modelo de implantação territorial dos meios cinotécnicos na Guarda Nacional Republicana (GNR) e utilizando como comparativo o modelo de implantação territorial dos meios cinotécnicos da *Guardia Civil* Espanhola e da Polícia de Segurança Pública (PSP).

Devido ao interesse particular do autor na valência cinotécnica, dentro da GNR, procurou-se de forma expedita encontrar um tema; tema este que fosse do interesse do autor investigar e que fosse pertinente para a evolução desta valência no seio da GNR. Para tal, foram marcadas e realizadas reuniões e conversas informais com determinados oficiais do Grupo de Intervenção Cinotécnico (GIC), dos quais destaco o Orientador desta investigação, percebendo desta forma que teria pertinência abordar a temática da organização desta vertente a nível nacional, com vista a melhorar a atuação desta valência da GNR.

Desta forma no âmbito do RCFTIA propõe-se analisar o modelo de implantação territorial dos meios cinotécnicos da GNR. Para o efeito, primeiramente irá apresentar-se o modelo de implantação dos meios cinotécnicos instaurado na nossa força congénere espanhola, *Guardia Civil* e na PSP, disponibilizando e explicando a forma como estes estão distribuídos pelo território. Considerando que estes conseguem responder de forma eficaz às necessidades operacionais que surgem da vivência diária, nomeadamente em relação à forma como estão distribuídos.

Qualquer forma de organização administrativa tem de ser compreendida à luz dos princípios estabelecidos no artigo 267.º, n.ºs 1 e 2, da Constituição da República Portuguesa (CRP), de que se destacam os princípios da desconcentração, da unidade de ação e da eficiência (designadamente, na sua dimensão de racionalização ou da economia de meios). Constituem, pois, enquadramento necessário da análise do modelo de distribuição dos meios cinotécnicos da GNR.

A escolha dos modelos da *Guardia Civil* e da PSP justifica-se por serem os mais se aproximam da realidade da GNR, sendo que como podemos perceber pela apresentação da

distribuição dos meios em Portugal, o modelo da GNR poderá ser caracterizado como descentralizado. O modelo espanhol é muito semelhante ao da GNR e já o da PSP possui uma estrutura mais centralizada, daí considerarmos como uma mais-valia a apresentação destes modelos de implantação de meios cinotécnicos.

O objetivo desta análise não passa por comparar o nível cinotécnico, pois não iremos verificar se os binómios são melhores ou mais eficientes, entre as várias instituições. Partiremos assim do princípio que os meios têm as mesmas capacidades técnicas, naqueles que são transversais às instituições, e procurar saber como estão organizados os dispositivos cinotécnicos.

Tendo em vista a otimização de meios, isto é tirar o melhor rendimento possível dos mesmos, e tendo a noção de que neste momento o Comando e Controlo pode se exercido de forma mais centralizada, nomeadamente devido aos recursos que existem, a nível tecnológico e de capacidade de projeção de meios quando e onde necessários. A questão que se coloca é a de saber se se justifica uma diferente organização dos meios cinotécnicos. Esta situação traz à discussão entre ser-se eficaz ou eficiente, o interesse por parte dos comandantes das unidades territoriais, mesmo a nível de destacamento, em terem os meios sempre relativamente perto para a eventualidade na qual são necessários, ainda que nunca tenha sido acionado essa valência, pode entrar assim em choque com o interesse de se tornar mais ou igualmente eficiente que eficaz.

A dúvida que surge é relativamente à concentração ou dispersão dos meios. Poderá ser conseguida uma maior racionalização ao nível da projeção de forças, pois os recursos existentes para o efeito permitem uma mobilização mais rápida e melhor, por forma a responder às necessidades com facilidade seja onde forem necessários e sem estes terem de estar a ocupar toda a malha territorial, tendo em consideração os incidentes operacionais ao nível das várias valências de atuação do GIC, agrupando-se os meios em determinados locais.

Esta investigação cinge-se à análise dos meios Cinotécnicos a nível nacional (excluindo a RA dos Açores, por não considerar uma amostra representativa, e nomeadamente por analisar a RA da Madeira), à luz dos princípios enunciados anteriormente.

Pretende-se verificar se, consoante as necessidades, existe a capacidade para responder de forma eficiente e ajustada às mesmas e se a forma como estão implantados ou distribuídos garante essa resposta. Relativamente à implantação da capacidade cinotécnica, esta será abordada em duas vertentes, quanto à sua distribuição geográfica e no que concerne

às capacidades atribuídas a cada unidade territorial. Por fim, importa avaliar a forma como são empregues – isto é, se as suas missões e a sua rentabilidade têm mais vantagens que vulnerabilidades.

Tendo em consideração a delimitação do estudo anteriormente explanada, torna-se relevante a apresentação dos objetivos da investigação, sendo que, partem todos do mesmo objeto naturalmente associado ao tema em questão (Q).

Assim sendo, esta investigação, assume como objetivo geral a análise do modelo de distribuição dos meios cinotécnicos no território nacional, anteriormente referido, verificando se necessita de ajustes ou alterações.

Sendo que, deste objetivo geral decorrem os objetivos específico (OE), mais concretamente: **OE<sub>1</sub>** – Apresentação dos modelos da Polícia de Segurança Pública e da Guarda Civil, para os comparar ao nível da organização, estrutura, missões, **OE<sub>2</sub>** – Realizar de um levantamento dos meios que fazem parte integrante do modelo de distribuição dos meios cinotécnicos no território nacional da GNR, **OE<sub>3</sub>** – Análise das missões e expectativas que estão associadas ao modelo da GNR, **OE<sub>4</sub>** – Determinar as potencialidades e fragilidades deste modelo da GNR, e por fim o, **OE<sub>5</sub>** – Explorar as potencialidades e eventualmente apontar para soluções que permitam debelar as eventuais fragilidades analisadas.

No que refere o **OE<sub>3</sub>**, procura-se ter uma noção mais abrangente do referido modelo, também é de referir que todos os objetivos específicos já referidos irão de forma clara culminar no **OE<sub>4</sub>** e também num objetivo final, nomeadamente **OE<sub>5</sub>**.

Relativamente à formulação de um problema de investigação, Freixo (2012, p. 185) refere que “(...) consiste em desenvolver uma ideia através de uma progressão lógica de ideias, de argumentos e de factos relativos ao estudo que se deseja compreender.”. Este problema de investigação é traduzido na formulação da Questão Central (QC): **Será que o atual modelo de implantação territorial dos meios cinotécnicos responde às necessidades da missão da Guarda Nacional Republicana?**

Ao nível da estruturação do trabalho, seguiu-se as normas para a redação de trabalhos de investigação, tratadas na Norma de Execução Permanente (NEP) número (n.º) 522/1ª (Academia Militar, 2016), com os contributos do Tenente-coronel (TCor) Costa Pinto e da Sr.ª Professora Doutora Ana Neves. Sendo que se encontra dividido em sete capítulos, da Introdução à conclusão.

Depois da presente introdução – na qual são apresentados o tema da investigação; e a motivação que levou à sua escolha, a pertinência do mesmo no âmbito do curso; e os objetivos que o propomos atingir, tanto gerais como específicos. Posteriormente surge o

capítulo 1, relativo ao enquadramento teórico, onde é feita uma resenha histórica do cão e da cinotécnica, são apresentados os três modelos de distribuição dos meios cinotécnicos, nomeadamente da GNR, da Guardia civil e da PSP. Ainda numa fase inicial é redigido o capítulo 2, no qual, no plano do enquadramento conceptual, são apresentados os princípios referidos anteriormente, de relevância para o estudo.

Na fase do trabalho de campo, surge os capítulos 3 e 4, onde são apresentados e explicados os métodos e técnicas utilizados na recolha e tratamento de dados e também a metodologia utilizada ao longo da investigação.

Na fase final do trabalho, temos o Capítulo 5, onde se encontram explanados os dados que foram recolhidos, tal como a análise e interpretação feita desses mesmos dados. Nas conclusões, é feita a reflexão sobre os resultados, resultando na confirmação ou não das hipóteses (H) formuladas, respondidas as questões de investigação e apresentadas propostas de investigações futuras.

# CAPÍTULO 1.

## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

No presente capítulo, encontra-se plasmado um pequeno enquadramento histórico, formando desta forma uma linha cronológica da evolução do cão e da cinotecnia, o esclarecimento de alguns conceitos próprios do tema e a sua origem. É ainda relevante nesta fase do trabalho, a apresentação do modelo em estudo e de modelos de organização da cinotecnia, de outras Forças de Segurança.

### 1.1. Cinotecnia - Enquadramento histórico

A definição de certos termos é de extrema importância, pois tal como dizem Prodanov e Freitas (2013), é o seu objetivo principal torna-los adequados, compreensivos, claros e objetivos. Pois ao não definir os termos ou não o fazer de forma correta poderá levar a diferentes interpretações, “É importante definir todos os termos que possam dar margem a interpretações errôneas, indevidas.” (Prodanov & Freitas, 2013, p. 132).

Assim sendo, torna-se imperioso definir o conceito de “Cinotecnia”, sendo este utilizado com as suas respetivas adaptações, em Portugal e em muitos mais locais do mundo. Ainda que a nível doutrinário, da forma como é escrita, não exista uma definição concreta da mesma, no Parecer nº108/2006<sup>1</sup> da Procuradoria Geral da República (PGR), é apresentada a palavra dividida em Cino e Tecnia, sendo que ambas as palavras derivam do Grego. Segundo Pires (2015), Cino ou *Kyon* é de onde deriva o conceito de cão, sendo este um termo de construção de palavras que deverá exprimir isso mesmo; e que identificado como uma técnica ou uma arte está o termo Tecnia ou *Tékhnē* do grego.

Somos desta forma levados a concluir que cinotecnia “poderá definir-se, embora sem rigor científico, como o estudo da origem, a vida e a evolução da família *canidae* (que integra, hoje em dia, o cão, o lobo, o coiote e o chacal)” (Procuradoria Geral da Republica [PGR], 2007, p. 12931), envolvendo desta forma certas áreas de estudo a do comportamento animal, com o intuito de gerar certos métodos e técnicas que tornem o treino eficaz. E que a própria atividade cinotécnica “poderá significar o adestramento ou técnica de treino e utilização de cães pelo homem” (Procuradoria Geral da Republica [PGR], 2007, p. 12931),

---

<sup>1</sup> Referente à utilização dos cães policiais como meio coercivo, (Procuradoria Geral da Republica [PGR], 2007).

resultando na aplicação de certos instrumentos de treino que condicionem o seu comportamento e permitir a realização de determinadas funções que o homem entenda como necessárias.

Relativamente ao surgimento do cão, segundo Campos (1977), o cão é descendente de um pequeno mamífero, com o nome de *Miacis*, deste mamífero que terá existido há milhões de anos atrás, consegue-se traçar a evolução do cão. Segundo este, o cão terá sido o primeiro animal a ser domesticados pelo homem, há cerca de 12 000 anos. Sendo que, não existe certeza de como ocorreu, mas que “Os homens adotaram os cães reconhecendo as suas vantagens” (Campos, 1977, p. 3), muito através do seu auxílio na tarefa da caça e devido às suas qualidades de combate e guarda.

O cão demonstra determinadas características extraordinárias que o tornam de grande valor a nível militar, que segundo Campos (1977) são a agudeza de sentidos, a sua afeição pelo homem, o espírito de observação e a velocidade. E tendo conhecimento destes fatos, o homem procurou aproveitar as suas potencialidades, de uma forma vantajosa, a nível militar, e tal como a guerra vai mudando com o passar dos anos, também a utilização dos cães nestas, “Assim como os métodos da guerra têm mudado através dos tempos, também o uso militar dos cães tem mudado.” (Campos, 1977, p. 4).

Ainda segundo Campos (1977), os cães têm tido grande utilização em tempos militares, desde a antiga Grécia, com funções de guarda, passando pela Idade Média, onde devido ao armamento da altura foram criadas armaduras para os cães; o próprio Napoleão terá incitado a utilização de cães na campanha do Egito e até na América os cães terão auxiliado os espanhóis a conseguir conquistar o Perú e o México.

Mas os cães acabam por marcar uma presença de maior relevo nas Guerras Mundiais, ao serem incorporados e até utilizados por forças militares de países como a Inglaterra, França e Alemanha, “(...) durante a 1ª Guerra Mundial (...). Os alemães empregaram-nos em grande número, para cima de 30 000, como mensageiros e sanitários. Os franceses usaram-nos nos mais diversos serviços, especialmente como renunciadores, (...)” (Campos, 1977, p. 5). Esta utilização do cão claramente que se prolongou ao longo dos anos, sendo estes utilizados também na 2ª Guerra Mundial pelos alemães como mensageiros e sentinelas, segundo Campos (1977), na ocupação de França.

Para além do seu interesse militar, também foi demonstrado um interesse policial no cão, pois “(...) tem-se mostrado sumamente útil em corporações militarizadas, nomeadamente em missões de polícia, desempenhando muitos e relevantes serviços.” (Campos, 1977, p. 6). Tal como Carreira (2013, p. 8), que refere que “(...) devido aos seus

apurados sentidos de visão, olfato e audição, (...)”, estes têm demonstrado a sua utilidade nas suas mais variadas funções.

Podemos falar tanto em países onde a cinotecnia terá feito história, como noutros onde esta já terá atingido um processo evolutivo considerável, sabendo que a sua presença nas forças policiais é uma realidade, fruto da diversidade de vantagens, que representam no meio policial. Estas vantagens, segundo as normas para a utilização e emprego operacional das equipas cinotécnicas (Comando Geral - GNR, 1997), são a sua económica manutenção, as qualidades peculiares, a substituição do Homem no desempenho de determinadas missões com eficiência e garantia de sucesso, economia de pessoal, os efeitos psicológicos que criam e os alistamentos por períodos de dez anos sem quaisquer pretensões ou reivindicações

## 1.2. A Cinotecnia na GNR

Tal como aconteceu em muitos outros países, a GNR também decidiu tirar proveito dos meios cinotécnicos, tendo a sua atividade origem em 1956, “(...) a GNR foi o primeiro organismo oficial português a criar um serviço cinotécnico” (Andrade, 2011, p. 134).

Segundo Almeida (1999), a cinotecnia da GNR teve início com a deslocação de quatro militares, nomeadamente um sargento e três praças, a Espanha, com o intuito de receber formação na *Escuela de Adiestramiento de Perros da Guardia Civil*. Para o efeito foi criado o Centro de Instrução e Treino de Cães Militares (CITCM)<sup>2</sup>, e que terá sofrido alterações mais tarde, sendo denominado Centro de Instrução de Cães<sup>3</sup> por indicação do Excelentíssimo General Affonso Botelho, na altura General Comandante-Geral da GNR (GCGGNR).

Apenas em 1971, é que voltou novamente a haver alterações, com a criação do Centro de Instrução da GNR (Dec. Lei n.º 510/71 de 22 de novembro). O Exmo. General Adriano Augusto Pires, que exercia funções de GCGGNR, determinou que passasse a ser designado de Grupo de Instrução de Cães, e que fosse integrado no Centro de Instrução da GNR<sup>4</sup> (Almeida, 1999). Ainda segundo o mesmo autor, e este Grupo de Instrução de Cães seria a 1 de outubro de 1989 transformado em Companhia Cinotécnica do Centro de Instrução da GNR<sup>5</sup>, tendo também sido criadas secções cinotécnicas por todo o dispositivo.

---

<sup>2</sup> Segundo a OG/GNR n.º 24 de 31 de dezembro de 1956.

<sup>3</sup> Segundo a OG/GNR n.º 1 de 15 de janeiro de 1957.

<sup>4</sup> Através da OG/GNR n.º 20 de 30 de outubro de 1972.

<sup>5</sup> Cf. a OG/GNR n.º 10 de 31 de outubro de 1989.

Segundo Carreira (2013) em 1993, com a extinção da Guarda Fiscal e a criação da Brigada Fiscal<sup>6</sup>, o Centro de Instrução da GNR passa a chamar-se Escola Prática da Guarda. A GNR, segundo Pinto (2013) com esta alteração integrou os binómios de deteção de droga da extinta Guarda Fiscal, que passara a funcionar como escola e reserva operacional, tendo a responsabilidade técnica de coordenação das secções cinotécnicas distribuídas por todo o território nacional.

Com a publicação e posterior regulamentação da Lei Orgânica da GNR (LOGNR)<sup>7</sup> e derivado desta, a reestruturação da Guarda que teve início em 2007, “(...) permitiu criar uma estrutura Cinotécnica robusta para responder às mais recentes necessidades internas e externas.” (Pinto, 2013, p. 27). Passando desta forma a fazer parte da Unidade de Intervenção (UI), passando a antiga Companhia Cinotécnica a ter a designação de GIC.

### 1.2.1. Missão

Como sabemos, toda a atividade cinotécnica na GNR está centrada na UI<sup>8</sup>, nomeadamente na sua subunidade o GIC<sup>9</sup>, sendo que existem células operacionais distribuídas por todo o território nacional, ao encargo da GNR.

No que concerne à UI, a sua missão está plasmada na LOGNR como,

“uma unidade da Guarda especialmente vocacionada para as missões de manutenção e restabelecimento da ordem pública, resolução e gestão de incidentes críticos, intervenção tática em situações de violência concertada e de elevada perigosidade, complexidade e risco, segurança de instalações sensíveis e de grandes eventos, inativação de explosivos, proteção e socorro e aprontamento e projeção de forças para missões internacionais.” (Assembleia da República, 2007b, p. 8050).

Sendo que no ponto 3 do Despacho n.º 57/09-OG de 15 de março<sup>10</sup>, se encontra prevista as atribuições da UI, nomeadamente:

- a. Realizar ações de natureza preventiva, em apoio das demais unidades da Guarda;
- b. Realizar operações especiais, proteção de pessoas, bens e infraestruturas alvo de especial ameaça, resolução de incidentes e intervenção em ações de contraterrorismo e em situações de violência concertada e de elevada perigosidade, complexidade e risco;
- c. Executar ações de prevenção e de intervenção de primeira linha, em todo o território nacional, em situação de emergência de proteção e socorro,

---

<sup>6</sup> Segundo os Dec. Lei n.ºs 230/93, de 26 de junho e o decreto-lei n.º 231/93 da mesma data, respetivamente extingue a Guarda Fiscal e cria a Brigada Fiscal.

<sup>7</sup> Lei n.º 63/2007 de 6 de novembro, que aprova a orgânica da Guarda Nacional Republicana.

<sup>8</sup> Cf. Art.º 44º n.º2 da LOGNR.

<sup>9</sup> Portaria n.º 1450/2008, de 16 de dezembro - define a organização interna das unidades territoriais, especializadas, de representação e de intervenção e reserva, bem como as respetivas subunidades.

<sup>10</sup> Que revoga o despacho 77/08 - OG de 22 de dezembro, e visa definir as competências, estrutura e o efetivo da Unidade de Intervenção.

designadamente nas ocorrências de incêndios florestais ou de matérias perigosas, catástrofes e acidentes graves;

g. Garantir a prestação de honras militares em complemento da Unidade de Segurança e Honras de Estado (USHE).” (Guarda Nacional Republicana, 2010)

As atribuições da sua subunidade, mais concretamente o GIC, sendo que a sua missão como qualquer outra unidade ou subunidade decorre da missão da GNR analisando o mesmo Despacho n.º 57/09-OG de 15 de março, encontram-se previstas também no ponto 3, sendo estas missões específicas:

“d. Efetuar o emprego operacional dos meios cinotécnicos em missões atribuídas e em reforço às unidades;

e. Proceder à remonta e inspeção-técnica de canídeos, bem como à uniformização de procedimentos ao nível da valência cinotécnica;

f. Assegurar, sob coordenação do Comando da Doutrina e Formação, a instrução e atualização dos meios cinotécnicos, bem como a realização de outras ações de formação que lhe sejam atribuídas;” (Guarda Nacional Republicana, 2010)

### 1.2.2. Articulação

Tal como fora referido anteriormente, a capacidade cinotécnica, dentro da GNR, encontra-se articulada numa subunidade de escalão batalhão, pertencente à UI, e também em secções cinotécnicas distribuídas pelo território nacional. “(...) a Guarda disponibiliza meios cinotécnicos em 36 localidades, incluindo nos Arquipélagos dos Açores e da Madeira<sup>11</sup>, o que constituiu uma capacidade de resposta ímpar às necessidades das populações e o garante da proximidade necessária.” (Pinto, 2013, p. 27).

O próprio GIC encontra-se articulado em duas companhias e um centro, mais concretamente, a Companhia de Intervenção Cinotécnica, a Companhia de Detecção Cinotécnica e o Centro de Formação Cinotécnico.

Segundo Pinto (2013), a Companhia de Intervenção Cinotécnica, tem como vocação o emprego operacional e todo o treino de binómios de Segurança e Intervenção e binómios Intervenção Tática, sendo os únicos binómios pertencentes à GNR com a preparação e treino, para pertencerem a dispositivos no cumprimento de missões de resolução de Incidentes Tático-Policiais e de Manutenção e Restabelecimento de Ordem Pública (MROP) sendo os meios, “normalmente empregues como meio dissuasor e/ou coercivo e para a deteção e neutralização de suspeitos, particularmente, hostis.” (Pinto, 2013, p. 27).

---

<sup>11</sup> Cf. Apêndice X – Distribuição Territorial dos Meios Cinotécnicos da GNR

Já a Companhia de Detecção Cinotécnica, trata do treino e emprego operacional de binómios Detecção de Odores Diversos, nomeadamente químicos e orgânicos, e na Detecção de Odores Humanos, mais concretamente as missões de socorro e de proteção civil, sendo que “É o único órgão do país onde existem, em exclusividade de funções, binómios para o cumprimento de missões de deteção de cadáveres (com vários meses, anos), de deteção de vestígios biológicos, deteção de espécies protegidas (ao abrigo da CITES<sup>3</sup>), e deteção de policarbonato (CD/DVDs) (...)” (Pinto, 2013, p. 27).

O Centro de Formação Cinotécnico tem como responsabilidades o planear e garantir que sejam cumpridas as avaliações dos binómios da GNR e também da certificação de formação de civis, mas também pelo planeamento e coordenação de todas as ações de formação cinotécnicas a ser executadas pela GNR. Não nos podendo esquecer que este também trata de toda a produção e promoção de manuais e ferramentas de apoio técnica e propostas, com o fim último da uniformização de procedimentos cinotécnicos dentro da GNR. (Pinto, 2013).

Para além do GIC, como foi referido anteriormente, existem secções cinotécnicas distribuídas pelo território nacional, estando estas atribuídas aos Destacamentos de Intervenção de cada Unidade Territorial, sendo que, são orgânicos dos Comandos Territoriais, mas a nível técnico encontram-se dependentes do GIC. Atribuídas a estas secções estão determinado número e tipo de binómios dependendo das características da Zona de Ação (ZA) de cada Comando Territorial, segundo Pinto (2013), as secções são compostas por binómios de Segurança e Socorro, para missões de Patrulhamento e ao nível da busca de pessoas desaparecidas ou deteção de suspeitos; binómios de deteção de odores diversos, para situações de deteção de droga, armas e papel moeda e também de explosivos; e binómios de deteção de odores humanos, para missões de busca e salvamento, nomeadamente para resposta a catástrofes e de proteção civil.

### **1.2.3. Vertentes**

Foi sustentado nas normas para a utilização e emprego operacional das equipas cinotécnicas da GNR (Comando Geral - GNR, 1997), que se redigiu este subcapítulo. As vertentes são as especialidades cinotécnicas que existem nas secções cinotécnicas, e cada uma desempenha diferente tipo de missões.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Cf. Anexo A - Quadro síntese Especialidade/Missão.

Pelo que existem quatro vertentes ao dispor nas secções cinotécnicas distribuídas pelo território nacional, que são: Guarda-Patrolha, Detecção de Droga, Detecção de Explosivos e Busca e Salvamento. Cada uma destas vertentes tem missões específicas atribuídas.

Começando com a vertente de Guarda-Patrolha (GP), esta desenvolve missões de patrulhamento, guarda, pistagem e manutenção de ordem pública (MOP), e cada uma tem uma especificidade, ao nível do patrulhamento este pode ser apeado, motorizado ou misto, segundo opinião dos oficiais do GIC e comparando as potencialidades e vulnerabilidades destes, presentes nas normas de emprego dos meios cinotécnicos (Comando Geral - GNR, 1997) o patrulhamento que deve ser privilegiado é o misto, sendo que o Binómio é “lançado” no terreno através de meios auto, até ao local de patrulhamento e apenas nesse local é que é realizado o patrulhamento apeado, e sempre com o apoio da viatura, garantido assim um equilíbrio de valores ao nível do desgaste dos cães e do seu desempenho operacional.

Relativamente às restantes vertentes, ao nível da pistagem, trata-se de quando as equipas cinotécnicas Guarda-Patrolha estão especializadas no seguimento de pistas/rastos destinadas à localização de desaparecidos, sendo que o fator mais importante para o desempenho desta missão é o tempo, sendo que quanto mais depressa forem empenhados os binómios maior será a janela de oportunidade. Relativamente às missões de guarda, passa por realizar a proteção física em aquartelamentos, estabelecimentos prisionais, aeródromos, entre outros locais, quer em liberdade ou à trela. E as missões MOP, que o treino específico tende a potenciar de forma controlada os impulsos genéticos e traços de carácter, é preciso ter em atenção o momento de utilização, tendo de ser enquadrado perfeitamente no princípio da aplicação da mínima força<sup>13</sup>, estando dependente da avaliação criteriosa por parte do comandante da força. (Comando Geral - GNR, 1997)

No que concerne a deteção de droga (DD), os cães desta vertente para além da deteção de droga, realizam também a deteção de armas e de papel-moeda, potenciando em muito o seu empenhamento. Os cães são especialmente selecionados e treinados para esta função, sendo que as suas extraordinárias capacidades olfativas dos cães em relação ao Homem, fazem deste meio um precioso auxiliar, mais um, no combate ao narcotráfico, estes fazem a deteção de odores básicos, canábis, opiáceos, cocaína, entre outras, das quais se encontram as suas derivantes, estas missões são desempenhadas em operações em aeroportos, portos ou

---

<sup>13</sup> “O emprego da força para restabelecer a Lei e a Ordem, deve ser considerado como uma medida drástica, de último recurso, por forma a sujeitar o adversário ao menor dano físico, material e moral.” (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. v-3)

terminais internacionais rodoviários, operações STOP, colaboração com outras entidades encarregadas do combate à droga. (Comando Geral - GNR, 1997)

A vertente de deteção de explosivos (DE) é constituída por cães especializados na deteção de odores base de vários tipos de explosivos tais como TNT, gelamonite nitrato de amónio, cordão detonante, entre outros. Estes binómios atuam juntamente com as equipas EOD das unidades, sendo que permite efetuar uma primeira abordagem ao local de ameaça, salvaguardando-se a integridade física dos militares, e são empenhados, sempre que surja uma ameaça de bomba ou em operações de rotina nas buscas em áreas que possam constituir potenciais alvos. (Comando Geral - GNR, 1997)

Terminando com a vertente de Busca e Salvamento (*Search and rescue* [S&R]), esta é constituída por cães especializados na deteção de odores humanos, constituem um excelente meio para a deteção de pessoas soterradas sob escombros, aluimentos de terras ou outra situação em que as vítimas se encontrem soterradas, podendo ser empenhados em qualquer local após o tratador ter feito o reconhecimento e adotado as medidas necessárias para a salvaguarda da integridade física do binómio.

Neste momento existe a vertente de deteção de venenos, onde existem binómios afetos ao projeto “*Life*”, cofinanciado pela comissão europeia que procura evitar a morte de determinadas espécies de aves, através da deteção de venenos em determinados pontos do território nacional.

### **1.3. A Cinotecnia na *Guardia Civil***

Tal como a GNR, a *Guardia Civil* teve interesse em fazer uso dos meios cinotécnicos, sendo responsável pela utilização dos cães nos mais diversos domínios. Oficialmente, segundo a PGR (2007)<sup>14</sup> a cinotecnia na *Guardia Civil* teve início em 1948, quando surgiu a autorização para a sua formação.

Face à disposição de 31 de março de 1949, por forma a terem melhor controlo sobre as zonas de fronteira e costas e conseguir de uma forma mais organizada perseguir e combater bandidos e malfeitores foram criados postos e destacamentos com cães (Procuradoria Geral da República [PGR], 2007). E em 1951, através da Ordem Ministerial de 19 de abril, foi criada a *Escuela de Adiestramiento de Perros da Guardia Civil*.

O *Serviço Cinológico*, só foi criado pela *Guardia Civil* em 1982, com o intuito de conseguir prestar apoio às unidades operacionais do corpo, nomeadamente nos aspetos

---

<sup>14</sup> Cf. Parecer 108/2006 de 16 de maio.

técnicos e próprios do serviço, tais como a intervenção em catástrofes, os resgates em montanha e a busca de desaparecidos, a localização de explosivos e de estupefacientes ou todas as outras atividades onde as características da missão e a preparação especial dos animais sejam as mais adequadas por forma a atingir o objetivo principal de garantir o exercício dos direitos e liberdades tal como a segurança dos cidadãos (Procuradoria Geral da República [PGR], 2007).

### 1.3.1. Missão

O *Servicio Cinológico y Remonta (SECIR)*, encontra-se sob a dependência da Chefia das *Unidades Especiales y de Reserva*, e trata-se do órgão especializado da *Guardia Civil* para o exercício das missões onde seja necessário o emprego dos cães e a gestão, administração e apoio a animais de utilidade para o serviço.

A sua missão e tarefas principais encontram-se previstas na *Orden General* n.º 10 de 6 de junho de 2002, sendo a missão específica do SECIR “(...) a direção técnica e inspeção das unidades dotadas de cães e a execução das missões onde estes participem, tal como a gestão, administração e apoio ao gado e animais utilizados no serviço.” (Dirección General de la Guardia Civil, 2002)

E a partir da sua missão específica, o SECIR tem como tarefas principais, “Assumir a gestão técnica do emprego dos animais e materiais; Planificar e executar a assistência facultativa aos cães e cavalos; e Qualquer outra situação, que se desenrole no âmbito da especialidade, e lhe seja pedido.” (Dirección General de la Guardia Civil, 2002)

### 1.3.2. Articulação

Para o cumprimento da missão, este serviço articula-se em duas grandes áreas, num Órgão Central e numa Organização Periférica<sup>15</sup>.

Segundo a *Orden General* n.º 10 (2002), o Órgão Central é constituído por:

- Uma *Jefatura del Servicio* de comando de Coronel da *Guardia Civil*, e que conta com um Estado-Maior como principal órgão auxiliar com: “Secção de Apoio à Gestão, de comando de um oficial, que assume as tarefas que concernem o pessoal, material e serviço das *Unidades Cinológicas Elementales (UCE)*; e Uma Secção Técnico-Veterinária de comando de um Tenente-Coronel, e assumirá as tarefas de assistência facultativa ao gado.” (Dirección General de la Guardia Civil, 2002);

---

<sup>15</sup> Cf. Anexo B – Organograma do *Servicio Cinológico* da *Guardia Civil* e Anexo C – Distribuição Territorial dos Meios Cinotécnicos na *Guardia Civil*.

- Um *Centro de Adiestramiento de Perros (CADAPE)*, é um centro de formação de melhoria, responsável pelo ensino da especialidade ao pessoal afeto às unidades operacionais da especialidade. Tem dependência orgânica, funcional e técnica da Chefia do Serviço; e

- Uma *Unidad Cinológica Central (UCICE)*, com missão específica o apoio especializado às outras unidades da especialidade, e a investigação de novas técnicas e procedimentos específicos de atuação. Tem dependência orgânica, funcional e técnica da Chefia do Serviço.

Ainda segundo o mesmo documento da *Dirección General da Guardia Civil* (2002), a UCE é a unidade básica de emprego no serviço, sendo constituído pelo tratador e o cão. Dentro da Organização Periférica, existe:

- O *Grupo Cinológico de Zona*, com comando de um Sargento da especialidade, e é neste que se encontram integradas as diferentes UCE's, atribuídas à chefia da Zona. Dependem organicamente e funcionalmente do comandante da Zona e depende tecnicamente da Chefia do Serviço;

- O *Grupo Cinológico de Comandancia*, sendo este composto pelas UCE's atribuídas à *Comandancia* e unidades dependentes desta. Dependem organicamente e funcionalmente do comandante da *Comandancia* e depende tecnicamente da Chefia do Serviço; e

- Os *Destacamentos Cinológicos*, sendo constituídos pelas UCE's que existam nessa unidade, estes destacamentos poderão ser criados em unidades territoriais, funcionais ou de reserva, quando as necessidades do serviço assim requerirem.

### 1.3.3. Vertentes

Segundo a *Dirección General da Guardia Civil* (2002), pode-se referir que existem três especialidades e dentro destas algumas subespecialidades. Ao nível das especialidades, conforme as tarefas específicas a desempenhar pelos especialistas, vão se diferenciando consoante a especialização, podendo ser nomeadamente em *Seguridad y Rescate*, em *Detectores de Droga* e em *Detectores de Explosivos*.

Dentro de cada especialidade podemos observar várias subespecialidades, nomeadamente: dentro da *Seguridad y Rescate* existem como subespecialidades, a Segurança e proteção a pessoas e edifícios, a Busca de pessoas soterradas por avalanches de neve, a Busca de pessoas sepultadas em catástrofes naturais e a Busca de pessoas em grandes áreas; e dentro da *Detectores de Droga* existem subespecialidades como a Identificação de pessoas e a Deteção de drogas passivas.

Ao nível das normas de funcionamento e empenhamento dos meios, o pessoal do corpo da *Guardia Civil* destinado ao SECIR, tem os meios e as obrigações de atuar em todo o território da *Guardia Civil* e que conseqüentemente, lhes poderão ser atribuídas tarefas derivadas da missão genérica, a pedido do corpo da *Guardia Civil*. Sem prejuízo do referido anteriormente, os chefes das unidades quem têm ao seu dispor pessoal especialista, deveram estabelecer convenientemente com base na *Orden General* n.º10 de 2002, a garantia do seu emprego idóneo e eficiente, a sua dedicação profissional e garantir um nível técnico adequado e uma intervenção oportuna, dando-lhes tempo necessário para desenvolverem as atividades do *Plan Específico de Instrucción* (Dirección General de la Guardia Civil, 2002).

Ainda acerca do funcionamento, as unidades do *Servicio Cinológico* deverão basear a sua atuação pelos princípios da máxima cooperação e colaboração recíproca entre todas as unidades. Os chefes de *Zona* e *Comandancia*, têm procedimentos e pressupostos a preencher por forma a ser assegurado o apoio solicitado por parte de unidades carentes desses meios, garantindo a prestação dos serviços dentro da própria unidade e naquelas de onde surgiu o pedido (Dirección General de la Guardia Civil, 2002)

#### **1.4. A Cinotecnia na PSP**

Tal como na GNR, também a PSP viu o interesse policial do cão e quis aproveitar as suas vantagens em proveito da sua missão, no que concerne a segurança e tranquilidade pública, sendo que a especialidade cinotécnica nesta força surge em 2002 com o despacho de 3 de abril<sup>16</sup>.

##### **1.4.1. Missão**

A atividade cinotécnica na PSP, centra-se na Unidade Especial de Polícia (UEP), mais concretamente na sua subunidade o Grupo Operacional Cinotécnico (GOC) segundo a Lei 53/2007, de 31 de agosto<sup>17</sup>, existindo ainda partes desta subunidade destacadas pelo território nacional<sup>18</sup>.

Relativamente à UEP a sua missão está plasmada na LOPSP, sendo esta

“(…) uma unidade especialmente vocacionada para operações de manutenção e restabelecimento da ordem pública, resolução e gestão de incidentes críticos, intervenção tática em situações de violência concertada e de elevada perigosidade, complexidade e risco, segurança de instalações sensíveis e de grandes eventos,

---

<sup>16</sup> Ordem de Serviço, n.º 07, da DN/PSP, de 3 de abril de 2002.

<sup>17</sup> Cf. art.º 41º, n.º 1, alínea e), da Lei Orgânica da PSP (LOPSP).

<sup>18</sup> Com efeito, o artigo 41.º, n.º 2, da LOPSP dispõe: “Por despacho do ministro da tutela, sob proposta do diretor nacional, podem ser destacadas, ou colocadas com carácter permanente, forças da UEP na dependência operacional, logística e administrativa dos comandos territoriais de polícia”.

segurança pessoal dos membros dos órgãos de soberania e de altas entidades, inativação de explosivos e segurança em subsolo e aprontamento e projeção de forças para missões internacionais.” (Assembleia da República, 2007a, p. 6071)

No que concerne o GOC, a sua missão também se encontra prevista no mesmo diploma<sup>19</sup>, sendo esta “uma subunidade especialmente preparada e vocacionada para a aplicação de canídeos no quadro de competências da PSP.” (Assembleia da República, 2007a, p. 6072)

#### **1.4.2. Articulação**

Em relação à sua organização, a especialidade da cinotecnia na PSP é constituído por uma subunidade central, mais concretamente o GOC, estando este responsável pela “aquisição, treino, avaliação e atualização periódica dos meios cinotécnicos; formação específica de tratadores de canídeos; exercício das competências técnicas de cinotecnia legalmente atribuídas à PSP; e manutenção de um efetivo cinotécnico operacional próprio” (Procuradoria Geral da República [PGR], 2007, p. 12922), tendo este comando direto dos meios distribuídos pelo território nacional.

E esta especialidade é também constituída por várias forças do GOC destacadas em vários locais do território nacional, nomeadamente, no Porto, em Faro, nos Açores e na Madeira, existindo equipas cinotécnicas em permanência.<sup>20</sup>

Ao nível das requisições por parte das outras unidades da PSP, no que concerne aos meios cinotécnicos, todos os pedidos são remetidos ao Departamento de Operações da Direção Nacional, que posteriormente envia para a força destacada com competência de determinada área, com o intuito de saber se têm capacidade de responder a determinado pedido de reforço, sendo feita essa gestão dos meios dentro da subunidade.

---

<sup>19</sup> Cf. Art.º 46º da LOPSP.

<sup>20</sup> Cf. Apêndice Y – Distribuição Territorial dos Meios Cinotécnicos da PSP

## CAPÍTULO 2.

### ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

Sendo o foco deste trabalho a organização territorial dos meios, é relevante definir determinados princípios para a utilização e distribuição dos meios pelo território nacional, princípios que são conformadores da organização e funcionamento da Administração Pública em qualquer uma das suas vertentes.<sup>21</sup>

Consideram-se aqui os princípios que diretamente relevam para a apreciação da distribuição geográfica e organização dos meios cinotécnicos da GNR, os princípios da eficiência, no qual se destaca a vertente da economia dos meios, da unidade de Ação e da desconcentração.

#### **2.1. Princípio da Eficiência**

Segundo Drucker adaptado por Rodrigues (1984), não é por uma organização ser eficiente que terá sucesso, porém a sua ineficiência poderá levar à falência ou inoperacionalidade dessa organização, daí ser importante garantir um certo nível de eficiência.

Na sua expressão literal, e de acordo com Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, eficiência é “(...) a característica dos elementos (pessoas, coisas, organizações) que alcançam o melhor resultado (não é apenas uma relação de grandeza, neste caso procurar-se-ia o maior rendimento, mas sim de quantidade/qualidade) com o menor dispêndio de recursos (tempo, trabalho, energia, matérias primas)” (Silva, 2010, p. 519).

O princípio da eficiência passa pela escolha por parte do agente administrativo do “(...) instrumento de atuação ou o efeito jurídico que, de modo mais intenso e imediato e juridicamente menos custoso, satisfaça o interesse público atribuído.”(Calvão, 2010, p. 332). E que essa escolha passa não passa apenas por selecionar uma opção por forma a dar resposta às necessidades, mas sim selecionando “(...) o único meio (ou a medida ótima) corresponde àquele, dos vários possíveis, que de modo mais imediato e integral, e com menores custos para os diferentes interesses envolvidos, satisfaz o interesse público” (Calvão, 2010, p. 332)

---

<sup>21</sup>Cf. artigo 267.º da CRP e artigos 2.º e 5.º, 7.º e 8.º do CPA, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 4/2015, de 7 de janeiro

É bastante usual encontrarmos o conceito de eficiência relacionado com outros dois conceitos, até quando são empregues como conceitos de diferentes dignificados, economia e eficácia, e nestes casos “(...) a economia designa o menor custo para um determinado resultado, a eficácia o alcance dos objetivos propostos com a utilização dos meios e a eficiência o melhor resultado para uma mesma estrutura de custos.” (Silva, 2010, p. 521)

Enquanto que a perspetiva da eficácia é a da “consecução do fim”, a eficiência preocupa-se com a “relação entre os custos assumidos (meios, recursos) e o fim prosseguido (benefício, êxito)” (Schmidt, 2003, p. 353). O princípio da eficiência, como nota ainda o mesmo autor (2003, p. 357), “é um princípio dotado de fundamento constitucional, que deve ser levado a sério na sistemática do Direito Administrativo”. Ora a CRP, no artigo 267.º, n.º 5, refere, expressamente, a necessidade de ser assegurado “a racionalização dos meios a utilizar pelos serviços”.

### **2.1.1. Economia de meios**

Ao abordar esta dimensão, torna-se relevante falar de dois dos onze princípios da atividade operacional da GNR, sendo estes, o princípio da concentração de meios e o princípio da economia de forças.

Pois para ser eficiente, é necessário saber como fazer uma correta gestão de meios, tendo noção exata da necessidade de empenhar de determinada forma e quantidade os meios ao dispor, e não apenas colocar os meios num local apenas para mostrar que estão presentes, conseguindo desta forma um menor dispêndio de meios.

No que concerne o princípio da concentração de meios, tem como foco principal o sucesso, e que para o atingir, “deve empregar-se uma força com capacidade superior ao adversário, no local e no momento adequados, respeitado o requisito da proporcionalidade.” (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. V-2); e, tal como referi anteriormente, a superioridade é atingida ao combinar de forma correta os meios ao dispor.

O princípio da economia de forças é um corolário do princípio da concentração de meios, isto é, por forma a se conseguir concentrar meios num determinado local torna-se necessário economizar meios noutra local. Quem tiver os meios ao seu dispor deverá “procurar cumprir a sua missão através do emprego judicioso dos meios à sua disposição, reduzindo ao mínimo o desgaste desses meios e procurando empregá-los de forma decisiva no local e momento mais adequados.” (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. V-2).

Sendo que, para cada circunstância se deve adequar a capacidade empregue, pois esta economia de forças não deverá de qualquer forma implicar a “atribuição sistematicamente

parcimoniosa dos meios mas, antes, uma distribuição da Força e Meios disponíveis pela Ação principal e pelas ações secundárias” (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. V-2).

## 2.2. Princípio da Desconcentração

Este princípio encontra-se consagrado no n.º 2 do Art.º 267º da CRP. Para Caetano (1996, p. 71) “(...) consiste em distribuir poder de decisão pelos vários graus de uma hierarquia, em vez de os reservar sempre ao superior máximo”. Ao invés da descentralização<sup>22</sup>, a desconcentração pressupõe a hierarquia, isto é manter as atribuições dentro do mesmo quadro orgânico. Assim seriam distribuídas as competências dependendo dos escalões, sendo que os de menor complexidade seriam da competência do primeiro escalão, e conseqüentemente quão maior for a complexidade mais alto será o escalão com competência para tal. Neste âmbito das decisões dos subalternos cabe recurso hierárquico por parte dos superiores (Caetano, 1996).

Este princípio tal, como tudo, apresenta vantagens e desvantagens, e segundo Sousa e Matos (2006), como vantagens este princípio apresenta as de maior eficiência, celeridade e qualidade na satisfação das necessidades e como desvantagem sobretudo o risco de multiplicação de centros decisórios, nomeadamente quando não existe a necessária preparação. Mas torna-se claro que “as vantagens avultam, naturalmente sobre os inconvenientes” (Sousa & Matos, 2006, p. 149), e ainda, segundo estes autores, a CRP procurou limitar os obstáculos a este princípio através do poder de direção, expresso enquanto princípio da unidade de ação administrativa.

## 2.3. Princípio da Unidade de Ação

Este princípio, segundo Sousa e Matos (2006, p. 150) visa “(...) evitar que a descentralização e a desconcentração administrativas levem à perda de unidade do Estado por via de pulverização de centros de decisão potencialmente desencontrados dentro da administração, (...)”, mas não só, pois os mesmos autores referem ainda que este também “(...)permite atingir uma maior igualdade da atuação administrativa (...)”.

Este princípio procura reduzir e emendar as desvantagens dos princípios da descentralização e da desconcentração. E subjacente a este princípio da unidade de ação, encontram-se importantes instrumentos, nomeadamente os poderes de direção, tutela e superintendência (Sousa & Matos 2006).

---

<sup>22</sup> “(...) em vez de reunir as atribuições de interesse público numa só entidade, as distribui por diversas pessoas jurídicas, (...)” (Caetano, 1996, p. 71).

## **CAPÍTULO 3.**

### **METODOLOGIA**

Deve ser novamente realçado que esta investigação tem como foco os meios cinotécnicos da GNR, mais concretamente o seu efetivo e a sua implantação no território nacional, com o intuito de perceber se estão a ser empenhados de uma forma eficiente ou se deverão existir mudanças. Neste sentido, é delineada uma forma de alcançar esse objetivo.

Fruto deste trabalho se tratar de uma investigação científica<sup>23</sup>, torna-se importante definir a estrutura da investigação<sup>24</sup> e o caminho metodológico seguido para atingir os objetivos traçados assim como enquadrar o início desta investigação. Decorre então o presente capítulo, onde é tratado o tipo de abordagem definida, o método científico que mais se identifica com o caminho traçado na investigação e o seu modelo de análise no que concerne às questões que se pretendem ver respondidas.

Segundo Prodanov e Freitas (2013), a palavra metodologia deriva do grego, *Meta*, *Odos* e *Logos*, que significam respetivamente ao largo, caminho e estudo; trata-se da “aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade.” (Prodanov & Freitas, 2013, p. 14).

#### **3.1 Tipo de Abordagem**

Ao iniciar esta investigação, mais concretamente na fase exploratória onde se define o desenho da investigação<sup>25</sup>, percebeu-se a indispensabilidade da obtenção de dados não apenas provenientes de entrevistas, mas também da análise de dados operacionais relativos ao emprego dos meios cinotécnicos, provenientes da análise documental.

Assim sendo, optou-se por uma abordagem mista, onde são utilizadas técnicas de investigação quantitativa<sup>26</sup> e qualitativa<sup>27</sup>.

---

<sup>23</sup> “serve para descrever os acontecimentos, verificar dados ou hipóteses, prever e controlar fenómenos.” (Fortin, 2003, p. 23).

<sup>24</sup> Vide Apêndice A – Estrutura da Investigação.

<sup>25</sup> “(...) plano lógico elaborado e utilizado pelo investigador para obter respostas às questões de investigação, (...)” (Freixo, 2012, p. 209).

<sup>26</sup> “(...) processo sistemático de colheita de dados observáveis e quantificáveis.” (Freixo, 2012, p. 171).

<sup>27</sup> “O ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados.” (Prodanov & Freitas, 2013, p. 128).

### 3.2 Método Científico

No que concerne o método científico, Freixo (2012, p. 84) define como “(...) o método utilizado nas ciências (exatas e sociais/humanas) que consiste em estudar um fenómeno da maneira mais racional possível, de modo a evitar enganos, procurando sempre evidências e provas para as ideias, conclusões e afirmações, (...)”; ainda o mesmo autor refere que a sua característica fundamental é a sua replicabilidade podendo ser conseguida através de diferentes estratégias. Prodanov e Freitas (2013, p. 126) referem que o método científico é “o conjunto de processos ou operações mentais que devemos empregar na investigação. É a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa.”.

Existindo desta forma certos métodos que derivam deste método científico, mais concretamente os métodos indutivo, dedutivo e hipotético-dedutivo, sendo que este último, segundo Freixo (2012) utiliza uma estratégia que procura conjugar os dois primeiros métodos.

Nesta situação optou-se pela utilização do método hipotético-dedutivo, sendo que o investigador tem como tarefa a formulação de hipóteses ou conjeturas e posteriormente tentar refutá-las através de testes dedutivos, verificando se são verdadeiras ou falsas (Freixo, 2012).

### 3.3 Modelo de Análise

De acordo com Popper (1984), adaptado por Prodanov e Freitas (2013, p. 33) “toda a investigação tem origem num problema, cuja solução envolve conjeturas, hipóteses, teorias e eliminação de erros;(...)”. Assim segundo Quivy e Campenhoudt (2013) com base nos princípios da pertinência, exequibilidade e clareza foi formulada a pergunta de partida, ou QC anteriormente apresentada, com o intuito de servir de primeiro fio condutor:

**QC – Será que o atual modelo de implantação territorial dos meios cinotécnicos responde às necessidades da missão da Guarda Nacional Republicana?**

E com o intuito de conseguir dar resposta à QC, foram formuladas algumas Questões Derivadas (QD):

**QD<sub>1</sub>** – Será que a utilização operacional dos meios corresponde ao que está preconizado, pelo órgão técnico nomeadamente o GIC para a área cinotécnica?

**QD<sub>2</sub>** – Com base no número e tipologia de serviços operacionais, de cada unidade, será que é ajustada a capacidade cinotécnica que lhe está conferida?

**QD<sub>3</sub>** – Será que a atual distribuição geográfica dos meios cinotécnicos permite dar resposta às necessidades da Guarda?

**QD<sub>4</sub>** – Os meios atribuídos às secções cinotécnicas permitem a sua manutenção, flexibilidade e projeção operacional?

**QD<sub>5</sub>** – Como disponibilizar os meios para assegurar que a capacidade cinotécnica melhor responda às necessidades operacionais?

Tendo em consideração o método hipotético-dedutivo e que Sousa e Baptista (2014) referem que as hipóteses são uma resposta antecipada ao problema levantado, foram dessa forma levantadas as seguintes hipóteses:

**H<sub>1</sub>** – O patrulhamento que as unidades territoriais privilegiam é o preconizado pelo órgão técnico;

**H<sub>2</sub>** – A capacidade cinotécnica de cada unidade é suficiente para responder às necessidades operacionais, sem existir necessidade de serem apoiados ou reforçados;

**H<sub>3</sub>** – O modelo de distribuição dos meios é motivado pelo interesse dos comandantes, em ter os meios sempre ao seu dispor;

**H<sub>4</sub>** – A falta de viaturas em boas condições para o transporte dos binómios influencia a flexibilidade e projeção dos meios;

**H<sub>5</sub>** – O modelo centralizado garante uma melhor resposta às necessidades operacionais que o modelo descentralizado.

## **CAPÍTULO 4.**

### **MÉTODOS E TÉCNICAS**

Começando com o significado etimológico da palavra, segundo Freixo (2012) método tem origem grega, mais concretamente a palavra *Methodos* e que significa “caminho para chegar a um fim” (Freixo, 2012, p. 85). No que concerne às Técnicas segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 222) é “um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência, são, também, a habilidade para usar esses preceitos ou normas, na obtenção de seus propósitos”.

Na sequência do capítulo anterior, é apresentada neste capítulo a caracterização do contexto de observação; os procedimentos, métodos e técnicas utilizados na recolha de dados, nomeadamente nas entrevistas e na análise documental; também é apresentada a caracterização da amostra da investigação e as técnicas de tratamento e análise de dados.

#### **4.1. Caracterização do contexto de observação**

Foi no início de 2016 que esta investigação começou a ganhar forma, com a delimitação do tema e consequentemente do título da mesma. A partir dessa data deu-se início o processo de recolha de obras bibliográficas e de documentos, mais concretamente para a elaboração do capítulo 1. Também para a tornar a investigação mais objetiva, em junho do mesmo ano, foram estabelecidos vários contactos com o GIC, com o intuito de realizar entrevistas exploratórias por forma a delimitar o estudo.

Como o estudo foi realizado a nível nacional, surgiu a necessidade de recolher dados operacionais relativos ao emprego de meios cinotécnicos no período de três anos (2014 a 2016), contactos esses que tiveram início em janeiro de 2017.

#### **4.2. Procedimentos, métodos e técnicas de recolha de dados**

No que concerne à recolha de dados, existem variadas formas de o fazer, segundo Fortin (2003, p. 240) “Os dados podem ser recolhidos de diversas formas junto dos sujeitos. Cabe ao investigador determinar o tipo de instrumento de medida que melhor convém ao objetivo do estudo, às questões de investigação colocadas ou às hipóteses formuladas.”, Freixo (2012, p. 220) também refere que a recolha de informação é “(...) processo organizado posto em prática para obter informações junto de múltiplas fontes com o fim de

passar de um nível de conhecimento, para outro nível de conhecimento ou de representação de uma dada situação ”

Começou-se por fazer a recolha de dados secundários<sup>28</sup>, mais concretamente dados operacionais relativos ao emprego de meios cinotécnicos, registados pela GNR no período de tempo compreendido entre 2014 e 2016, tendo sido verificado que para alcançar os objetivos traçados teria que ser feita a recolha de dados primários<sup>29</sup>, através da realização de entrevistas, tendo-se presente que “(...) é importante o recurso a várias fontes de informação e cruzar o seu conteúdo, de modo a que as várias fontes relatem o mesmo acontecimento e provem a sua veracidade” (Sousa & Baptista, 2014, p. 70).

#### 4.2.1. Análise documental

“A utilização da pesquisa documental é destacada no momento em que podemos organizar informações que se encontram dispersas, conferindo-lhe uma nova importância como fonte de consulta” (Prodanov & Freitas, 2013, pp. 55–56). Neste âmbito, foram recolhidos os relatórios de missão das secções cinotécnicas.<sup>30</sup>

Tendo sido pedidos, através do Comando Operacional da GNR (CO/GNR), os dados operacionais relativos ao emprego dos meios cinotécnicos a todos os Comandos Territoriais (CTer), excetuando-se o CTer de Lisboa, por não ter meios cinotécnicos, e o CTer dos Açores por não se considerar representativo. Relativamente ao tipo de dados que foram pedidos, procurou-se saber o número de operações, binómios empenhados e quilómetros percorridos, quer seja em missões operacionais ou em demonstrações, dentro de cada vertente, no período de tempo de 2014 a 2016, sendo que os dados foram posteriormente agrupados em três tabelas<sup>31</sup>.

#### 4.2.2. Entrevistas

Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 106) a entrevista visa “a obtenção de informações de um entrevistado (E) sobre determinado assunto ou problema”, é através desta que iremos conseguir dar resposta às questões que pretendemos ver respondidas. Para além do que Prodanov e Freitas (2013) dizem, também Marconi e Lakatos (2003, p. 195) referem

---

<sup>28</sup> “aqueles já disponíveis, acessíveis mediante pesquisa bibliográfica e/ou documental.” (Prodanov & Freitas, 2013, p. 102).

<sup>29</sup> “Os dados que devem ser extraídos da realidade, pelo trabalho do próprio pesquisador, (...)” (Prodanov & Freitas, 2013, p. 103).

<sup>30</sup> “documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc.” (Gil, 2008, p. 51)

<sup>31</sup> Vide Apêndices C - Tabela dados operacionais de 2014, 2015 e 2016.

que “É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”.

Assim sendo, tendo sido proposto a realização de entrevistas, procurou-se utilizar o período de tempo compreendido entre 6 a 24 de março de 2017 para realizar todas as entrevistas. Para o efeito, e como se trata de um estudo a nível nacional, procurou-se realizar as entrevistas presenciais ou por VideoTeleConferência (VTC), através da rede interna da GNR, conseguindo desta forma realizar todas as entrevistas dentro do tempo pretendido, sendo que era pedido uma ligação ao CO/GNR, e feita essa ligação entre a Escola da Guarda e o CTer onde se encontrava o entrevistado, conseguindo dessa forma manter a característica do “(...) contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores; (...)” (Quivy & Campenhoudt, 2013, p. 192). Por motivos alheios ao investigador, não foi possível realizar todas as entrevistas dessa forma, sendo que um entrevistado respondeu por escrito à entrevista.

No que concerne à produção e realização de entrevistas, procurou-se utilizar entrevistas semidiretivas, não utilizando perguntas completamente abertas, nem encaminhando com perguntas diretas, deixando o entrevistado falar abertamente sobre os temas, e respondendo em simultâneo às perguntas formuladas (Quivy & Campenhoudt, 2013). Consequentemente, foi concebido um “guião de entrevista”<sup>32</sup>, contendo 18 perguntas, elaborado no *Microsoft Word 2016*, sendo este “(...) um instrumento para a recolha de informações na forma de texto que serve de base à realização de uma entrevista” (Sousa & Baptista, 2014, p. 83).

Com o intuito de perceber se as questões iam de encontro aos objetivos da investigação, procedeu-se à sua validação, realizada tanto pelo Orientador como pela Coorientadora do trabalho, e por dois especialistas do GIC, originando assim a reformulação linguística de certas perguntas, obtendo dessa forma o guião de entrevista final. Após esta ter sido feita foi também realizado o pré-teste à entrevista definitiva, realizado ao Major (Maj) da GNR Carlos Bengala e ao Coronel (Cor) da GNR Fernando Marques.

Por forma a concretizar as entrevistas, foi enviado por e-mail um pedido de entrevista para cada entidade a ser entrevistada, sendo anexado no mesmo a “carta de apresentação”<sup>33</sup>, com o intuito de dar a conhecer os objetivos do estudo e consequentemente do enquadramento da entrevista e também da enorme relevância do contributo dos entrevistados para o sucesso da investigação. Na realização da entrevista propriamente dita, procurou-se o

---

<sup>32</sup> Vide Apêndice B - O guião de entrevista.

<sup>33</sup> Vide Apêndice B - Carta de apresentação.

consentimento do entrevistado para a gravação da entrevista, conseguindo dessa forma um cuidado redobrado na análise da transcrição e também conseguir identificar certas reações e formas de estar do entrevistado ao longo da entrevista. Para o efeito das gravações foi utilizada a aplicação *dictafone* do aparelho *Iphone 6*.

#### 4.3. Caracterização da Amostra

A amostra, segundo Freixo (2012, p. 210), “é constituída por um conjunto de sujeitos retirados de uma população”, sendo que neste caso constituem a população todos os militares da GNR que têm sob a sua alçada meios cinotécnicos. Segundo o mesmo autor existem duas categorias de amostras, as probabilísticas e as não probabilísticas. Nesta investigação procurou-se o método de amostragem não probabilística<sup>34</sup>, pois foram selecionadas determinadas entidades de cada CTer<sup>35</sup>, tendo sido utilizada a técnica de amostra por seleção racional<sup>36</sup>, conforme o Apêndice D – Entidades Entrevistadas.

Tendo isto em mente, e tal como refere a carta de apresentação<sup>37</sup>, procurou-se realizar entrevistas aos Comandantes Territoriais dos CTer que têm sob a sua alçada meios cinotécnicos, tendo em mente entrevistar oficiais que já tenham passado pelas subunidades e já tenham uma perceção mais abrangente da GNR, sendo que o modelo em análise retrata o panorama nacional e não apenas da Zona de Ação (ZA) do comando. Foi deixado ainda à consideração dos Comandantes Territoriais, poder nomear a pessoa que estes considerassem mais capaz de responder à entrevista, ficando este mandatado a responder pelo próprio comandante e pela unidade.

Foram entrevistadas entidades de todos os CTer, exceto do CTer de Lisboa pois não têm ao seu dispor meios cinotécnicos, nem o CTer dos Açores por não fazer parte da investigação, e ainda o CTer de Viseu que por motivos alheios ao investigador, após várias tentativas por parte do investigador e do Orientador do trabalho em estabelecer contacto, não foi obtida qualquer resposta, quer positiva ou negativa relativamente à realização da entrevista. Foi ainda entrevistado o Comandante do GIC, como comandante do órgão técnico da cinotecnia na GNR.

---

<sup>34</sup> “Processo pelo qual todos os elementos da população não têm a mesma probabilidade de serem selecionados para integrarem a amostra” (Freixo, 2012, p. 211).

<sup>35</sup> Vide Apêndice D - Entidades Entrevistadas.

<sup>36</sup> “(...) baseia-se na seleção pelo investigador de determinados sujeitos em função de características(...)” (Freixo, 2012, p. 212).

<sup>37</sup> Vide Apêndice B - Carta de apresentação.

#### 4.4. Técnicas de tratamento e análise de dados

A análise de dados é imprescindível para a prossecução dos objetivos traçados para a investigação, conseguir dar resposta às questões formuladas por forma a responder à questão central e também realizar a confirmação ou não das várias hipóteses levantadas.

Relativamente aos dados operacionais das secções cinotécnicas dos três anos (2014 a 2016), após ter sido elaborada a tabela<sup>38</sup> com os dados recolhidos de cada secção cinotécnica, e a sua devida análise, procedeu-se à elaboração de gráficos, com o *Microsoft Excel 2016*, por forma a simplificar a leitura e interpretação dos dados<sup>39</sup>.

No que concerne à análise das entrevistas, seguiu-se a metodologia de Freixo (2012), procedendo à análise de conteúdo<sup>40</sup> das mesmas, pois antes de passar à interpretação dos dados o investigador tem a necessidade de examinar os dados, conseguindo observar falhas, distorções ou erros, submetendo-os a uma análise crítica. De forma a fazê-lo, os dados devem ser organizados seguindo determinados passos, que segundo Freixo (2012) são a classificação, a codificação e a tabulação, sendo que ao agrupa-los de forma compreensiva consegue-se fazer uma análise e interpretação<sup>41</sup> muito mais facilitada.

Desta forma, foram determinadas cinco categorias<sup>42</sup>, representando cada uma das questões derivadas desta investigação e também as hipóteses levantadas. A cada uma dessas categorias foram atribuídas um determinado número de perguntas do guião de entrevista, originando um processo onde as respostas às perguntas contribuem para a resposta à questão derivada, mas também para a confrontação das hipóteses levantadas. Posteriormente foram determinados segmentos<sup>43</sup>, representando as ideias e expressões dos entrevistados, realizando dessa forma a codificação<sup>44</sup>, passando os dados a símbolos suscetíveis de serem tabelados e contados (Marconi & Lakatos, 2003).

---

<sup>38</sup> Vide Apêndice C - Tabela dados operacionais de 2014, 2015 e 2016.

<sup>39</sup> Segundo Sousa e Baptista (2014, p. 110) “(...) a organização dos dados corresponde a uma fase determinante da análise”.

<sup>40</sup> “(...) permite definir e analisar categorias de informação, procurando responder às perguntas de investigação.” (Sousa & Baptista, 2014, p. 163).

<sup>41</sup> “(...) trata-se sempre de resumir, organizar, estruturar ou decompor em fatores, para apresentar as relações daí resultantes.” (Sousa & Baptista, 2014, p. 116).

<sup>42</sup> “O processo de classificação é baseado num determinado critério ou fundamento adotado pelo investigador que orienta a divisão de um todo em partes, classes ou categorias” (Freixo, 2012, p. 245).

<sup>43</sup> Cf. Apêndice W - Codificação Alfanumérica das respostas ao guião de entrevista.

<sup>44</sup> “quer dizer transformar o que é qualitativo em quantitativo, para facilitar não só a tabulação dos dados, mas também sua comunicação” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 167).

## **CAPÍTULO 5.**

### **APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS**

Tendo terminado a parte referente ao enquadramento da investigação e da apresentação da metodologia, procedimentos e técnicas, surge a fase de apresentação e análises dos resultados. Aqui, “(...) os factos observados no decurso da colheita de dados são analisados e apresentados de forma a facultar uma ligação lógica com o objeto de estudo e do problema proposto (...)” (Freixo, 2012, pp. 244–245).

Assim sendo neste capítulo encontra-se plasmado essa mesma análise realizada aos dados recolhidos, mais concretamente os dados operacionais das secções cinotécnicas e também da análise de conteúdo das entrevistas realizadas.

#### **5.1. Dados Operacionais das Secções Cinotécnicas**

Relativamente a estes dados, por forma a tornar perceptível os dados que foram recolhidos e analisados, procuraram-se dividir os dados em vários gráficos.<sup>45</sup>

Desta forma, começemos por apresentar, na Figura 1, o número total de missões executadas, em cada ano em análise, de cada uma das vertentes distribuídas pelo território nacional, podendo observar tanto os empenhamentos a nível de missões operacionais e também ao nível das demonstrações.

Torna-se claro que a vertente mais empenhada a nível nacional tanto em missões operacionais como em demonstrações é a vertente de GP, e a menos empenhada é claramente a vertente de S&R. O que também se pode observar nesta figura é que o empenhamento tanto dos binómios de GP como de S&R têm-se mantido constante ao longo dos três anos, mas no caso das vertentes de DD e de DE é diferente: no caso da primeira nota-se um ligeiro aumento e no caso da vertente de DE torna-se claro que tem vindo a aumentar substancialmente, passado de 192 missões operacionais e 89 demonstrações em 2014, para 375 missões operacionais executadas e 148 demonstrações.

---

<sup>45</sup> Sendo que não se encontram presentes dados do comando de Lisboa pois este não tem meios ao dispor, do comando dos Açores por não fazer parte do estudo, e também não estão apresentados os dados do CTer de Viana do Castelo, pois não conseguiram fornecer os dados de forma completa.

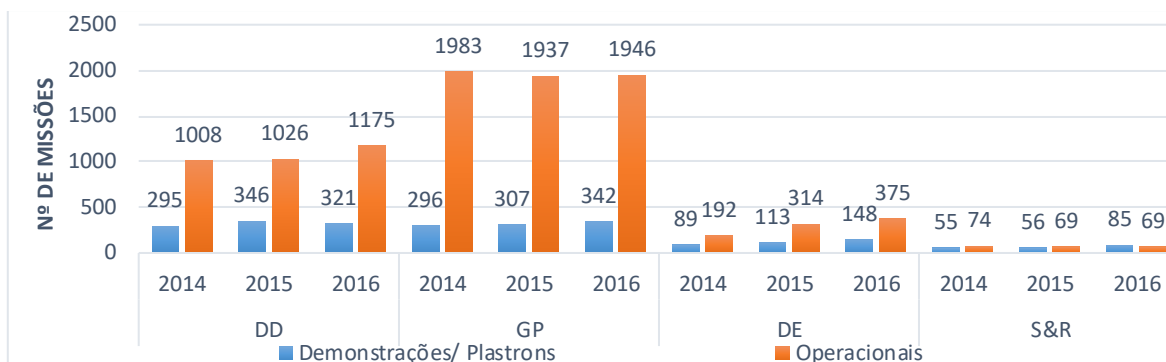


Figura 1 – Número total de missões, por ano, de cada vertente

Além disso, procurou-se perceber o nível de empenhamento dos binómios cinotécnicos de cada comando territorial, relativamente às missões operacionais e às demonstrações, sendo-nos dada essa indicação através da Figuras 2 e Figura 3, respetivamente. Ao nível do empenhamento operacional, conseguimos identificar três comandos que se destacam, devido ao fato de terem muitos empenhamentos, mais concretamente, os Comandos de Faro, Guarda e Castelo Branco, respetivamente do comando com mais empenhamento para o com menos. Contrariamente aos anteriores, ainda relativamente ao empenhamento operacional, o comando da Madeira é o que apresenta o menor número de missões executadas nos três anos, seguido de Vila Real e Setúbal.

É possível ainda perceber que a atividade operacional de cada local varia substancialmente, sendo que determinados comandos apresentam apenas uma quantidade residual de empenhamentos operacionais, comparativamente aos restantes.

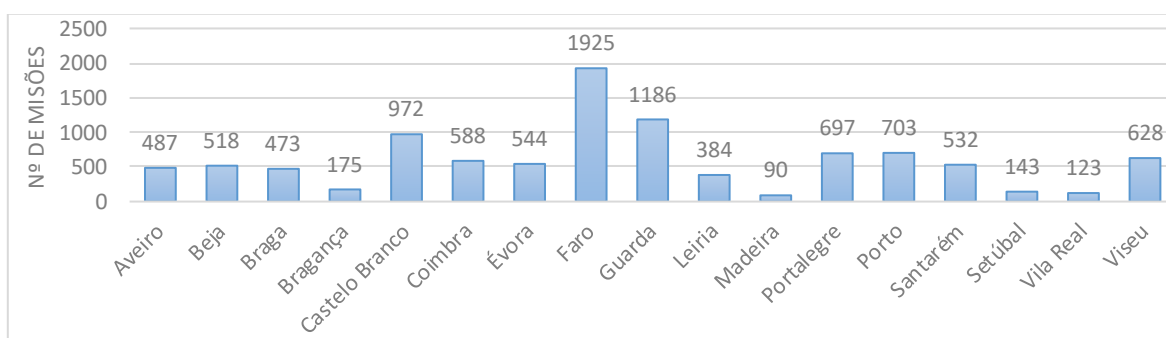


Figura 2 – Número total de missões operacionais por comando territorial

Ao nível das demonstrações, tal como referido anteriormente, com base na Figura 3, consegue-se fazer a mesma análise, onde claramente os comandos que realizaram o menor

número de demonstrações ao longo dos três anos foram Setúbal com apenas 3 demonstrações, seguido de Portalegre com 26. E relativamente aos comandos que realizaram mais demonstrações, agindo claramente de forma contrária ao preconizado pelo órgão técnico, o GIC, os comandos do Porto, Faro e Santarém com 385, 325 e 243 demonstrações realizadas, respetivamente.

Ainda com o apoio das mesmas figuras, consegue-se perceber que determinados comandos, ainda que não se destaquem relativamente aos outros, apresentam uma questão também preocupante, pois revelam um número de demonstrações superior ao número de missões operacionais, nomeadamente o comando de Vila Real com 147 demonstrações e apenas 123 missões operacionais e também o comando da Madeira com 124 demonstrações e 90 missões de caráter operacional, algo que claramente não deveria de suceder.

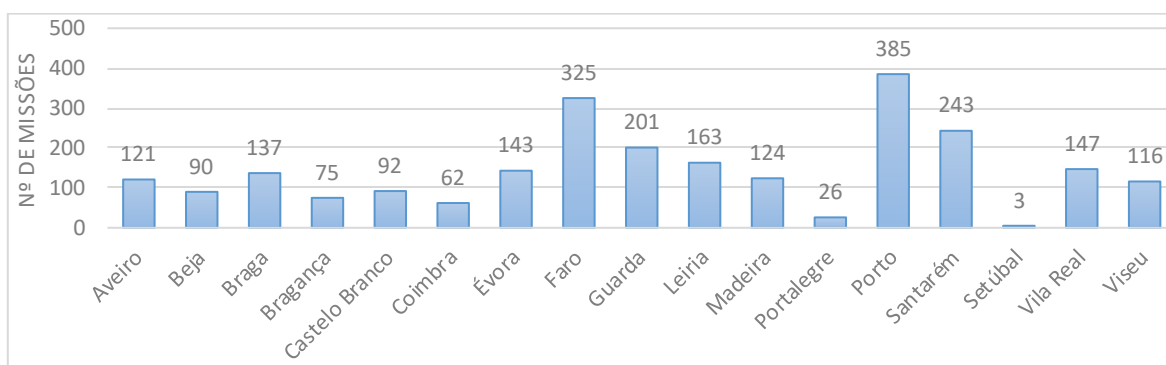


Figura 3 – Número total de Demonstrações/Plastrons por comando territorial

Depois de obtidos os dados expostos, procurou-se perceber o que se sucede ao nível de cada uma das vertentes ao dispor dos comandos territoriais. Assim sendo, começou-se pela vertente de DD, através da Figura 4, percebeu-se que os comandos de Faro e Guarda são os que realizaram o maior empenhamento dos binómios desta vertente ao nível das missões operacionais, sendo que ao nível de demonstrações também é o comando de Faro que realizou mais o emprego destes meios em demonstrações seguido de Santarém. É de relevar que os comandos de Santarém e Vila Real apresentam um maior empenhamento dos meios de DD para demonstrações, do que o que realizaram em missões operacionais. Ao nível de todos os comandos com binómios afetos a esta vertente, é Setúbal que apresenta valores mais baixos tanto na questão do empenhamento operacional como em demonstrações.

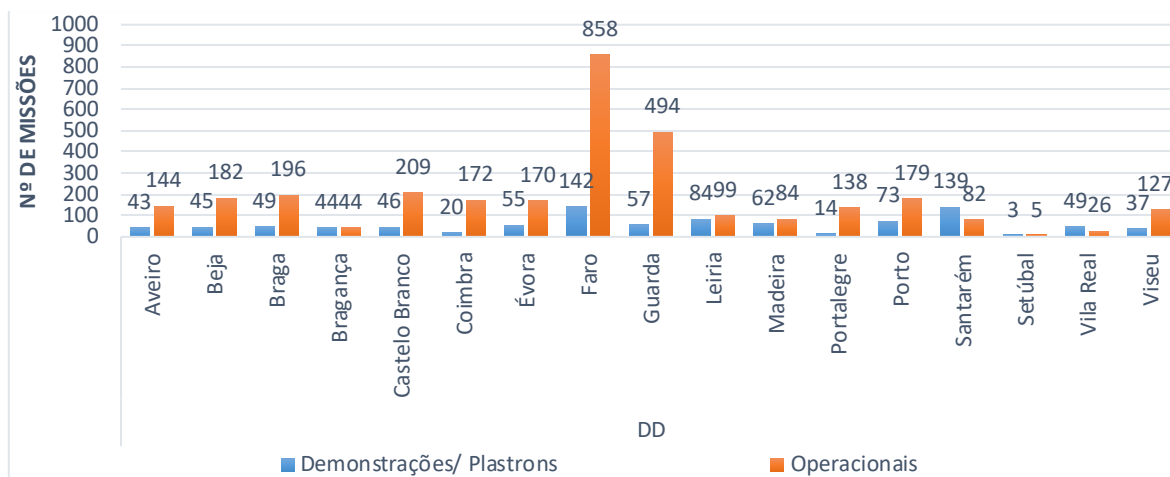


Figura 4 – Número total de missões de Detecção de Droga, por comando

Ao nível da vertente da DE, o panorama altera-se um pouco relativamente à vertente anterior. Neste caso, como se pode observar na Figura 5, o emprego dos meios em missões operacionais é sempre superior à questão das demonstrações, e o comando de Faro que tem sido sempre referido como o comando com mais missões executadas, é o segundo comando com menos empenhamentos nestes três anos, precedido por Beja que apenas apresentou 5 missões operacionais. O comando que demonstra empenhar em maior quantidade os binómios de DE é o comando de Évora com 186 missões operacionais, seguido do comando do Porto. Este último é também o comando que mais demonstrações realizou com esta vertente, nos três anos que estão em análise, apresentando 104 demonstrações desenvolvidas.

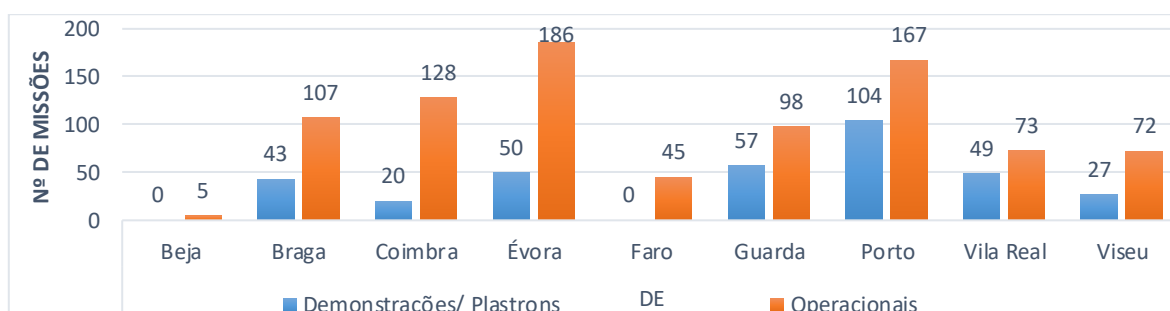


Figura 5 – Número total de missões de Detecção de Explosivos, por comando

Quanto à vertente de GP, com apoio da Figura 6, volta-se a frisar que é a vertente com mais empenhamento a nível nacional. E claramente os valores são bastante mais elevados, tendo os comandos, que se destacam com mais empenhamento operacional, Faro

e Castelo Branco, com 1007 e 763 missões executadas, respetivamente. Relativamente ao inverso, é de relevar a presença do comando de Vila Real novamente como aquele que apresenta valores mais baixos, com apenas 24 missões operacionais em três anos, sendo de salientar que, tal como anteriormente, nesta vertente de GP, apresenta também um empenhamento em demonstrações superior ao número de missões, tendo realizado 49 demonstrações do período em causa.

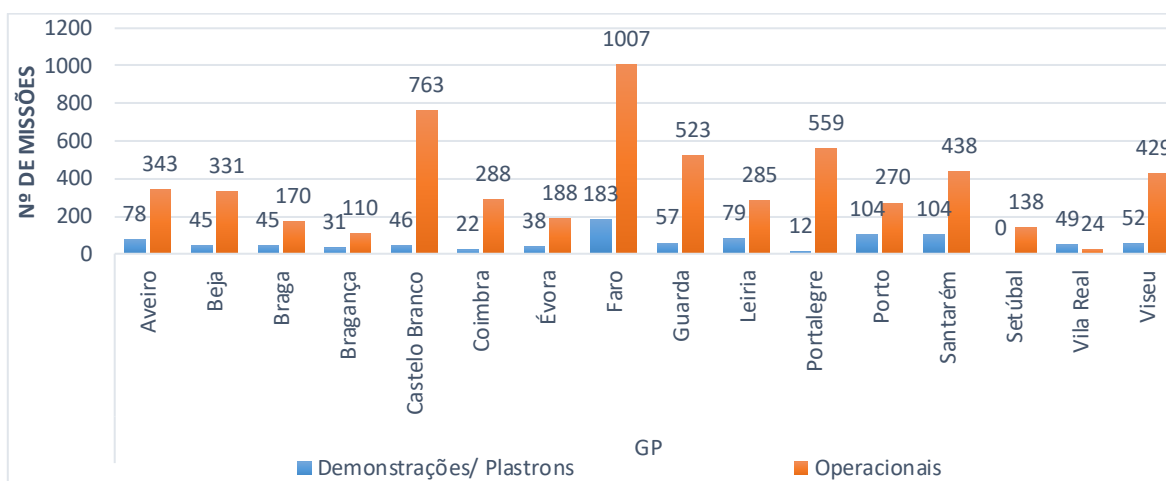


Figura 6 - Número total de missões de Guarda-Patrolha, por comando

Concluindo com a vertente de S&R, através da Figura 7, conseguimos depreender a razão pela qual esta é a vertente com menos emprego operacional de todas as vertentes, verificando-se a presença de binómios desta vertente em apenas seis comandos territoriais. Quanto aos comandos, que se destacam relativamente ao número de empenhamentos, são Porto e Guarda que apresentam um maior número de missões executadas, e a Madeira pelo oposto, apresentando apenas 6 missões executadas. Torna-se possível observar novamente a questão de existirem comandos com mais demonstrações realizadas que missões executadas como é o caso do comando do Porto, que ainda sendo o comando com mais missões executadas nomeadamente 87, apresenta também 104 demonstrações realizadas, tal como o comando da Madeira que apenas apresenta 6 missões operacionais e 62 demonstrações realizadas no período em causa.

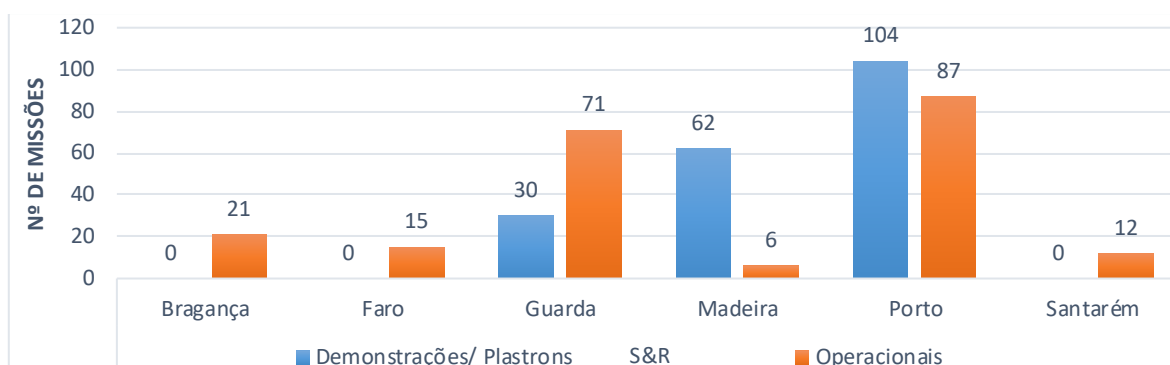


Figura 7 - Número total de missões de Busca e Salvamento, por comando

## 5.2. Análise das entrevistas

O presente subcapítulo, foca-se claramente na análise das entrevistas realizadas, tal como referido no capítulo 4, sendo que, para atingir essa análise, foram elaborados quadros contendo a análise de conteúdo de cada entrevista, contendo desta forma a codificação e o excerto das respostas que o identifica, assim como as categorias onde se encontram agrupados.<sup>46</sup> Sendo que posteriormente a essa análise foram criadas tabelas onde são apresentados os segmentos de cada resposta e nomeadamente o total de frequências registadas em cada segmento (F) e a percentagem de concordância entre todas as entidades entrevistadas (%), como poder ser conferido no remanescente do capítulo.

Tabela 1 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QA1

Segmentos	Entrevistados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
A1.1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	17/18	94
A1.2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	18/18	100
A1.3	X	X	X		X			X						X	X	X		X	9/18	50
A1.4			X							X					X	X			4/18	22
A1.5			X					X			X	X						X	5/18	28

<sup>46</sup> Cf. Apêndices E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U e V – Análise de conteúdo dos entrevistados 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 18, respetivamente

Desta forma, a QA1 foi redigida com o objetivo de perceber que vertentes se encontram presentes e podem ser encontradas com mais frequências em cada comando territorial. Assim sendo, podemos observar na Tabela 1, que 100% dos entrevistados refere que tem binómios de DD ao seu dispor (A1.2), dos mesmos, 94% tem ao seu dispor binómios de GP (A1.1), com binómios de DE (A1.3) apenas metade, 50% dos entrevistados os tem, sendo que relativamente aos binómios de S&R (A1.4) e DV (A1.5), apenas 22% e 28% dos entrevistados respetivamente, têm ao seu dispor.

Tabela 2 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QA2

Segmentos	Entrevistados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
A2.1				X		X	X	X	X		X	X		X	X		X		10/18	56
A2.2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	18/18	100
A2.3	X			X		X		X		X		X	X				X	X	9/18	50

Relativamente à QA2, procurou-se perceber de que forma é que estes meios seriam empenhados ou ativados. Desta feita, pode-se observar na Tabela 2 que, os meios são ativados em todos os locais, por ordem superior ou por entidade externa (A2.2), respondido por 100% dos entrevistados, mas ainda assim, 56% dos entrevistados refere que também são ativados e empenhados por iniciativa própria (A2.1). No que concerne às demonstrações, 50% dos entrevistados referiu que é um número elevado (A2.3), mas metade dos entrevistados não especifica se considera em demasia ou não.

Tabela 3 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QA3

Segmentos	Entrevistados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
A3.1	X	X		X	X	X		X	X	X	X				X		X		11/18	61
A3.2		X	X				X	X		X		X	X	X	X	X			10/18	56
A3.3																		X	1/18	5

Com a formulação da QA3, pretendia-se perceber se o patrulhamento se encontrava a ser realizado conforme as indicações dadas pelo GIC, neste âmbito. Pelo que 61% dos entrevistados refere que o patrulhamento é realizado apeado (A3.1), e 56% refere que é privilegiado o patrulhamento misto (A3.2), e apenas 5% respondeu que o patrulhamento é em viatura, tal como percebemos pela Tabela 3.

Ainda que 56% tenha respondido que privilegia o patrulhamento misto, destes, 3 entrevistados ou 16% refere que fazem tanto patrulhamento apeado como misto em situações diferentes, deduz-se que apenas 39% privilegia realmente o patrulhamento misto.

Tabela 4 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QB1

Segmentos	Entrevistados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
<b>B1.1</b>		X				X	X							X		X			5/18	28
<b>B1.2</b>	X		X		X					X		X	X				X	X	8/18	44
<b>B1.3</b>				X				X	X		X				X				5/18	28

Sendo a cinotecnia uma área bastante específica, também requer a utilização de recursos específicos para poder ser empenhada. Assim sendo, a QB1 procura perceber se os comandos têm ao seu dispor os recursos necessários para dar resposta aos serviços operacionais.

Desta feita, segundo a Tabela 4, apenas 28% dos entrevistados refere que tem todos os recursos necessários para dar resposta às necessidades (B1.1), e outros 28% referem que não têm os recursos que necessitam para responder às necessidades (B1.3). Já os restantes 44% dos entrevistados referem que têm os recursos, mas ao mesmo tempo encontram-se muito limitados (B1.2).

Logo, podemos perceber que 72%, do leque de entrevistados, tem os recursos necessários, ainda que 44% dos entrevistados refira que têm bastantes limitações no empenhamento dos meios para responder aos serviços operacionais.

Tabela 5 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QB2

Segmentos	Entrevistados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
B2.1		X	X	X	X				X		X	X	X		X	X			10/18	56
B2.2	X					X	X	X		X				X			X	X	8/18	44
B2.3		X	X	X				X			X		X		X	X			8/18	44
B2.4				X				X	X										3/18	17
B2.5															X				1/18	5
B2.6															X				1/18	5

Na sequência da QB1, surge a QB2 com o intuito de perceber se consideram necessário aumentar o número de binómios em determinado local e de que vertentes. Sendo que como consta na Tabela 5, 44% refere que não (B2.2), mas 56% dos entrevistados refere que necessita de mais meios ao seu dispor (B2.1), relativamente às vertentes que necessitam, 44% refere que necessita de binómios de GP (B2.3), 17% refere que necessita de binómios de DD (B2.4) e apenas 5% considera que necessita de mais binómios de DE (B2.5) e S&R (B2.6).

Tabela 6 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QB3

Segmentos	Entrevistados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
B3.1	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X		15/18	83
B3.2			X												X			X	3/18	17
B3.3		X		X				X	X	X			X	X		X			8/18	44

A QB3 surgiu com o intuito de perceber se recebem ou receberam apoio por parte de outra unidade. Tal como se pode observar na Tabela 6, 83% dos entrevistados refere que é apoiado por outra unidade (B3.1) mesmo que de forma esporádica, apenas 17% refere que não são apoiados (B3.2) e 44% faz referência em apoio por parte do GIC (B3.3).

Tabela 7 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QB4

Segmentos	Entre vistantados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
B4.1	X		X		X	X		X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	14/18	78
B4.2		X		X			X			X									4/18	22

Esta QB4 surge na continuidade da QB3, pois as unidades podem receber apoio, mas poderão não ter possibilidade de prestar apoio a outra unidade. Desta feita, com base na Tabela 7, constata-se que 78% dos entrevistados indica que tendem a apoiar outras unidades (B4.1), sendo que os remanescentes 22% referem que não o fazem (B4.2).

Tabela 8 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QC1

Segmentos	Entrevistados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
C1.1	X	X	X	X			X	X	X	X			X		X	X	X	X	13/18	72
C1.2					X	X					X	X							5/18	28
C1.3	X				X	X	X			X				X					6/18	33
C1.4	X					X	X	X	X							X	X		7/18	39

A organização da cinotecnia é o foco desta investigação, sendo que é relevante perceber se os entrevistados são conhecedores dessa mesma organização, surgindo a QC1. Como se observa na Tabela 8, dos entrevistados, 28% não tem conhecimento de como está organizada (C1.2) e 33 % que apenas conhece a realidade com que tem contacto (C1.3). Sendo que, 72% sabiam que os meios se encontravam em secções afetas às unidades (C1.1) e 39% faz referência à presença de meios no GIC da UI (C1.4).

Tabela 9 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QC2

Segmentos	Entre vistantados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
C2.1	X				X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	14/18	78
C2.2				X	X					X	X	X		X				6/18	33	
C2.3			X	X											X			3/18	17	
C2.4		X																1/18	5	

Na continuidade da QC1, é formulada a QC2, com o intuito de averiguar o nível de concordância com a forma com está organizada e distribuída a capacidade. Tendo sido apurado, como apresentado na Tabela 9, que 5% dos entrevistados não se quis pronunciar (C2.4), 17% dos entrevistados diz que não concorda (C2.3), 78% dos entrevistados refere que concorda com a forma com esta está organizada (C2.1) e 33% mesmo respondendo que sim ou que não apenas o fazem relativamente à realidade que conhece (C2.2).

Tabela 10 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QC3

Segmentos	Entre vistantados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
C3.1	X	X		X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	16/18	89
C3.2			X							X	X							3/18	17	
C3.3					X	X						X					X	4/18	22	
C3.4	X		X	X	X		X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	15/18	83	

Tendo a perceção do conhecimento por parte dos entrevistados relativamente ao modelo de organização da cinotecnia, e o grau de concordância relativamente a este, surge a QC3, procurando saber se oferecida uma possibilidade diferente de organização, estes manteriam a sua opinião referente ao modelo implantado, ou considerariam mais proveitoso o novo modelo proposto.

Tal como é perceptível na Tabela 10, é relevante que 89% dos entrevistados manteria o modelo descentralizado (C3.1), apenas 17% considerou que o modelo centralizado poderia

ser uma mais valia (C3.2) dos quais um entrevistado apostaria na centralização e na descentralização em situações diferentes. Alguns entrevistados, nomeadamente 22%, também referiu que a centralização poderia ser uma mais valia a nível doutrinário (C3.3), mas uma situação relevante é a questão de 83% dos entrevistados fazer referência que meios deverão encontrar-se sob a sua alçada, ao seu dispor (C3.4). Esta ultima demonstra claramente um interesse por parte destes em ter sempre comando e controlo sob os meios.

Tabela 11 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QD1

Segmentos	Entrevistados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
D1.1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	17/18	94
D1.2												X							1/18	5
D1.3		X						X				X			X	X	X	X	7/18	39
D1.4						X			X	X	X	X					X		6/18	33

Com a QD1, pretende-se perceber se os materiais afetos às unidades são os necessários para ser possível a realização de treinos, algo que é fundamental na capacidade cinotécnica. Desta feita, é possível averiguar na Tabela 11, que 94% dos entrevistados respondeu que tem os meios necessários (D1.1), apenas 5% respondeu que não tem (D1.2), é ainda de referir que 39% considera que necessita de mais material (D1.3), e ainda que 33% refere que quando existe falta de material a própria unidade procura colmatar essa lacuna (D1.4).

Tabela 12 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QD2

Segmentos	Entre entrevistados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
D2.1			X		X		X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	13/18	72
D2.2	X	X		X		X						X						5/18	28	
D2.3	X		X		X		X		X	X			X		X	X	X	10/18	56	
D2.4	X									X		X				X	X	5/18	28	
D2.5		X		X	X		X			X			X			X		7/18	39	
D2.6						X												1/18	5	

As viaturas são um importante fator na atividade dos meios cinotécnicos, permitindo a projeção dos meios para dar resposta às solicitações operacionais. Tendo sido formulada a QD2, que tendo em conta a Tabela 12, dos entrevistados, 28% refere que as viaturas não permitem a projeção dos meios para o cumprimento das solicitações (D2.2) e os restantes 72% referem que permitam (D2.1), mas 56% dos entrevistados refere que têm limitações (D2.3). As limitações passam por utilizarem viaturas adaptadas (D2.4) segundo 28% dos entrevistados, já 39% diz que é devido às viaturas se encontrarem em más condições (D2.5) e apenas 5% respondeu que não têm viaturas atribuídas à secção (D2.6).

Tabela 13 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QD3

Segmentos	Entre entrevistados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
D3.1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	18/18	100	
D3.2	X		X	X			X		X	X		X	X	X			X	10/18	56	
D3.3		X			X	X	X	X			X	X		X		X	X	11/18	61	
D3.4															X	X		2/18	11	

Na Sequência da QD1, foi elaborada a QD3, tentando perceber se os militares têm os horários de treino planeados, e se o horário é possível cumprir face ao emprego operacional. Assim sendo, como é possível confirmar na Tabela 13, 100% dos entrevistados confirma

que os horários de instrução estão previstos e planejados (D3.1), sendo que para 56% o empenhamento operacional não afeta de forma alguma a instrução (D3.2), 61% dos entrevistados refere que em certas e determinadas situações são necessários ajustes para cumprir (D3.3), e apenas 11% considera que não é possível cumprir (D3.4).

Certos entrevistados como é o caso dos E7, E14 e E17 referem tanto que o empenhamento operacional não afeta a instrução, como referem que a instrução é cumprida com certos ajustes, isto surge devido ao fato dos entrevistados terem feito diferenciação entre vertentes.

Tabela 14 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QD4

Segmentos	Entrevistados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
D4.1		X	X	X		X			X	X	X		X	X		X	X	X	12/18	67
D4.2	X				X		X	X				X			X				6/18	33

A QD4 é formulada na sequência da QB4, inquirindo se, relativamente aos recursos cinotécnicos, são capazes ou não de responder ao pedido de reforço ou apoio de outra unidade. Desta feita, pode constatar-se na Tabela 14 que todos são capazes de o fazer, 67% refere que claramente o consegue fazer (D4.1), e os restantes 33% que consegue prestar esse apoio, mas com certas limitações (D4.2).

Tabela 15 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QD5

Segmentos	Entrevistados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
D5.1			X	X				X				X			X				5/18	28
D5.2	X	X		X	X	X	X		X	X		X			X	X	X		12/18	67
D5.3											X		X	X				X	4/18	22

A atuação dos meios cinotécnicos, como tudo, pode ter ou não constrangimentos inerentes à sua utilização. Com a QD5, pretende-se perceber se existem ou não, e quais.

Assim sendo, apenas 22% dos entrevistados refere que não existem constrangimentos (D5.3), pois 28% menciona que os constrangimentos se prendem com a falta de recursos humanos e/ou animais (D5.1), e 67% confirma que constrangimentos referentes às viaturas (D5.2) se torna claramente uma limitação na atuação dos mesmos. Assim sendo, percebe-se que existe certamente constrangimentos na atuação, não propriamente ao nível do efetivo, mas sim relativamente às viaturas para a sua projeção.

Tabela 16 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QE1

Segmentos	Entre vistados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
<b>E1.1</b>	X		X	X		X						X	X		X	X	X		9/18	50
<b>E1.2</b>		X			X		X	X	X		X	X		X			X	X	10/18	56
<b>E1.3</b>								X											1/18	5
<b>E1.4</b>										X			X				X		3/18	17

A QE1 procura perceber, na opinião dos entrevistados, qual a melhor forma de conseguir dar uma melhor resposta às necessidades. 56% refere que o modelo atualmente implantado será a escolha mais viável (E1.2), ainda assim alguns entrevistados que consideraram essa como a escolha mais viável, também apresentaram vantagens em se adotar uma descentralização, centralizada em certas secções, permitindo cobrir uma área maior (E1.1), mais concretamente 50% do leque de entrevistados. Ainda assim surgiu um número minoritário que apresentara fundamentos de uma possível organização mais descentralizada (E1.3), 5% dos entrevistados, ou na centralização por parte de 17% dos entrevistados, fundamentado na Tabela 16.

Tabela 17 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QE2

Segmentos	Entre vistantados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
E2.1		X			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	15/18	83
E2.2	X		X	X	X								X						5/18	28
E2.3	X				X	X	X				X		X	X	X	X	X		10/18	56
E2.4		X		X				X										X	4/18	22

Ainda na continuidade da QE1, procurou-se perceber se os entrevistados considerariam que a atribuição de meios e recursos, estando estes distribuídos por mais locais permitiriam uma maior capacidade operacional. Identificando-se na Tabela 17, que 83% dos entrevistados considera que a atribuição de mais recursos permite uma maior capacidade operacional (E2.1), pelo que 28% refere que essa atribuição de mais recursos não seria uma mais valia (E2.2). Desta feita, determinados entrevistados ainda se pronunciaram relativamente à localização onde ficariam sediados os meios que viriam a ser atribuídos, sendo que 56% dos entrevistados expõe que devem ser centralizados numa secção da unidade territorial (E2.3), e ainda 22% dos entrevistados mencionam que devem ser descentralizados por mais secções da unidade territorial (E2.4).

Tabela 18 - Análise quantitativa e qualitativa das respostas à QE3

Segmentos	Entrevistados																		F	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
E3.1						X							X	X			X	X	5/18	28
E3.2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X		17/18	94
E3.3	X		X	X	X		X							X					6/18	33
E3.4		X	X		X		X	X											5/18	28
E3.5			X							X	X								3/18	17

Terminando com a QE3, que procura perceber a opinião dos entrevistados, relativamente à perda dos seus binómios para outra unidade estando estes organizados num pelotão, tendo que requisitar os meios.

Sendo possível conferir na Tabela 18, 94% dos entrevistados menciona que não é viável essa organização (E3.2), e 28% dos entrevistados consideraram viável esta opção (E3.1), sendo que certos entrevistados, que não concordavam com a organização proposta, referiram uma possível situação onde seria viável. Ainda para além destas, 33% dos entrevistados mencionaram que poderia ser organizada numa centralização em certos pontos, dentro da descentralização a nível nacional (E3.3), também apresentado a questão de ser secções em vez do pelotão, tendo sido proposto (E3.4) por 28% dos entrevistados. E apenas 17% dos entrevistados abordaram a situação do GIC com o comando de todos os binómios a nível nacional como uma mais valia.

### **5.3. Considerações finais**

Tendo sido apresentados e analisados os resultados obtidos, importa, neste momento, a descrição dos resultados e estabelecer relações, tendo por base as percentagens de concordância dos entrevistados relativamente às perguntas realizadas.

Assim sendo, percebemos que os binómios mais distribuídos pelas unidades territoriais são claramente das vertentes de DD e GP, sendo que as restantes não se encontram assim tão dispersas pelo território nacional, o que leva a entender que já terá sido realizado um estudo face às necessidades dessas zonas, sendo que será possível que as necessidades dos locais também possam estar em constante mudança, face ao serviço operacional.

Quanto à sua ativação, é confirmado que é realizado com maior frequência através de ordens superiores ou por entidade externa, mesmo que atuem dentro do comando, sendo empregues tanto em prevenção como em reação a algum incidente. Relativamente às demonstrações, apenas metade faz referência à sua opinião face à quantidade das mesmas ao longo do ano, e referem todos que são em demasia. Abordando o tipo de patrulhamento que estes privilegiam, percebemos que claramente o patrulhamento mais desenvolvido nas unidades é o apeado, contrariamente ao preconizado pelo GIC, o órgão técnico referente à capacidade cinotécnica.

Relativamente aos recursos cinotécnicos, é perceptível que existem claramente os necessários para dar resposta às necessidades operacionais em quase todo o território nacional, ainda que haja claramente limitações nessa atuação. Tendo em consideração que pouco mais de metade dos entrevistados refere a necessidade de aumentar o número de meios

ao seu dispor, torna-se claro que existe uma maior procura pelos binómios de GP, mas percebemos também que existe a falta de meios afetos a esta capacidade um pouco pelo território nacional.

No que diz respeito à questão de reforços e apoios entre as unidades, quase todos os entrevistados, 83%, referem que são apoiados e apoiam outras unidades, o que leva a compreender que existe assim uma complementaridade entre unidades, apoiando-se mutuamente em caso de necessidade, e que se torna exequível existirem meios externos à unidade a atuar em prol desta, ainda que sejam meios de uma unidade bastante centralizada como o GIC sendo este o organismo encarregue do apoio à capacidade cinotécnica a nível nacional.

Abordado a organização da capacidade cinotécnica, percebe-se que existe a noção pela maior parte dos entrevistados de que os meios se encontram em secções afetas às unidades territoriais, ainda que certos entrevistados apenas tenham conhecimentos dos comandos limítrofes. É de referir que os entrevistados maioritariamente concordam com o modelo de distribuição dos meios cinotécnicos no território nacional, que se encontra implantado neste momento e que quando dada uma alternativa ao referido modelo, estes manteriam o modelo mais descentralizado pelo território nacional. Mas também se tornou claro que existe um interesse por parte destes em ter os meios sob a sua alçada, mantendo o comando e controlo dos mesmos.

Relativamente à manutenção dos meios, foi confirmado que as unidades têm os recursos materiais para realizar treinos, e que como apenas pouco mais de um terço dos entrevistados refere que são as unidades onde se encontram sediados que procura adquirir esses materiais, leva a deduzir que é o Órgão Técnico que maioritariamente disponibiliza esses recursos. E ainda que os horários de instrução estão previstos e que são praticamente sempre cumpridos, sendo necessário ou não algum ajuste no planeamento.

Quanto à sua projeção, maioritariamente as unidades têm os meios que garantem a projeção dos seus binómios, face às solicitações, mas com certas limitações, condicionando desta forma o conforto e segurança tanto dos animais como dos tratadores, podendo originar uma perda de eficácia da sua capacidade operacional. No que concerne a flexibilidade da capacidade cinotécnica, percebe-se que maioritariamente as unidades têm capacidade de prestar apoio e reforço a outras unidades, ainda que com limitações. Limitações estas que, por opinião dos entrevistados prende-se em maioria com um constrangimento, mais concretamente ao nível das viaturas para realizar essa mesma projeção de meios.

No que respeita a dispersão dos meios pelo território nacional, mais de metade dos entrevistados considera que o modelo atualmente implantado garante a melhor forma de dar resposta às necessidades operacionais, mas paralelamente, e com a referência de dois entrevistados que também concordam com o modelo anterior, metade dos entrevistados refere que, tendo em mente a descentralização do modelo implantado, existir uma centralização de meios em certas secções ao nível do território nacional.

Entende-se ainda que, para os entrevistados, a existência de mais meios, iria garantir uma maior capacidade operacional, sendo que mais de metade dos entrevistados volta a referir que estes devem-se encontrar centralizados num ponto da unidade. E a centralização deste tipo de meios num pelotão não será viável, devido ao tipo de atuação que estes realizam, nomeadamente na reação a incidentes e na prevenção, tendo os meios afastados em demasia dos locais onde são necessários.

## CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Este último capítulo visa o término de todo o processo de investigação, conseguindo a partir da síntese dos dados analisados retirar determinadas conclusões, alcançar as respostas às questões derivadas formuladas, conseguindo através destas dar resposta à questão central, foco da investigação.

Assim sendo neste capítulo é realizada a verificação das hipóteses, são respondidas as questões derivadas, feitas considerações finais e respondida a questão central, abordadas algumas limitações do trabalho e possíveis investigações futuras.

### 6.1. Verificação das hipóteses

Tendo sido formuladas hipóteses no início da investigação, chegou o momento de confirmar ou refutar estas hipóteses, sendo que para o fazer poderá apenas ser com base nos dados colhidos (Prodanov & Freitas, 2013). Desta feita, e com os procedimentos de confirmação de hipóteses expostos por Sarmiento (2013), tendo em consideração o referencial de verificação das hipóteses<sup>47</sup>.

No que diz respeito à H<sub>1</sub>: **“O patrulhamento que as unidades territoriais privilegiam é o preconizado pelo órgão técnico”**, sendo que o patrulhamento preconizado pelo órgão técnico é o patrulhamento misto, tendo em atenção à QA3, mais concretamente a sua análise, claramente apenas 39% dos entrevistados privilegia o patrulhamento misto, o que leva à não verificação desta hipótese com fundamento nas entrevistas.

Relativamente à H<sub>2</sub>: **“A capacidade cinotécnica de cada unidade é suficiente para responder às necessidades operacionais, sem existir necessidade de serem apoiados ou reforçados”**, esta não foi verificada tendo como fundamento as entrevistas realizadas, sendo que do leque de respostas à QB3, consegue-se identificar apenas 17% dos entrevistados referiram que não são apoiados por outra unidade, sendo os remanescentes 83% entrevistados que são claramente apoiados. Complementando a mesma na QB1, 56% dos entrevistados refere que necessita de mais meios ao seu dispor.

No que concerne à H<sub>3</sub>: **“O modelo de distribuição dos meios é motivado pelo interesse dos comandantes, em ter os meios sempre ao seu dispor”**, está verificada, através da análise das respostas às questões da categoria C das entrevistas, mais

---

<sup>47</sup> Anexo D - Referencial de verificação das hipóteses.

concretamente na QC3, onde 83% dos entrevistados faz referência à importância dos meios se encontrarem ao seu dispor, sendo que 89% dos entrevistados na mesma questão apresenta o modelo descentralizado como a organização a seguir face à alternativa. O que claramente se percebe, que ao existir uma descentralização maior dos meios, torna-se garantido o comando e controlo dos meios ao seu dispor.

Quanto à H4: **“A falta de viaturas em boas condições para o transporte dos binómios influencia a flexibilidade e projeção dos meios”**, as viaturas representam um fator determinante na projeção e flexibilidade dos meios, devido as características dos animais, nomeadamente as suas vulnerabilidades, como da janela temporal no emprego dos meios ser reduzida. Esta hipótese é parcialmente verificada, fundamentada nas respostas às questões da categoria D das entrevistas realizadas, verificando-se quanto à flexibilidade, que 100% dos entrevistados refere conseguir apoiar outras unidades ainda que 33% dos entrevistados consiga prestar, mas com limitações, o que relativamente à projeção dos meios, 72% dos entrevistados referem que têm os meios necessários para o fazer, mas que 56% também faz referência à existência de limitações. O que direciona para a resposta à QD5, onde, face às limitações na flexibilidade e na projeção, 67% dos entrevistados releva as viaturas como constrangimento.

Por último, atendendo à H5: **“O modelo centralizado garante uma melhor resposta às necessidades operacionais que o modelo descentralizado”**, esta é não verificada. Tal fundamenta-se concretamente nas respostas à QE1, que quando questionados acerca de qual o melhor modelo para dar resposta às necessidades, apenas 17% dos entrevistados referiu o modelo centralizado. Por forma a corroborar o resultado obtido, face à QE3, onde se apresenta um modelo de centralização dos meios num pelotão, 94% afirma que esse modelo não seria viável, nomeadamente devido às necessidades da presença imediata dos binómios em determinadas situações, encontrando-se afastados em demasia do local onde são necessários.

## **6.2. Resposta às questões derivadas**

Tendo sido realizada a verificação das hipóteses, procede-se à resposta das QD que foram formuladas para esta investigação.

Relativamente à QD1: **“Será que a utilização operacional dos meios corresponde ao que está preconizado, pelo órgão técnico nomeadamente o GIC, para a área cinotécnica?”**, considerando a análise de dados operacionais realizada, mais concretamente a análise da Figura 3 a nível da cinotecnia em geral e as Figuras 4, 5, 6 e 7 mais a nível

específico de cada vertente, percebe-se que claramente existe efetivamente um excesso de demonstrações realizadas por parte de quase todos os CTer, variando entre CTer, e entre vertentes, chegando a existir mais demonstrações realizadas do que missões executadas, mas também a resposta à QA2, onde os entrevistados que partilham a sua opinião acerca da quantidade de demonstrações, fazendo 50% a referirem que consideram ser demasiadas (A2.3) fundamentando esta mesma situação.

Como percebemos através da resposta à QA1, excetuando o CTer da madeira, todos os outros restantes têm binómios de GP ao seu dispor, sendo que, o que se encontra preconizado pelo Órgão Técnico, é que o patrulhamento que estes meios devem executar é o patrulhamento misto, devido as suas características, vantagens e desvantagens já apresentadas no enquadramento teórico, sendo que na resposta à QA3, como poderá ser observado na Tabela 3 e a sua referente análise, o patrulhamento privilegiado pela maioria das unidades é o patrulhamento apeado.

Portanto, face ao número excessivo de demonstrações, e ao patrulhamento privilegiado ser o patrulhamento apeado, entende-se que claramente a sua utilização operacional não corresponde ao que está preconizado pelo GIC.

No que respeita a QD2: **“Com base no número e tipologia de serviços operacionais, de cada unidade, será que é ajustada a capacidade cinotécnica que lhe está conferida?”**, tendo atenção à Figura 2 e a análise elaborada a partir da mesma, no que concerne à análise dos dados operacionais, mais concretamente o número de operações de cada unidade, percebe-se que as necessidades operacionais mudam de zona para zona. Começando pelos recursos necessários para dar resposta aos serviços operacionais, segundo as repostas à QB1, depreende-se que 72% dos entrevistados refere que tem os recursos, ainda que 44% também refere que têm bastantes limitações no empenhamento dos meios.

Quanto à necessidade ou não de mais binómios, na QB2, 56% dos entrevistados referiam que sim, representado mais de metade do território nacional, realizando um foque maior na necessidade de mais binómios de GP face às restantes vertentes. Relativamente às questões referentes ao reforço e apoio entre as unidades, QB3 e QB4, atendendo que 83% dos entrevistados refere que são apoiados por outra unidade (B3.1), e 78% refere que prestam apoio ou reforço a outra unidade (B4.1), leva a deduzir que existe assim uma complementaridade entre as unidades, apoiando-se mutuamente em caso de necessidade.

Tendo em consideração, o apresentado anteriormente, referente à necessidade de recursos, a necessidade de ter mais meios demonstrada por parte dos entrevistados e a complementaridade entre unidade na cedência de meios, existindo a necessidade e a falta

destes, leva a considerar que a capacidade cinotécnica das unidades não se encontra ajustada face as suas necessidades.

No que concerne a QD3: **“Será que a atual distribuição geográfica dos meios cinotécnicos permite dar resposta às necessidades da Guarda?”**, tendo em análise o conhecimento por parte dos entrevistados em relação à distribuição dos meios da QC1, permite perceber que existe uma noção pela maior parte dos entrevistados, 72% mais concretamente, referindo que se encontram em secções afetas às unidades territoriais. Quando questionados se concordariam com o modelo atualmente implantado, é de referir que os entrevistados maioritariamente concordaram, tendo 78% referido que sim (C2.1).

Tendo em consideração a QC3, compreende-se que mesmo sendo dado uma alternativa ao modelo implantado, 89% dos entrevistados manteria o modelo descentralizado, sendo que complementado pela QE1, onde 56% dos entrevistados refere que o atualmente implantado será a escolha mais viável para responder às necessidades.

Desta feita, entende-se que a atual distribuição geográfica dos meios cinotécnicos permite a resposta às necessidades operacionais que surgem nas zonas de responsabilidade da Guarda.

Em referência à QD4: **“Os meios atribuídos às secções cinotécnicas permitem a sua manutenção, flexibilidade e projeção operacional?”**, foram analisadas as perguntas referentes à categoria D do guião de entrevista, desta forma consegue-se perceber que em relação à manutenção dos meios, como pode ser observado na QD1, o treino é algo fundamental na capacidade cinotécnica por forma a conseguir manter os cães devidamente operacionais e prontos para responder às necessidades da Guarda, sendo que praticamente todos, mais concretamente 94% entrevistados refere que têm os meios necessários para a realização de treinos (D1.1), e através da QD3, compreendemos que 100% dos entrevistados refere que os horários de instrução estão previstos e planeados (D3.1), e que 94% refere que os horários de instrução são cumpridos quer seja necessário fazer ajustes no planeamento ou não (D3.2 e D3.3).

Quanto à flexibilidade que a capacidade cinotécnica apresenta, abordando a QD4, dá a entender que todas as unidades têm capacidade para prestar apoio a outra unidade, sendo que 100% dos entrevistados refere que claramente o consegue fazer (D4.1) ou consegue prestar com algumas limitações (D4.2).

Tendo em consideração a projeção dos meios tanto para as solicitações na sua ZA ou em apoio a outras unidades, as viaturas são um importante fator na atividade dos meios cinotécnicos, tomando atenção às repostas dadas à QD2, percebe-se que grande parte dos

entrevistados, nomeadamente 72% destes, considera que os recursos que têm permitem a projeção destes (D2.1), ainda que 56% dos entrevistados também refira que têm limitações a realizar a projeção dos mesmos meios. Limitações essas, que segundo a QD5, se prende maioritariamente com constrangimentos referente a viaturas (D5.2).

Logo, como foi possível perceber a manutenção dos binómios é passível de ser garantida, a sua flexibilidade também está confirmada ainda que existam constrangimentos, e a capacidade de projeção, ainda que com constrangimentos é garantida, como o E16 refere “(...) porque vão do ponto A para o ponto B e levam os cães consigo, mas se são as condições ideais, claramente não são (...)”, sendo feita a projeção mas com viaturas adaptadas ou em más condições que garantem apenas as condições mínimas de segurança e conforto para os cães e os tratadores. Desta feita percebe-se claramente os meios atribuídos às secções cinotécnicas permitem a sua manutenção, flexibilidade e projeção operacional, ainda que com constrangimentos.

Por último, quanto à QD5: **“Como disponibilizar os meios para assegurar que a capacidade cinotécnica melhor responda às necessidades operacionais?”**, considerando a QE2, abordado a possibilidade de existência de mais meios disponibilizados pelo território nacional, 83% dos entrevistados referiu que a atribuição de mais recursos permitiria uma maior capacidade operacional (E2.1), sendo que ainda 56% dos entrevistados refere que ao serem distribuídos mais meios, que os concentrariam, ao invés de os descentralizar mais pelo território nacional (E2.3).

Quando abordada a QE1 do guião de entrevista, onde os entrevistados foram questionados diretamente qual seria a melhor forma de disponibilizar os meios para garantir a resposta às necessidades da Guarda, 56% refere que o modelo atualmente implantado é a escolha mais viável para organizar os meios (E1.2), mas 50% dos entrevistados, contando com dois entrevistados que paralelamente também reponderam que seria o modelo atualmente implantado, consideram que mantendo a descentralização do modelo atualmente implantado, existir uma centralização de meios em certas secções nível do território nacional (E1.1).

Tendo em consideração a alternativa apresentada na QE3, com a possível perda dos meios em prol da concentração num pelotão noutra unidade, tendo estes de ser requisitados, 94% dos entrevistados referem que esse modelo não se tornaria viável (E3.2), devido ao tipo de atuação que estes realizam, nomeadamente na reação a incidentes e na prevenção, tendo os meios afastados em demasia dos locais onde são necessários.

Em suma, considerando que as duas respostas com mais frequência à QE1, se baseiam no modelo descentralizado, que a atribuição de mais recursos permitiria uma maior capacidade operacional, e que a concentração dos meios num pelotão por região, será levar ao extremo a centralização, não se tornando viável. Deduz-se que por forma a melhor responder às necessidades operacionais, os meios deverão continuar distribuídos ao longo de toda a malha territorial da zona de responsabilidade da Guarda descentralizados, alocando meios por forma a concentrar em determinadas zonas com mais necessidade de emprego dos meios, a garantir desta forma um aumento dos meios em determinadas zonas chave, originando uma reposta mais eficiente e rentável dos meios em caso de necessidade.

### 6.3. Resposta à questão central e considerações finais

O desenvolvimento de todo o trabalho de investigação culmina na resposta ao ponto de partida para esta investigação, a questão central: **“Será que o atual modelo de implantação territorial dos meios cinotécnicos responde às necessidades da missão da Guarda Nacional Republicana?”**.

Assim sendo, fundamentado nas repostas às QD, que objetivamente dão resposta à QC, considera-se que sim, o atual modelo de implantação dos meios cinotécnicos responde claramente às necessidades da missão da GNR, ainda que não o faça da melhor forma possível, sendo que este modelo é passível de sofrer alterações, com o intuito de conseguir tornar esta capacidade mais eficiente e rentável. Ora o princípio da eficiência postula que deve ser satisfeito o interesse público, mediante a melhor medida a tomar, de entre as variadas à escolha, procurando de modo mais imediato e integral, e com menores custos para os diferentes interesses envolvidos.

Desta feita, resta poder dar alguns *inputs* com o intuito de melhorar este modelo. Como foi possível observar nas repostas às QB3 e QB4, crê-se que existe uma complementaridade entre as unidades, entendendo que se torna exequível, existirem meios externos à unidade a atuar em prol desta. Relativamente às repostas à QE2, entende-se que o aumento de meios garante uma maior capacidade operacional.

Assim sendo é de considerar que os meios deverão continuar distribuídos ao longo de toda a malha territorial da área de responsabilidade da Guarda, alocando meios de determinadas secções por forma a concentrar em determinadas zonas com mais necessidade de emprego dos meios, e garantir desta forma um aumento dos meios em determinadas zonas chave, originando uma reposta mais eficiente e rentável dos meios em caso de necessidade tal como é referido na QD5.

Por forma a garantir esta distribuição, e tendo em consideração o interesse que existe por parte dos comandantes em ter os meios sempre ao dispor e como os meios concentrados em secções-chaves cujo a área de responsabilidade corresponderia à de vários CTer, considera-se que o território nacional deve ser observado como um todo e não dividido por comandos territoriais, onde cada comando se encontra focado na sua ZA assim como garantir que a utilização dos meios vá de encontro ao preconizado pelo órgão técnico por forma a ser viável esta distribuição, o órgão técnico deverá ter o comando direto dos binómios distribuídos pelo território nacional, aplicando o princípio da desconcentração abordado no enquadramento conceptual, tal como já se encontra aplicado na PSP, e em determinadas unidades da *Guardia Civil*, relativamente aos meios cinotécnicos.

Relativamente aos objetivos de investigação, os OE claramente que foram cumpridos, nomeadamente o OE<sub>1</sub> – **“Apresentação dos modelos da Policia de Segurança Publica e da Guardia Civil, para os comparar ao nível da organização, estrutura e missões”**, foi cumprido através dos subcapítulos 1.2 e 1.3; quanto ao OE<sub>2</sub> – **“Realizar de um levantamento dos meios que fazem parte integrante do modelo da GNR”**, foi alcançado através do subcapítulo 4.2.1 e o apêndice C; no que concerne o OE<sub>3</sub> – **“Análise das missões e expectativas que estão associadas ao modelo da GNR”**, foi verificado através dos subcapítulos 1.2 e 5.1; no que diz respeito o OE<sub>4</sub> – **“Determinar as potencialidades e fragilidades deste modelo da GNR”**, torna-se perceptível que foi cumprido segundo o Capítulo 5 e os subcapítulos 6.1, 6.2 e 6.3; e por fim o OE<sub>5</sub> – **“Explorar as potencialidades e eventualmente apontar para soluções que permitam debelar as eventuais fragilidades analisadas”** que como se percebe com o desenvolver deste mesmo subcapítulo, foi alcançado através do subcapítulo 6.3.

Como se torna perceptível, ao terem sido cumpridos os objetivos específicos traçados para a investigação, por conseguinte cumpriu-se o objetivo geral – **“A análise do modelo de distribuição dos meios cinotécnicos no território nacional, anteriormente referido, verificando se necessita de ajustes ou alterações.”**

#### **6.4. Limitações da investigação**

No desenvolvimento do processo de investigação, manifestaram-se certas limitações. É de relevar que esta é uma área bastante específica, o que leva a maior necessidade de confirmação de informação com especialistas.

Outra limitação foi a área que foi analisada ser bastante vasta, impossibilitando o deslocamento até aos locais de análise. Não ter existido qualquer tipo de resposta por parte

do CTer de Viseu, também constitui uma limitação devido ao fato de não ser possível analisar toda a área prevista.

Por último, após ter sido realizada a entrevista exploratória ao Sr. Intendente comandante do GOC, não terá sido disponibilizado por parte do mesmo, as normas de empenhamento dos meios cinotécnicos.

### **6.5. Investigações futuras**

Para investigações futuras, sugere-se o estudo da influência das demonstrações e plastrons no desempenho operacional dos binómios, sendo que este claramente é um problema presente na valência cinotécnica.

Outra investigação para o futuro, passa pela realização de um estudo direcionado para a análise da reestruturação do dispositivo cinotécnico, se esta se vier a efetivar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Academia Militar - Direção de Ensino. (2015). Normas de Execução Permanente (NEP) nº 520/4ª de 11 de maio. Trabalho de Investigação Aplicada.
- Academia Militar - Direção de Ensino. (2016). Normas de Execução Permanente (NEP) nº 522/1ª de 20 de janeiro. Normas para a Redação de Trabalhos de Investigação.
- Almeida, C. (1999). Resenha Histórica da Cinotecnia. *Pela Lei e Pela Grei, nº 1*, 43–44.
- Andrade, N. (coord. ). (2011). *100 Anos - Guarda Nacional Republicana [1911 - 2011]*. Editora Guerra & Paz.
- Assembleia da República. (2007a). Lei n.º 53/2007, de 31 de agosto: Lei Orgânica da Polícia de Segurança Pública. *Diário da República, 1ª série*, n.º 168, 6065-6074.
- Assembleia da República. (2007b). Lei n.º 63/2007 de 6 de novembro: Lei Orgânica da Guarda Nacional Republicana. *Diário da República, 1ª série*, n.º 213, 8043-8051.
- Caetano, M. (1996). *Princípios Fundamentais do Direito Administrativo*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Calvão, F. U. (2010). Princípio da eficiência. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, A.7(III)*, 329–341.
- Campos, C. (1977). *O Cão Militar*. Évora: Guarda Fiscal - Batalhão nº2.
- Carreira, J. R. P. (2013). *Guarda Nacional Republicana: Trajetórias e Identidades Profissionais dos Militares do Grupo de Intervenção Cinotécnico*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Trabalho e Relações Laborais. ISCTE: Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.
- Comando Geral - GNR. (1997). *Normas para Utilização e Emprego Operacional das Equipas Cinotécnicas*. Lisboa.
- Dirección General de la Guardia Civil. (2002). Orden General número 10, de 6 de junho. Madrid.
- Fortin, M. (2003). *O Processo de Investigação: da Conceção à Realização* (3.º ed.). Loures: Lusociência - Edições Técnicas e Científicas, Lda.
- Freixo, M. (2012). *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas* (4.ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Guarda Nacional Republicana. (1996). Manual de Operações. Ministério da Administração Interna.

- Guarda Nacional Republicana. (2010). OG 5/CG de 15 de março.
- Marconi, M., & Lakatos, E. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5.ª ed.). São Paulo: Editora Atlas. S.A.
- Pinto, M. (2013). A Cinotécnia na Guarda - Novo Ciclo. *Pela Lei e Pela Grei, n.º 100*, 24–59.
- Pires, L. F. R. (2015). *O emprego de meios cinotécnicos da GNR em Incidentes Tático-Policiais*. Trabalho de Investigação Aplicada, Mestrado em ciências militares na especialidade de segurança, Academia militar, Lisboa.
- Popper, K. (1984). The open society and its enemies - The high tide of prophecy: Hegel, Marx, and the Aftermath. *Science (New York, N.Y.)*, 225(4660), 378–380.
- Procuradoria Geral da Republica [PGR]. (2007). *Parecer Nº108/2006 de 16 de maio: Medidas de polícia—Meios coercivos—Cães policiais—Cinotecnia Manutenção da ordem e segurança pública—Princípio da legalidade*. *Diário da República, 2ª série, n.º 94*, 12 919-12 932.
- Prodanov, C., & Freitas, E. (2013). *Metodologia do trabalho científico : Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. Rio Grande do Sul, Brazil: Universidade Feevale.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2013). *Manual de Ivestigação em Ciências Sociais* (6.ª ed.). Lisboa: Gravidia.
- Rodrigues, I. P. da F. (1984). Tecnologia, organização e rentabilidade: um modelo para investigação empírica. *Revista de Administração de Empresas*, 24(4), 63–69. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901984000400012>
- Sarmiento, M. (2013). *Metodologia Científica: Para a elaboração, escrita e apresentação de teses*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Schmidt, E. (2003). *La Teoría General del Derecho Administrativo como Sistema, Objeto y fundamentos de la construcción sistemática*. Madrid: Instituto Nacional de Administración Pública.
- Silva, S. T. da. (2010). O princípio ( fundamental ) da eficiência. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, A.7(III)*, 519–544.
- Sousa, M., & Baptista, C. (2014). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios - Segundo Bolonha* (5.ª ed.). Lisboa: Pactor.
- Sousa, M. R. de, & Matos, A. S. de. (2006). *Direito Administrativo Geral: Introdução e princípios fundamentais* (2.ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – ESTRUTURA DA INVESTIGAÇÃO

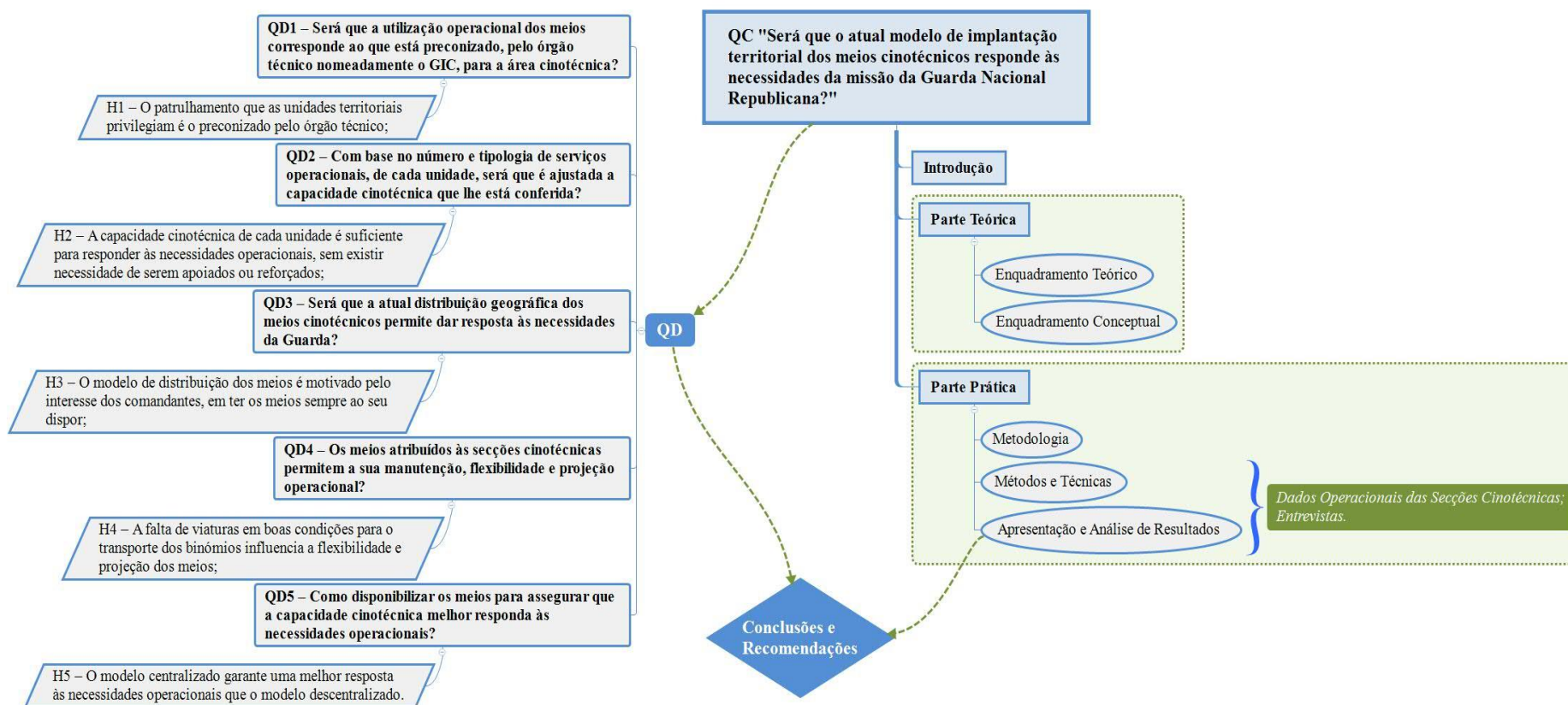


Figura 8 - Estrutura da Investigação

**APÊNDICE B –**  
**CARTA DE APRESENTAÇÃO E GUIÃO DE ENTREVISTA**

**B.1. Carta de Apresentação**



**ACADEMIA MILITAR**  
**Trabalho de Investigação Aplicada**  
**Carta de apresentação**

No âmbito do curso em Ciências Militares na Especialidade de Segurança ministrado na Academia Militar, no qual sou aspirante, deve ser realizado um Trabalho de Investigação Aplicada.

O meu Trabalho de Investigação Aplicada versa sobre a “Análise à capacidade cinotécnica da Guarda Nacional Republicana: efetivo e implantação territorial”.

Este trabalho tem como objetivo geral a análise do modelo atualmente implantado na GNR no que concerne à distribuição e gestão dos Binómios Cinotécnicos pelo Território Nacional.

Para a realização do trabalho torna-se necessário a realização de entrevistas aos Comandantes de todos os Comandos Territoriais da Guarda Nacional Republicana que tenham sob a sua alçada meios caninos, nomeadamente Binómios Cinotécnicos.

Nestes termos, venho por este meio solicitar a colaboração de V. Ex<sup>a</sup>, na participação nesta investigação, dando o seu contributo através do inquérito por entrevista ou na nomeação da pessoa mais indicada para responder às questões sobre a vertente cinotécnica na sua ZA, nomeadamente o 2º Comandante do Comando Territorial ou o Oficial de Operações.

De acordo com o que entender por mais adequado, muito se agradece a indicação da pessoa a contactar, concorrendo de forma indubitável para o enriquecimento da investigação e por sua vez, a favor do Grupo de Intervenção Cinotécnico da GNR.

Grato pela atenção dispensada.

Atenciosamente,

Aspirante de Infantaria da GNR Rafael Visitação

## B.2. Guião de Entrevista

### Entrevista

Nome	
Posto	
Unidade	
Função que exerce na Unidade	
Tempo que exerce essa função	

Caro Entrevistado,

Gostaria de dar início à entrevista, agradecendo a sua disponibilidade na colaboração no presente estudo.

Tendo em mente a carta de apresentação e no desenvolvimento do Trabalho de Investigação Aplicada, este subordinado ao Tema” Análise à capacidade cinotécnica da Guarda Nacional Republicana: efetivo e implantação territorial”, reforço que o objetivo desta entrevista é a recolha de informações mais concreta por parte dos Comandantes dos Comandos Territoriais, podendo ser delegada na pessoa mais indicada para responder às questões sobre a vertente cinotécnica na sua ZA, nomeadamente o 2º Comandante do Comando Territorial ou o Oficial de Operações.

Desta forma, gostaria de colocar as seguintes questões:

Quadro 1 - Classificação alfanumérica das questões da entrevista

Categoria	Questões Derivadas	Questões da Entrevista
<b>A – Utilização operacional dos meios</b>	QD <sub>1</sub>	<p>1 – Que vertente(s) cinotécnicas tem ao seu dispor?</p> <p>2 – Em que circunstâncias e de que forma são ativados e utilizados cada um?</p> <p>3 – Privilegia o Patrulhamento Cino apeado, ou apoiado em viatura?</p>
<b>B – Capacidade cinotécnica das Unidades Territoriais</b>	QD <sub>2</sub>	<p>1 – Considera que têm os recursos referentes à capacidade cinotécnica, necessários para dar resposta ao número e tipologias de serviços operacionais?</p> <p>2 – Considera que necessita de aumentar o número meios cinotécnicos ao seu dispor? Se Sim de que vertente(s)?</p> <p>3 – São reforçados ou apoiados por outras unidades? Quais? Com que regularidade?</p> <p>4 – Reforçam outras unidades? Se sim, quais? Se não, por que motivo?</p>
<b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b>	QD <sub>3</sub>	<p>1 – De que forma está organizada a distribuição da capacidade Cinotécnica ao nível do Território Nacional?</p> <p>2 – Concorda com a forma como esta capacidade está distribuída a nível nacional?</p> <p>3 – Na sua opinião consideraria mais proveitoso ceder os meios da sua UN, para que estivessem concentrados numa região, onde caso necessite tenha que os solicitar, via CO/GNR? Ou considera mais proveitoso um modelo mais descentralizado e com maior disponibilidade de meios por UN?</p>
<b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b>	QD <sub>4</sub>	<p>1 – Os militares têm ao seu dispor o equipamento e materiais necessários para a realização de treinos?</p> <p>2 – As viaturas cinotécnicas atribuídas à UN permitem a projecção de meios para o cumprimento das solicitações operacionais? E para o treino dos binómios?</p>

		<p><b>3</b> – Estão previstos horários de instrução para os militares da capacidade cinotécnica? E é possível cumpri-los?</p> <p><b>4</b> – Tem capacidade para responder a pedidos de reforço/apoio por parte de outras unidades?</p> <p><b>5</b> – Se não tem ou se tem constrangimentos com regularidade, identifique esses constrangimentos.</p>
<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>QD<sub>5</sub></p>	<p><b>1</b> – Tendo em consideração as necessidades operacionais de que forma disponibilizaria os meios cinotécnicos assegurando uma melhor resposta a estas necessidades?</p> <p><b>2</b> – A atribuição de mais recursos cinotécnicos e distribuídos por mais locais /secções cinotécnicas permitiriam uma maior capacidade operacional?</p> <p><b>3</b> – Considera que não é possível obter a mesma capacidade operacional cinotécnica, caso a sua UN não disponha destes meios e estes estejam concentrados numa outra UN, articulados num pelotão, com capacidade de projecção?</p>

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

## APÊNDICE C – DADOS OPERACIONAIS RECOLHIDOS

### C.1. Tabela de Dados de 2014

Tabela 19 - Dados operacionais das secções cinotécnicas de 2014

Comando	Vertente	Missões	Número de Operações	Número de Binómios	Quilómetros Percorridos
<b>Aveiro</b>	Deteção de Droga	Operacionais	63	63	3037
		Demonstrações	9	9	623
	Guarda-Patrolha	Operacionais	99	144	6923
		Demonstrações	20	37	3309
<b>Beja</b>	Deteção de Droga	Operacionais	57	86	7900
		Demonstrações	15	29	1050
	Deteção de Explosivos	Operacionais	3	3	730
		Demonstrações	0	0	0
	Guarda-Patrolha	Operacionais	101	215	10600
		Demonstrações	15	60	1000
<b>Braga</b>	Deteção de Droga	Operacionais	66	96	4335
		Demonstrações	12	14	600
	Deteção de Explosivos	Operacionais	33	33	2640
		Demonstrações	9	9	540
	Guarda-Patrolha	Operacionais	48	87	4160
		Demonstrações	10	15	630
<b>Bragança</b>	Deteção de Droga	Operacionais	20	35	1750
		Demonstrações	15	25	1500
	Busca e Salvamento	Operacionais	6	12	1200
		Demonstrações	0	0	0
	Guarda-Patrolha	Operacionais	31	62	4140
		Demonstrações	15	30	0
<b>Castelo Branco</b>	Deteção de Droga	Operacionais	72	87	4879
		Demonstrações	4	12	345
	Guarda-Patrolha	Operacionais	312	518	6614
		Demonstrações	4	8	345
<b>Coimbra</b>	Deteção de Droga	Operacionais	56	85	3930
		Demonstrações	0	0	0
	Deteção de Explosivos	Operacionais	36	36	1764
		Demonstrações	0	0	0
	Guarda-Patrolha	Operacionais	40	65	2060
		Demonstrações	2	7	20

<b>Évora</b>	Deteção de Droga	Operacionais	65	65	3720
		Demonstrações	21	21	1680
	Deteção de Explosivos	Operacionais	10	10	2160
		Demonstrações	18	18	1530
	Guarda-Patrolha	Operacionais	77	77	2765
		Demonstrações	14	14	880
<b>Faro</b>	Deteção de Droga	Operacionais	280	368	19412
		Demonstrações	54	69	2488
	Deteção de Explosivos	Operacionais	14	14	2562
		Demonstrações	0	0	0
	Busca e Salvamento	Operacionais	5	5	1007
		Demonstrações	0	0	0
	Guarda-Patrolha	Operacionais	431	519	21832
		Demonstrações	78	123	2020
<b>Guarda</b>	Deteção de Droga	Operacionais	132	264	8390
		Demonstrações	20	40	1200
	Deteção de Explosivos	Operacionais	22	22	3800
		Demonstrações	20	34	1200
	Busca e Salvamento	Operacionais	23	46	9550
		Demonstrações	17	34	1925
	Guarda-Patrolha	Operacionais	169	338	16980
		Demonstrações	20	40	1200
<b>Leiria</b>	Deteção de Droga	Operacionais	40	49	4549
		Demonstrações	36	38	1250
	Guarda-Patrolha	Operacionais	93	136	8142
		Demonstrações	36	40	1140
<b>Madeira</b>	Deteção de Droga	Operacionais	2	4	360
		Demonstrações	15	27	430
	Busca e Salvamento	Operacionais	3	5	400
		Demonstrações	15	23	430
<b>Portalegre</b>	Deteção de Droga	Operacionais	34	34	4332
		Demonstrações	3	3	571
	Guarda-Patrolha	Operacionais	103	133	5217
		Demonstrações	3	3	456
<b>Porto</b>	Deteção de Droga	Operacionais	56	56	4095
		Demonstrações	23	23	4950
	Deteção de Explosivos	Operacionais	37	66	5600
		Demonstrações	23	33	4950
	Busca e Salvamento	Operacionais	33	60	4950
		Demonstrações	23	30	3450
	Guarda-Patrolha	Operacionais	82	157	4690
		Demonstrações	23	46	4950
<b>Santarém</b>	Deteção de Droga	Operacionais	15	15	1477
		Demonstrações	43	43	2150
	Busca e Salvamento	Operacionais	4	4	330

		Demonstrações	0	0	0
	Guarda-Patrolha	Operacionais	113	188	31119
		Demonstrações	27	29	2025
<b>Setúbal</b>	Guarda-Patrolha	Operacionais	46	92	3680
		Demonstrações	0	0	0
<b>Vila Real</b>	Deteção de Droga	Operacionais	8	8	684
		Demonstrações	15	15	1824
	Deteção de Explosivos	Operacionais	25	50	3170
		Demonstrações	15	30	1824
	Guarda-Patrolha	Operacionais	10	20	198
		Demonstrações	15	30	1824
<b>Viseu</b>	Deteção de Droga	Operacionais	42	53	4185
		Demonstrações	10	16	1205
	Deteção de Explosivos	Operacionais	12	12	1735
		Demonstrações	4	5	200
	Guarda-Patrolha	Operacionais	228	248	18730
		Demonstrações	14	17	1050

## C.2. Tabela de Dados de 2015

Tabela 20 - Dados operacionais das secções cinotécnicas de 2015

Comando	Vertente	Missões	Número de Operações	Número de Binómios	Quilómetros Percorridos
<b>Aveiro</b>	Deteção de Droga	Operacionais	50	49	4736
		Demonstrações	28	28	1873
	Guarda-Patrolha	Operacionais	76	100	5465
		Demonstrações	36	63	2489
<b>Beja</b>	Deteção de Droga	Operacionais	54	98	16060
		Demonstrações	15	25	1000
	Deteção de Explosivos	Operacionais	2	2	400
		Demonstrações	0	0	0
	Guarda-Patrolha	Operacionais	112	261	11730
		Demonstrações	15	60	1000
<b>Braga</b>	Deteção de Droga	Operacionais	65	94	4200
		Demonstrações	24	26	1875
	Deteção de Explosivos	Operacionais	41	41	2850
		Demonstrações	19	19	955
	Guarda-Patrolha	Operacionais	72	131	6510
		Demonstrações	21	30	1940
<b>Bragança</b>	Deteção de Droga	Operacionais	11	22	1550

		Demonstrações	13	20	950
		Operacionais	7	14	850
	Busca e Salvamento	Demonstrações	0	0	0
		Operacionais	41	82	4915
<b>Castelo Branco</b>	Detecção de Droga	Demonstrações	0	0	0
		Operacionais	46	70	9767
	Guarda-Patrolha	Demonstrações	23	47	1002
		Operacionais	266	445	8955
<b>Coimbra</b>	Detecção de Droga	Demonstrações	23	35	910
		Operacionais	55	84	4692
	Detecção de Explosivos	Demonstrações	0	0	0
		Operacionais	76	97	5227
<b>Évora</b>	Guarda-Patrolha	Demonstrações	0	0	0
		Operacionais	103	188	5984
	Detecção de Droga	Demonstrações	0	0	0
		Operacionais	59	59	3147
<b>Faro</b>	Detecção de Explosivos	Demonstrações	19	19	1510
		Operacionais	11	11	1170
	Guarda-Patrolha	Demonstrações	21	21	1620
		Operacionais	56	56	2390
<b>Guarda</b>	Detecção de Droga	Demonstrações	14	14	1005
		Operacionais	264	362	21806
	Detecção de Explosivos	Demonstrações	49	61	1991
		Operacionais	14	14	3258
	Busca e Salvamento	Demonstrações	0	0	0
		Operacionais	4	4	280
<b>Leiria</b>	Guarda-Patrolha	Demonstrações	0	0	0
		Operacionais	308	201	26171
	Detecção de Droga	Demonstrações	53	91	2267
		Operacionais	159	356	8880
<b>Madeira</b>	Detecção de Explosivos	Demonstrações	19	38	1000
		Operacionais	36	36	5280
	Busca e Salvamento	Demonstrações	19	19	1000
		Operacionais	28	56	7369
	Guarda-Patrolha	Demonstrações	1	2	922
		Operacionais	178	356	19770
<b>Madeira</b>	Detecção de Droga	Demonstrações	19	38	1000
		Operacionais	35	44	4829
	Guarda-Patrolha	Demonstrações	29	29	856
		Operacionais	89	140	8414
<b>Madeira</b>	Detecção de Droga	Demonstrações	28	30	947
		Operacionais	37	47	3636
	Busca e Salvamento	Demonstrações	25	50	455
		Operacionais	3	5	560
		Demonstrações	25	48	455
		Operacionais			

<b>Portalegre</b>	Deteção de Droga	Operacionais	54	59	5049
		Demonstrações	4	6	677
	Guarda-Patrolha	Operacionais	211	226	6211
		Demonstrações	3	3	391
<b>Porto</b>	Deteção de Droga	Operacionais	65	65	4505
		Demonstrações	30	30	5200
	Deteção de Explosivos	Operacionais	78	140	9720
		Demonstrações	30	54	5200
	Busca e Salvamento	Operacionais	24	42	3600
		Demonstrações	30	41	5200
	Guarda-Patrolha	Operacionais	102	204	6140
		Demonstrações	30	60	5200
<b>Santarém</b>	Deteção de Droga	Operacionais	24	27	1769
		Demonstrações	42	42	2204
	Busca e Salvamento	Operacionais	3	3	285
		Demonstrações	0	0	0
	Guarda-Patrolha	Operacionais	145	235	36623
		Demonstrações	35	51	2684
<b>Setúbal</b>	Guarda-Patrolha	Operacionais	46	91	3750
		Demonstrações	0	0	0
<b>Vila Real</b>	Deteção de Droga	Operacionais	7	7	899
		Demonstrações	10	10	1073
	Deteção de Explosivos	Operacionais	35	70	4891
		Demonstrações	10	20	1073
	Guarda-Patrolha	Operacionais	9	18	255
		Demonstrações	10	20	1073
<b>Viseu</b>	Deteção de Droga	Operacionais	41	64	4915
		Demonstrações	16	32	1200
	Deteção de Explosivos	Operacionais	21	27	4100
		Demonstrações	14	27	900
	Guarda-Patrolha	Operacionais	123	166	10830
		Demonstrações	20	29	1720

C.3. Tabela de Dados de 2016

Tabela 21 - Dados operacionais das secções cinotécnicas de 2016

Comando	Vertente	Missões	Número de Operações	Número de Binómios	Quilómetros Percorridos
<b>Aveiro</b>	Deteção de Droga	Operacionais	31	31	2670
		Demonstrações	6	6	469
	Guarda-Patrolha	Operacionais	168	211	12758
		Demonstrações	22	36	1220
<b>Beja</b>	Deteção de Droga	Operacionais	71	119	9280
		Demonstrações	15	25	1000
	Deteção de Explosivos	Operacionais	0	0	0
		Demonstrações	0	0	0
	Guarda-Patrolha	Operacionais	118	272	14055
		Demonstrações	15	62	1100
<b>Braga</b>	Deteção de Droga	Operacionais	65	105	4330
		Demonstrações	13	17	780
	Deteção de Explosivos	Operacionais	33	33	2222
		Demonstrações	15	14	945
	Guarda-Patrolha	Operacionais	50	87	4230
		Demonstrações	14	22	1190
<b>Bragança</b>	Deteção de Droga	Operacionais	13	26	1100
		Demonstrações	16	32	950
	Busca e Salvamento	Operacionais	8	16	1430
		Demonstrações	0	0	0
	Guarda-Patrolha	Operacionais	38	76	3500
		Demonstrações	16	32	1250
<b>Castelo Branco</b>	Deteção de Droga	Operacionais	91	141	12098
		Demonstrações	19	23	440
	Guarda-Patrolha	Operacionais	185	225	4768
		Demonstrações	19	19	440
<b>Coimbra</b>	Deteção de Droga	Operacionais	61	86	5173
		Demonstrações	20	33	456
	Deteção de Explosivos	Operacionais	16	28	1903
		Demonstrações	20	31	456
	Guarda-Patrolha	Operacionais	145	207	8865
		Demonstrações	20	81	456
<b>Évora</b>	Deteção de Droga	Operacionais	46	46	2130
		Demonstrações	15	15	1260
	Deteção de Explosivos	Operacionais	165	165	1930
		Demonstrações	11	11	880
	Guarda-Patrolha	Operacionais	55	55	1900
		Demonstrações	10	10	670

<b>Faro</b>	Deteção de Droga	Operacionais	314	359	29513
		Demonstrações	39	51	1227
	Deteção de Explosivos	Operacionais	17	17	2893
		Demonstrações	0	0	0
	Busca e Salvamento	Operacionais	6	6	585
		Demonstrações	0	0	0
Guarda-Patrolha	Operacionais	268	303	23224	
	Demonstrações	52	84	2434	
<b>Guarda</b>	Deteção de Droga	Operacionais	203	406	9260
		Demonstrações	18	36	900
	Deteção de Explosivos	Operacionais	40	40	4840
		Demonstrações	18	18	900
	Busca e Salvamento	Operacionais	20	20	5512
		Demonstrações	12	12	1385
Guarda-Patrolha	Operacionais	176	352	19580	
	Demonstrações	18	36	900	
<b>Leiria</b>	Deteção de Droga	Operacionais	24	31	2623
		Demonstrações	19	25	809
	Guarda-Patrolha	Operacionais	103	130	8804
		Demonstrações	15	15	550
<b>Madeira</b>	Deteção de Droga	Operacionais	45	63	4330
		Demonstrações	22	22	345
	Busca e Salvamento	Operacionais	0	0	0
		Demonstrações	22	22	345
<b>Portalegre</b>	Deteção de Droga	Operacionais	50	50	4354
		Demonstrações	7	7	623
	Guarda-Patrolha	Operacionais	245	314	8105
		Demonstrações	6	6	890
<b>Porto</b>	Deteção de Droga	Operacionais	58	58	3850
		Demonstrações	20	20	5600
	Deteção de Explosivos	Operacionais	52	90	7795
		Demonstrações	51	87	9450
	Busca e Salvamento	Operacionais	30	53	5100
		Demonstrações	51	73	9450
Guarda-Patrolha	Operacionais	86	168	5360	
	Demonstrações	51	102	9450	
<b>Santarém</b>	Deteção de Droga	Operacionais	43	43	2999
		Demonstrações	54	54	2963
	Busca e Salvamento	Operacionais	5	5	485
		Demonstrações	0	0	0
	Guarda-Patrolha	Operacionais	180	303	41860
Demonstrações		42	47	2987	
<b>Setúbal</b>	Deteção de Droga	Operacionais	5	4	840
		Demonstrações	3	3	420
	Guarda-Patrolha	Operacionais	46	91	3750

		Demonstrações	0	0	0
<b>Viana do Castelo</b>	Deteção de Droga	Operacionais	55	72	3930
		Demonstrações	25	29	1050
	Guarda-Patrolha	Operacionais	723	913	25354
		Demonstrações	24	55	2369
<b>Vila Real</b>	Deteção de Droga	Operacionais	11	11	1359
		Demonstrações	24	24	2151
	Deteção de Explosivos	Operacionais	13	26	1160
		Demonstrações	24	48	2151
	Guarda-Patrolha	Operacionais	5	10	164
		Demonstrações	24	48	2151
<b>Viseu</b>	Deteção de Droga	Operacionais	44	67	8314
		Demonstrações	11	25	905
	Deteção de Explosivos	Operacionais	39	43	3966
		Demonstrações	9	17	1030
	Guarda-Patrolha	Operacionais	78	90	5591
		Demonstrações	18	30	907

**APÊNDICE D –  
QUADRO DE ENTIDADES ENTREVISTADAS**

**Quadro 2 - Entidades entrevistadas**

Entrevistado	Nome	Posto	Unidade	Função que Exerce na Unidade	Data que iniciou essa função
1	Fernando Marques	Coronel	CTer Vila Real	Comandante	Março de 2015
2	José Palhau	Tenente-Coronel	CTer Faro	Comandante	Dezembro de 2016
3	Marco Pinto	Tenente-Coronel	UI	Comandante do GIC	Janeiro de 2010
4	João Nortadas	Tenente-Coronel	CTer Setúbal	Chefe da SOTRP	Agosto de 2016
5	Manuel Caldeira	Tenente-Coronel	CTer Braga	Chefe da SOTRP	Março de 2015
6	Nuno Amaro	Tenente-Coronel	CTer Aveiro	Chefe da SOTRP	Maior de 2016
7	Carlos Belchior	Tenente-Coronel	CTer Portalegre	Chefe da SOTRP	Dezembro de 2013
8	José Serafim	Tenente-Coronel	CTer Évora	Chefe da SOTRP	2012
9	Manuel Afonso	Tenente-Coronel	CTer Santarém	Chefe da SOTRP	Abril de 2016
10	Marco Nunes	Major	CTer Madeira	2º Comandante	Setembro de 2012
11	Luís Patrício	Major	CTer Castelo Branco	Chefe do SEPNA	Abril de 2014
12	Paulo Azevedo	Major	CTer Bragança	Chefe da SOTRP	Maior de 2016
13	Pedro Teixeira	Major	CTer Leiria	Chefe da SOTRP	Julho de 2014
14	Armando Videira	Major	CTer Coimbra	Chefe da SOTRP	Maior de 2016
15	Rui Ferreira	Capitão	CTer Porto	Comandante do DI	Setembro de 2014
16	Daniel Fernandes	Tenente	CTer Guarda	Comandante do DI	Setembro de 2016
17	Nasser Zidane	Tenente	CTer Viana do Castelo	Comandante do DI	Abril de 2016
18	Miguel Inácio	Alferes	CTer Beja	Comandante do DI	Outubro de 2016

**APÊNDICE E –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 1**

Quadro 3 - Análise de conteúdo do Entrevistado 1

<b>Entrevistado: Fernando Marques</b>		<b>Data: 17/03/2017</b>
<b>Local: VTC - EG/CTer Vila Real</b>		<b>Início: 10h Fim:10h31m</b>
<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Segmentos</b>
<b>A - Otimização de meios</b>	“dois binómios de Guarda-Patrolha (GP)”	•A1.1
	“dois binómios de deteção de droga (DD)”	•A1.2
	“dois de deteção de explosivos (DE)”	•A1.3
	“Essa ativação dos meios é feita através da SOTRP(...) o pedido feito pela subunidade que necessita dos meios e posteriormente a SOTRP dá a ordem”	•A2.2
	“Sendo que estes pedidos de demonstrações são bastantes, nomeadamente na altura do final do ano letivo/ Verão, onde existe a maior concentração de pedidos.”	•A2.3
	“o patrulhamento apeado é o que tem sido mais utilizado,”	•A3.1
<b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b>	“Considero os recursos suficientes, exceto a nível das viaturas pois apenas temos uma destinada à cinotecnia, sendo esta uma viatura recuperada de outro destacamento (...) vai ser necessário outro cão, para conseguir responder aos empenhamentos operacionais”	•B1.2
	“não se vê necessidade”	•B2.2
	“eventualmente em caso de indisponibilidade por baixa dos cães ou tratadores”	•B3.1
	“Reforçamos o CTer Bragança, por imposição, com os binómios de explosivos”	•B4.1

<p><b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b></p>	<p>“saber da existência de meios cinotécnicos no CTer Porto, CTer Bragança e CTer Viseu, e creio que no CTer Viana do Castelo”</p> <p>“não estou a par da distribuição da capacidade cino no resto do País.”</p> <p>“Para além de ter conhecimento do GIC/UI estar sediado em Lisboa”</p> <p>“Eu considero que o modelo de distribuição que está em vigor neste momento, responde às necessidades da Guarda”</p> <p>“considero que a distribuição de cães e a forma como a cinotecnia está distribuída essencialmente na zona norte, é suficiente e está bem.”</p> <p>“Considero que a desconcentração é preferível,”</p> <p>“se mantivermos o modelo vamos bem, pois garantimos que cada unidade individualmente use os seus meios sempre que é preciso,”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•C1.1</li> <li>•C1.3</li> <li>•C1.4</li> <li>•C2.1</li> <li>•C2.2</li> <li>•C3.1</li> <li>•C3.4</li> </ul>
<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“Sim, claramente melhor que a cavalaria”</p> <p>“Infelizmente a Unidade aguarda pela distribuição de uma viatura cinotécnica pois só tem uma, recuperada de uma outra Unidade.”</p> <p>“Sim estão previstos”</p> <p>“empenhamento que temos não afeta a instrução”</p> <p>“Em condições normais de empenhamento da Unidade, sim (...) claramente vamos dar preferência à nossa unidade, e situações normais como é o caso de quando a nossa viatura está avariada ou os nossos cães não se encontram capazes”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•D1.1</li> <li>•D2.2; D2.3 e D2.4</li> <li>•D3.1</li> <li>•D3.2</li> <li>•D4.2</li> </ul>

	“claramente a nível das viaturas”	•D5.2
<b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b>	<p>“se calhar em vez de todos os comandos terem todas as valências, seria possível concentrar em determinadas áreas geográficas, atribuindo a um comando uma possibilidade de gestão de um grupo grande”</p> <p>“No caso da Unidade que comando não vejo necessidade de mais recursos cinotécnicos.”</p> <p>“que entendo é que sempre que possível os meios estejam centralizados numa posição central face a todo o distrito, não existindo a descentralização por postos mas a centralização num ponto apenas”</p> <p>“considero que na Atual Guarda, não”</p> <p>“eventualmente com uma dispersão não tão dispersa, onde julgo que nem todos os comandos tenham cães, fazendo uma pool de cães em cada dois ou três comandos centralizados num determinado ponto”</p>	<p>•E1.1</p> <p>•E2.2</p> <p>•E2.3</p> <p>•E3.2</p> <p>•E3.3</p>

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

**APÊNDICE F –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 2**

Quadro 4 - Análise de conteúdo do Entrevistado 2

<b>Entrevistado: José Palhau</b>		<b>Data: 21/03/2017</b>
<b>Local: E-mail</b>		<b>Início: Fim:</b>
<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Segmentos</b>
<b>A - Otimização de meios</b>	<p>“Guarda Patrulha/Segurança e Intervenção;”</p> <p>“Deteção Estupefacientes;”</p> <p>“Explosivos;”</p> <p>“solicitação do DDTT territorialmente competente, via SOTRP/CTer Faro ao DI Faro”</p> <p>“Depende dos objetivos a atingir pelo Comandante de Destacamento Territorial local e das condições técnicas dos vários binómios”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•A1.1</li> <li>•A1.2</li> <li>•A1.3</li> <li>•A2.2</li> <li>•A3.1 e A3.2</li> </ul>
<b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b>	<p>“dizer que este se encontra adequado às necessidades da Região e dos fenómenos criminais e sociais existentes.”</p> <p>“equacionar a possibilidade de dispor de mais um ou dois binómios certificados em BGA”</p> <p>“Quando reforçados, a Unidade ao nível Cinotécnico recebe sempre o reforço do GIC/UI”</p> <p>“No passado recente tal não tem ocorrido”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•B1.1</li> <li>•B2.1 e B2.3</li> <li>•B3.1 e B3.3</li> <li>•B4.2</li> </ul>
<b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b>	<p>“os Binómios Cinotécnicos dependem dos vários Destacamentos de Intervenção dependentes das várias Unidades”</p> <p>“Esta matéria será uma muito pertinente pergunta a colocar ao Órgão Técnico (OT)”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•C1.1</li> <li>•C2.4</li> </ul>

	<p>“sediados na Unidade e mesmo dentro desta com alguma desconcentração, caso não fosse certamente ir-se-ia perder em capacidade de resposta”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•C3.1</li> </ul>
<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“que assim sendo vão dispondo do material possível e não o que seria teoricamente desejável.”</p> <p>“e que nunca são suficientes perante o que se desejaria e necessitaria”</p> <p>“. Viaturas antigas, desgastadas “cansadas” e pouco adequadas em termos ergonómicos aos dias e necessidades de hoje”</p> <p>“Sim estão previstos”</p> <p>“executada sempre que possível instrução conjunta com os vários binómios disponíveis para efeitos de harmonização de procedimentos”</p> <p>“Se tal for determinado superiormente pelo CO/GNR a pedido de alguma Unidade próxima, limítrofe ao CTer Faro”</p> <p>“parque de viaturas à disposição das secções cino muito envelhecido e que por vezes dificulta e muito a projeção para o terreno dos Binómios”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•D1.1 e D1.3</li> <li>•D2.2</li> <li>•D2.5</li> <li>•D3.1</li> <li>•D3.3</li> <li>•D4.1</li> <li>•D5.2</li> </ul>
<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>“Atualmente entendemos que a organização e disponibilização dos meios cino é a mais adequada às necessidades da Região e da ZA à responsabilidade da Guarda”</p> <p>“Se os meios pretendidos e atendendo às necessidades operacionais da ZA o justificarem claro que sim. Nem sempre a continua centralização de meios é sinónimo</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•E1.2</li> <li>•E2.1 e E2.4</li> </ul>

	<p>“sine qua non” de efetiva e continua crescente rentabilidade dos meios.”</p> <p>“a transferência destes meios para outra região e a sua concentração noutra local donde seriam projetados para esta Unidade traria mais não seja um maior “delay” no tempo de resposta às situações com as consequentes desvantagens e prejuízos para o serviço prestado às populações Algarvias.”</p> <p>“entende-se que atualmente a forma de se manter e continuar a ter a capacidade e eficiência operacional que se tem verificado não pode nem deve ser dissociada da existência física das secções”</p>	<p>•E3.2</p> <p>•E3.4</p>
--	---	---------------------------

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

**APÊNDICE G –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 3**

Quadro 5 - Análise de conteúdo do Entrevistado 3

<b>Entrevistado: Marco Pinto</b>		<b>Data: 28/03/2017</b>
<b>Local: GIC - EG</b>		<b>Início: Fim:</b>
<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Segmentos</b>
<b>A - Otimização de meios</b>	<p>“(…) aqui no grupo é onde temos as vertentes cinotécnicas todas (...)”</p> <p>“Nós não temos iniciativa operacional aqui, portanto são sempre ativados por ordem superior, normalmente pelo CO/GNR”</p> <p>“Privilegiamos aquilo que é chamado o patrulhamento misto”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A1.1; A1.2; A1.3; A1.4 e A1.5</li> <li>• A2.2</li> <li>• A3.2</li> </ul>
<b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b>	<p>“tivermos que fazer uma missão de manutenção e restabelecimento de ordem pública, tudo o resto é cancelado à exceção da segurança aos órgãos de soberania, sendo que a capacidade é muito limitada”</p> <p>“Onde é mais necessário neste momento é a nível dos binómios do uso da força”</p> <p>“Claramente como não nos tratamos de uma unidade não somos reforçados”</p> <p>“Nós reforçamos quase todas as unidades da Guarda,”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• B1.2</li> <li>• B2.1 e B2.3</li> <li>• B3.2</li> <li>• B4.1</li> </ul>
<b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b>	<p>“No território continental, tal como referi, todas as outras unidades têm binómios de Guarda-Patrolha, nas suas secções Cino, existem comandos que têm uma secção orgânica, mas fisicamente estão divididos”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• C1.1</li> </ul>

	<p>“Não, esta distribuição está feita para uma malha territorial que foi pensada para os anos 70, 80 e início dos anos 90, neste momento está desajustada (...)O modelo está esgotado, não corresponde às necessidades, precisamos de olhar para as necessidades de uma forma distante e cada comando não olhar para o seu “umbigo” e queira ter tudo”</p> <p>“trata de uma subunidade dentro da unidade de intervenção, claramente não seria viável os meios não se encontrarem aqui”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• C2.3</li>   <li>• C3.2 e C3.4</li> </ul>
<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“Sim, em termos de instrução seguramente estamos bem”</p> <p>“nunca tínhamos vistos um investimento em viaturas como foi feito nos últimos dois anos.”</p> <p>“Tem existido aqui um esforço e um balanceamento dos meios entre as duas companhias, não temos viaturas para projetar todo o efetivo ao mesmo tempo caso seja necessário”</p> <p>“Sim, são publicados semanalmente, e os horários de instrução são planeados mensalmente, para as duas companhias e são distintos para cada vertente.”</p> <p>“Tal como é a função do grupo, conseguimos dar resposta a pedidos de reforço ou apoio em qualquer ponto de todo o território nacional, caso exista essa necessidade”</p> <p>“Sim, os constrangimentos têm que ver com o emprego de meios do uso da força (...) Nos binómios de intervenção tática também temos limitações (...) Na área de deteção de explosivos, como nós reforçamos de Leiria até</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• D1.1</li>   <li>• D2.1</li>   <li>• D2.3</li>   <li>• D3.1 e D3.2</li>   <li>• D4.1</li>   <li>• D5.1</li> </ul>

	ao comando de Setúba (...) Ao nível dos binómios de droga”	
<b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b>	<p>“considerando uma maior centralização dos meios, mesmo dentro da descentralização que existe”</p> <p>“Não”</p> <p>“já se chegou aqui a abordar de ter 2,3,4 ou 5 pelotões cinotécnicos espalhados pelo país com o efetivo de 20 militares pode não ser o ideal”</p> <p>“se tivermos Secções tipo A com mais meios e secções tipo B com um pouco menos de meios, em função das incidências operacionais e conseguir que cada secção trabalhe num raio de 150 km a num máximo de 200km “</p> <p>“A ideia é que estes meios passem a ser orgânicos não das unidades mas do grupo”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• E1.1</li> <li>• E2.2</li> <li>• E3.2</li> <li>• E3.3 e E3.4</li> <li>• E3.5</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

**APÊNDICE H –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 4**

Quadro 6 - Análise de conteúdo do Entrevistado 4

<b>Entrevistado: João Nortadas</b>		<b>Data:07/03/2017</b>
<b>Local: VTC - EG/CTer Setúbal</b>		<b>Início: 11h Fim: 11h39m</b>
<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Segmentos</b>
<b>A - Otimização de meios</b>	“vertentes de Guarda-Patrolha (GP) e Detecção de Droga/Armas (DD)”	•A1.1; A1.2
	“os binómios de GP, são e podem ser empenhados com mais frequência em missões de patrulhamento normal, mas como estamos muito escassos de viaturas, estes meios são empenhados pelos próprios postos”	•A2.1
	“pedem à Secção de Operações, Treino e Relações Públicas (SOTRP), que posteriormente dá ordem ao Destacamento de Intervenção para acionar o binómio”	•A2.2
	“Neste tipo de ações os cães são empenhados, sem certeza, cerca de 1 a 2 vezes por mês”	•A2.3
	“Para o patrulhamento Cino ser bem feito deverá ser apeado”	•A3.1
<b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b>	“Não, considero que não temos”	•B1.3
	“Sim, considero”	•B2.1
	“ideal seria recuperar os oito binómios que já tivemos, nomeadamente dois de DD e pelo menos seis de GP”	•B2.3 e B2.4
	“Normalmente somos sempre apoiados”	•B3.1
	“Unidade de Intervenção”	•B3.3 •B4.2

	<p>“Não, desde que exerço funções neste comando não me recordo de existir necessidade de reforçar outras unidades.”</p>	
<p><b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b></p>	<p>“os meios deveram estar mais dispersos pelo Território Nacional”</p> <p>“Eu apenas posso falar a nível de Setúbal”</p> <p>“não considero que estejam localizados nos sítios mais indicados”</p> <p>“eu considero que os meios aqui em Setúbal deveriam estar mais concentrados a sul, no entanto mais dispersos”</p> <p>“O problema é que estamos a falar também de efetivos, e se me disserem vamos atribuir à sua unidade quatro binómios GP queres(?), com a falta de efetivo que temos eu diria logo que é claro que quero”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•C1.1</li> <li>•C2.2</li> <li>•C2.3</li> <li>•C3.1</li> <li>•C3.4</li> </ul>
<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“Eu penso que sim (...) existem suficiente para o treino dos cães”</p> <p>“Não, como tenho vindo a referir, se calhar deveríamos ter duas viaturas boas e as viaturas atribuídas aos comandos deveriam de ser coincidentes com a capacidade de projeção de todos os meios”</p> <p>“Eu penso que sim, penso que não existe qualquer duvida a nível nacional”</p> <p>“mas que agora essa situação já está controlada (...) não existe qualquer duvida sobre a forma de empenhamento dos meios e o tempo que os meios precisam para treinar”</p> <p>“Temos capacidade para responder a pedidos de reforço/apoio”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•D1.1</li> <li>•D2.2 e D2.5</li> <li>•D3.1</li> <li>•D3.2</li> <li>•D4.1</li> </ul>

	<p>“temos os meios cinotécnicos limitados a cinco binómios”</p> <p>“Existe constrangimento a nível das viaturas cinotécnicas da unidade”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•D5.1</li> <li>•D5.2</li> </ul>
<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>“considero que em meios mais rurais que é a situação a sul do comando de Setúbal (...) se fosse dito que seriam disponibilizadas viaturas, sou de acordo que os meios deverão estar centralizados, porque existe capacidade para projetar os meios para onde seja necessário.”</p> <p>“considero que os meios aqui em Setúbal deveriam estar mais concentrados a sul, no entanto mais dispersos”</p> <p>“considero que na Atual Guarda, não.”</p> <p>“eventualmente com uma dispersão não tão dispersa, onde julgo que nem todos os comandos tenham cães, fazendo uma pool de cães em cada dois ou três comandos centralizados num determinado ponto”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•E1.1</li> <li>•E2.2 e E2.4</li> <li>•E3.2</li> <li>•E3.3</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

**APÊNDICE I –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 5**

Quadro 7 - Análise de conteúdo do Entrevistado 5

<b>Entrevistado: Manuel Caldeira</b>		<b>Data: 07/03/2017</b>
<b>Local: VTC - EG/CTer Braga</b>		<b>Início: 16h Fim: 16h41m</b>
<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Segmentos</b>
<b>A - Otimização de meios</b>	“três binómios da vertente de Guarda-Patrolha (GP)/Ordem Pública”	• A1.1
	“dois são da vertente da Detecção de Droga (DD)”	• A1.2
	“um binómio de Detecção de Explosivos (DE)”	• A1.3
	“sendo estes sempre ativados através da Secção de Operações, Treino e Relações Públicas (SOTRP) do comando, sendo esta secção que dá ordens ao DI para essa mesma cedência de meios”	• A2.2
	“Por regra o patrulhamento é sempre apeado”	• A3.1
<b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b>	“temos seis binómios, pelo que utilizar os cães em sítios diversos, claro está que não teríamos as viaturas suficientes (...) temos outros meios expeditos, que são utilizados para uma situação mais urgente (...) derivando muitas vezes em algumas avarias, causando uma indisponibilidade maior das viaturas.”	• B1.2
	“já nos vimos obrigados a alterar alguns descansos, mas não foram reportadas queixas de qualquer constrangimento mais complicado relativamente aos militares que se mostram sempre disponíveis para acudir às solicitações feitas”	• B2.1

	<p>“raras são as vezes que somos apoiados por outras unidades”</p> <p>“Procedemos muitas vezes ao apoio do Comando Territorial de do Porto e do Comando Territorial de Viana do Castelo”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• B3.1</li> <li>• B4.1</li> </ul>
<p><b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b></p>	<p>“Sinceramente não sei responder, tendo apenas uma ideia, mas não tenho a informação concreta dessa distribuição”</p> <p>“Conhecendo apenas a realidade do meu comando e um pouco da realidade dos comandos limítrofes”</p> <p>“Não tenho a noção concreta da distribuição cinotécnica a nível nacional, apenas tenho uma coisa a referir, pois da sensibilidade que eu tenho penso que deveria de haver, atendendo ao número de solicitações que são muitas vezes feitas, nem todos os comandos têm meios cinotécnicos com esta valência de GP, e da minha experiência, devido à necessidade de uma projeção mais rápida porque isto tem impacto nas populações”</p> <p>“Eu penso que estes meios tenham que estar no terreno”</p> <p>“único senão eventual que pode existir, poderá ser no treino em conjunto e uma formação mais especializada (...) concentradas, seria a uniformização de procedimentos e conhecimentos”</p> <p>“Sendo apologista de que estes meios têm que estar é nas unidades,”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• C1.2</li> <li>• C1.3</li> <li>• C2.1 e C2.2</li> <li>• C3.1</li> <li>• C3.3</li> <li>• C3.4</li> </ul>

<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“Em termos gerais sim,”</p> <p>“devido ao número de cães e de viaturas, em simultâneo apenas consigo fazer a projeção de quatro binómios”</p> <p>“acrescida com algum desgaste das viaturas que leva a algumas intervenções”</p> <p>“Sim estão previstos horários de instrução”</p> <p>“cumprindo sempre estes horários exceto nos casos de emprego operacional.”</p> <p>“Por norma sim temos capacidade, atendendo aos constrangimentos que têm vindo a ser referidos”</p> <p>“à escassez de viaturas em relação aos meios do comando”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• D1.1</li> <li>• D2.1 e D2.3</li> <li>• D2.5</li> <li>• D3.1</li> <li>• D3.3</li> <li>• D4.2</li> <li>• D5.2</li> </ul>
<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>“Considero ainda que o modelo atualmente implantado, contrapondo as vantagens e inconvenientes, (...) penso que cumpre os requisitos mínimos de eficácia e eficiência”</p> <p>“Temos que ter sempre em atenção, que a realidade em termos policiais não é exatamente igual em todo o território nacional”</p> <p>“Sendo mais proveitoso uma centralização a nível distrital dentro da descentralização a nível nacional.”</p> <p>“Sobre o assunto não me parece que traga qualquer mais valia do fato de centralizar num pelotão cinotécnico”</p> <p>“penso que a nível de secção como já tinha referido seria a melhor modalidade de ação.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• E1.2</li> <li>• E2.1 e E2.2</li> <li>• E2.3</li> <li>• E3.2</li> <li>• E3.3 e E3.4</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

**APÊNDICE J –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 6**

Quadro 8 - Análise de conteúdo do Entrevistado 6

<b>Entrevistado: Nuno Amaro</b>		<b>Data: 08/03/2017</b>
<b>Local: VTC - EG/CTer Aveiro</b>		<b>Início: 11h Fim: 11h32</b>
Categorias	Indicadores	Segmentos
<b>A - Otimização de meios</b>	<p>“vertente “normal” de Guarda-Patrolha (GP)”</p> <p>“também Detecção de Estupefacientes ou Detecção de Droga (DD)”</p> <p>“Para além do patrulhamento que é determinado, o patrulhamento policial normal a nível da prevenção”</p> <p>“dispositivo cinotécnico é muitas vezes requisitado não só pelo próprio dispositivo do comando, de acordo com as diferentes ocorrências policiais, como espetáculos desportivos, onde existe a necessidade de requisitar mais meios de reforço de outras unidades.”</p> <p>“Eu considero que somos demasiadamente requisitados para a demonstração de meios e é necessário realizar alguma seleção de uma forma um pouco intuitiva relativamente às solicitações”</p> <p>“Nesta Unidade damos privilégio ao patrulhamento Cino apeado”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A1.1</li> <li>• A1.2</li> <li>• A2.1</li> <li>• A2.2</li> <li>• A2.3</li> <li>• A3.1</li> </ul>

<p><b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b></p>	<p>“Sim temos, as duas vertentes que temos são aquelas que são utilizadas com mais regularidade”</p> <p>“Não, em termos dos binómios o que temos chega perfeitamente para as exigências do nosso dia-a-dia”</p> <p>“Sim, tal como tinha referido à bocado, quando a situação concreta é demasiado exigente em termos operacionais,”</p> <p>“Sim, não raras vezes temos sido solicitados a reforçar e temos respondido também, isto”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•B1.1</li> <li>•B2.2</li> <li>•B3.1</li> <li>•B4.1</li> </ul>
<p><b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b></p>	<p>“Eu pessoalmente não tenho esse conhecimento, portanto sei que existe o Grupo de Intervenção Cinotécnica na Escola da Guarda, agora em termos de unidades vizinhas sei quais é que são as valências que têm, acho que nós quando fazemos o reforço fazemos sempre contactos prévios”</p> <p>“Eu acho que está muito bem distribuída, numa perspetiva racional dos meios e dos gastos, (...) não tenho duvidas que está muito bem distribuído. Sendo que indubitavelmente este modelo dá resposta às necessidades da Guarda</p> <p>“a mim parece-me que foi muito bem estudada a maneira como os meios foram implantados pelo dispositivo da Guarda, porque não apenas em questões territoriais como em questões de exigência operacional,”</p> <p>“de uma perspetiva doutrinária eu penso que a centralização era boa por vários motivos, nomeadamente, por uma questão de instrução, conduta e doutrina.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•C1.2; C1.3 e C1.4</li> <li>•C2.1</li> <li>•C3.1</li> <li>•C3.3</li> </ul>

<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“Neste momento têm (...) parece-me que neste momento não existe falta a nível dos materiais afetos aos treinos”</p> <p>“foi adquirido uma certa quantidade de equipamento, através de fundos da unidade”</p> <p>“aqui no comando de Aveiro os meios auto são muito escassos, resumindo e concluindo neste momento não temos viaturas de transporte dos cães.”</p> <p>“Existem os horários de instrução planeados (...) mas é extremamente possível planear e cumprir isso tudo</p> <p>“os meios cinotécnicos não são empenhados por escala, são utilizados consoante as operações e as exigências, e entre esses empenhamentos a instrução é planeada e executada e existe exatamente a possibilidade de o fazer”</p> <p>“Sim temos capacidade, e tanto temos como temos feito esses reforços”</p> <p>“relativamente às viaturas”</p>	<p>•D1.1</p> <p>•D1.4</p> <p>•D2.2 e D2.6</p> <p>•D3.1</p> <p>•D3.3</p> <p>•D4.1</p> <p>•D5.2</p>
<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>“Se por exemplo fossem colocadas secções nas zonas limítrofes, com maior capacidade, seria mais útil uma organização desta forma onde até pode-se capacidade de apoiar e projetar meios para mais do que um comando”</p> <p>“seria a atribuição de mais meios por forma a garantir sempre a prevenção desta capacidade”</p> <p>“vertentes que não são tao requisitadas fossem centralizadas, e projetadas para mais que um comando.”</p>	<p>•E1.1</p> <p>•E2.1</p> <p>•E2.3</p>

	“vertentes mais “especiais” como de DD e detecção de explosivos, isso sim concordo que fossem centralizados.”	•E3.1
	“Os meios patrulha não concordo que fossem centralizados “	•E3.2

**Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)**

**APÊNDICE K –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 7**

Quadro 9 - Análise de conteúdo do Entrevistado 7

<b>Entrevistado: Carlos Belchior</b>		<b>Data: 08/03/2017</b>
<b>Local: VTC - EG/CTer Portalegre</b>		<b>Início: 16h Fim: 16h49</b>
Categorias	Indicadores	Segmentos
<b>A - Otimização de meios</b>	“e três de Guarda-Patrolha (GP).”	•A1.1
	“dos quais dois de Detecção de Droga (DD)”	•A1.2
<b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b>	“o patrulhamento de rotina em que o destacamento de intervenção propõe semanalmente ao comando um plano de patrulhamento”	•A2.1
	“existe os pedidos de reforço operacional pelas restantes subunidades. (...) após sancionamento por parte do comando da unidade ou do chefe das operações os meios são acionados para esse reforço operacional”	•A2.2
	” principio de não se circunscrever essencialmente à localidade onde está sediada a secção Cino, existe a necessidade de projeção dos meios também nos reforços operacionais, portanto de facto a projeção e intervenção em patrulhamento dos meios é essencialmente apoiada em deslocações em viatura.”	•A3.2
	“Sim, (...) na área do nosso comando territorial a secção cinotécnica dotada de meios de GP e DD (...) julgo que serão regra geral suficientes,”	•B1.1
		•B2.2

	<p>“Não, neste momento os meios cinotécnicos da unidade são suficientes”</p> <p>“Sim, temos dois tipos de reforço por parte de outras unidades, o que mais frequentemente se sucede é, com os binómios de deteção de explosivos”</p> <p>“Tem sido pontualmente cedido algum reforço a algumas unidades limítrofes”</p>	<p>•B3.1</p> <p>•B4.2</p>
<p><b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b></p>	<p>“m uma organização semelhante à nossa (...) tendo essa capacidade também centralizados no comando territorial”</p> <p>“Não sabendo se em todos os comandos territoriais a forma de organização no terreno será a mesma ou não, da ideia que tenho, os com quem mais trabalhamos”</p> <p>“temos o Grupo de Intervenção Cinotécnico dependente da orgânica da Unidade de Intervenção, que faz essa gestão a nível nacional”</p> <p>“creio que é uma distribuição adequada, não considero que seja necessárias todas as equipas cinotécnicas ou todas as secções cinotécnicas terem todas as capacidades instaladas (...) Sendo que o modelo que está implantado dá resposta as necessidades da Guarda.”</p> <p>“considero que o modelo descentralizado, o que se encontra em vigor, seja o mais adequado”</p> <p>“porque cada comando tem que fazer uma gestão parcimoniosa dos meios e projetá-los (...) Sendo que tendo os meios sob a minha alçada por forma a conseguir articula-los da</p>	<p>•C1.1</p> <p>•C1.3</p> <p>•C1.4</p> <p>•C2.1</p> <p>•C3.1</p> <p>•C3.4</p>

	<p>melhor forma a responder às necessidades do seu comando seria mais proveitoso neste momento</p>	
<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“Sim, neste momento temos materiais necessários para a realização de treinos adequados para os animais, no treino do dia-a-dia, para fazer treino específico”</p> <p>“para o empenhamento operacional o ponto que temos mais sensível em termos das equipas cinotécnicas, é ao nível dos meios auto”</p> <p>“temos uma viatura cedida em termo de empréstimo pelo GIC para que possamos ter operacionalidade mínima, ainda que essa viatura seja claramente insuficiente par podermos projetar com rentabilidade os meios que temos”</p> <p>“tínhamos duas viaturas atribuídas à unidade nesse âmbito, uma fora abatida já há bastante tempo, outra está em processo de abate”</p> <p>“Sim, tal como disse há pouco, o nosso padrão de treino e instrução é uma vez por semana”</p> <p>“de forma alguma a atividade operacional é de tal forma elevado que impossibilite os militares de realizar os treinos”</p> <p>“ainda que se haja necessidade de ser ajustado o planeamento, esse dia de treino pode ser mudado para ou data”</p> <p>“ao estarmos limitados a uma viatura torna-se necessário a gestão parcimoniosa desses meios. De fato se existir necessidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•D1.1</li> <li>•D2.1</li> <li>•D2.3</li> <li>•D2.5</li> <li>•D3.1</li> <li>•D3.2</li> <li>•D3.3</li> <li>•D4.2</li> </ul>

	<p>operacional de reforçar outras unidades teremos que utilizar a única viatura que temos ao dispor para esse efeito.”</p> <p>“viaturas que é onde sentimos mais,”</p>	<p>•D5.2</p>
<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>“Neste momento, o circuito que está montado e em aplicação, penso que é adequado,”</p> <p>“Evidentemente que permitia uma maior capacidade operacional”</p> <p>“em princípios seriam alocados ao mesmo centro de apoio logístico onde se encontram atualmente, (...) Não vejo a necessidade de uma maior descentralização”</p> <p>“Não,”</p> <p>“pode estar centralizado numa unidade em cada três, em cada quatro comando”</p> <p>“Ao nível básico têm que estar próximos, ou pelo menos relativamente próximos, e dentro do distrito um centro, com uma secção Cino a nível do distrito é adequado”</p>	<p>•E1.2</p> <p>•E2.1</p> <p>•E2.3</p> <p>•E3.2</p> <p>•E3.3</p> <p>•E3.4</p>

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

**APÊNDICE L –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 8**

Quadro 10 - Análise de conteúdo do Entrevistado 8

<b>Entrevistado: José Serafim</b>		<b>Data: 17/03/2017</b>
<b>Local: VTC - EG/CTer Évora</b>		<b>Início: 11h Fim: 11h26m</b>
Categorias	Indicadores	Segmentos
<b>A - Otimização de meios</b>	“temos binómios de Guarda-Patrolha (GP), de Detecção de Droga (DD), de Detecção de Venenos (DV) e de Detecção de Engenhos Explosivos (DE).”	• A1.1; A1.2; A1.3 e A1.5
	“Os binómios de DV têm um patrulhamento definido quase diariamente, no empenhamento diário no patrulhamento das áreas mais sensíveis, os binómios de GP exatamente igual faz patrulhamentos normalmente diários, estes não tanto a pedido, obedecem a um planeamento próprio do DI”	• A2.1
	“Eles são ativados normalmente ativados a pedido, quer dos destacamentos quer de outras unidades que por ventura tenham necessidade e peçam apoio”	• A2.2
	“No que concerne as Demonstrações o empenhamento é quase semanal, quando não é semanal, é quinzenalmente, os pedidos surgem mais ao nível das escolas”	• A2.3
	“O patrulhamento depende da área onde este é feito, se for para ter início e fim na área do destacamento onde está a secção estes fazem o patrulhamento apeado”	• A3.1  • A3.2

	<p>“Fora essas situações é sempre com o apoio da viatura pois a deslocação até ao local é sempre feito em viatura, mas quando lá chegam o patrulhamento é apeado.”</p>	
<p><b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b></p>	<p>“os meios que temos não são suficientes para dar resposta às necessidades operacionais do comando.”</p> <p>“Sim tal como referi anteriormente existe vertentes que não temos o número suficiente para dar uma resposta eficiente às necessidades operacionais”</p> <p>“ao nível dos binómios de GP”</p> <p>“No caso dos binómios de DD”</p> <p>“quando temos necessidades é sempre a unidade de Intervenção que nos disponibiliza os meios em reforço”</p> <p>“Sim, com bastante frequência”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• B1.3</li> <li>• B2.2</li> <li>• B2.3</li> <li>• B2.4</li> <li>• B3.1 e B3.3</li> <li>• B4.1</li> </ul>
<p><b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b></p>	<p>“existe uma secção cinotécnica por cada comando, e no fundo a companhia cinotécnica na unidade de intervenção”</p> <p>“Quanto à forma de distribuição sim”</p> <p>“considero que o modelo atualmente implantado é muito melhor do que qualquer outro modelo que concentrasse numa zona os meios”</p> <p>“Sendo que caso se perca este comando e controlo dos meios, iria influenciar e muito negativamente o empenhamento dos meios, para além de que iria tornar o serviço que prestamos à comunidade claramente prejudicado”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• C1.1 e C1.4</li> <li>• C2.1</li> <li>• C3.1</li> <li>• C3.4</li> </ul>

<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“Se estivermos a falar dos binómios das vertentes de DD, DV e DE, claramente que temos, de uma forma geral eles têm as condições gerais para eles trabalharem”</p> <p>“estivermos a falar dos binómios de GP, necessitaríamos de pelo menos uma pista de obstáculos, que permitisse treinar o animal”</p> <p>“Sim, pois conseguimos responder a todas as solicitações”</p> <p>“Sim, existe um planeamento ao nível do destacamento de Intervenção”</p> <p>“Sendo que é sempre cumprido este planeamento dos treinos (...) poderá sim obrigar a transferir os treinos de um dia para outro”</p> <p>“Dentro das limitações de meios que temos sim”</p> <p>“e as unidades que nos pedem apoio, fazem-nos a nós e veem-se obrigados a socorrer-se a mesma da unidade de intervenção pois necessitam de mais binómios e os que nós temos não são suficientes,”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• D1.1</li> <li>• D1.3</li> <li>• D2.1</li> <li>• D3.1</li> <li>• D3.3</li> <li>• D4.2</li> <li>• D5.1</li> </ul>
<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>“em vez de os colocar centralizados como estão agora, sim divididos por duas zonas (...) estarem mais descentralizados</p> <p>“Claramente que sim, quanto mais meios tivermos e mais próximos estes meios estiverem dos locais onde são necessários melhor capacidade operacional. (...) caso existam mais meios, que existisse uma descentralização no distrito dentro da descentralização que já existe a nível nacional”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• E1.3</li> <li>• E2.1 e E2.4</li> </ul>

	“continuo a achar que existe muito maior eficiência, e se torna muito mais vantajoso para a Guarda e as populações que servimos tê-los colocados nos comandos territoriais” “reforçar a secção cinotécnica”	• E3.2  • E3.4
--	--	----------------------

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

**APÊNDICE M –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 9**

Quadro 11 - Análise de conteúdo do Entrevistado 9

<b>Entrevistado: Manuel Afonso</b>		<b>Data: 16/03/2017</b>
<b>Local: VTC - EG/CTer Santarém</b>		<b>Início: 11h Fim: 11h37m</b>
<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Segmentos</b>
<b>A - Otimização de meios</b>	“temos aqui no comando 9 Binómios, 3 Binómios de Detecção de droga e 6 Binómios de Manutenção de Ordem Pública/Patrolha”	• A1.1 e A1.2
	“Em situações Inopinadas, tanto a vertente de DD como a de PA são ativadas diretamente pelo Comandante do Destacamento de Intervenção”	• A2.1
	“Em situações planeadas, as vertentes DD e de PA, são ativadas através de solicitações realizadas à SOTRP,”	• A2.2
	“O patrulhamento Cino privilegia o patrulhamento apeado. Pois este patrulhamento permite uma maior aproximação e contato com o cidadão reforçando desta forma o Policiamento de Proximidade.”	• A3.1
<b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b>	“Considera-se, que para ter os recursos necessários afim de dar resposta ao número e tipologia dos serviços operacionais necessita de formação dos restantes binómios PA em BGA e de completar a secção com um DD.”	• B1.3
	“sendo necessário completar a secção com um Binómio DD”	• B2.1 e B2.4
		• B3.1

	<p>“Somos de uma forma mais recorrente apoiados ou reforçados”</p> <p>“pela UI, através do GIC”</p> <p>“Sim,”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• B3.3</li> <li>• B4.1</li> </ul>
<p><b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b></p>	<p>“A capacidade Cinotécnica, no seu grosso está centralizada na unidade de reserva, o GIC, existindo nos Comandos Territoriais Secções com os efetivos residuais que asseguram alguns dos serviços operacionais.”</p> <p>“De certo modo sim, sendo que cada Unidade deveria ser autossuficiente para uma primeira intervenção, (...) dá resposta de forma eficiente às necessidades da Guarda.”</p> <p>“considero que cada unidade deve ser autossuficiente e dispor meios próprios.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• C1.1 e C1.4</li> <li>• C2.1</li> <li>• C3.1 e C3.4</li> </ul>
<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“A secção Cinotécnica de Santarém está dotada desde o final do ano de 2015 com o equipamento necessário para a realização de treinos, tendo sido adquirido com verbas próprias da Unidade.”</p> <p>“De momento permitem a projeção de meios para cumprir as solicitações, não sendo o ideal”</p> <p>“Sim, estão previstas e de momento é executado um planeamento de instrução que permite cumprir esses horários.”</p> <p>“Sim”</p> <p>“aconteceram situações de empenhamento inadiável ou por inoperacionalidade dos meios de apoio, em que não foi possível empenhar os meios a nível da unidade ou em pedidos de reforço.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• D1.1 e D1.4</li> <li>• D2.1 e D2.3</li> <li>• D3.1 e D3.2</li> <li>• D4.1</li> <li>• D5.2</li> </ul>

<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>“De acordo com os princípios da Necessidade, Proporcionalidade e Adequabilidade, (...) modelo atual tanto a nível da unidade como no geral da Guarda, dá resposta de forma eficiente”</p> <p>“Sim, se existirem mais meios humanos e canídeos no terreno, associados a meios auto que aumentem a capacidade de projeção”</p> <p>“A burocracia inerente à centralização de meios e consequente necessidade de requisição, associados à distância da Unidade e dos locais onde são necessários, condiciona sem dúvida e em muito a capacidade de projeção e operacionalidade dos meios cinotécnicos.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• E1.2</li>   <li>• E2.1</li>   <li>• E3.2</li> </ul>
--	--	--

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

**APÊNDICE N –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 10**

Quadro 12 - Análise de conteúdo do Entrevistado 10

<b>Entrevistado: Marco Nunes</b>		<b>Data: 06/03/2017</b>
<b>Local: VTC - EG/CTer Madeira</b>		<b>Início: 16h Fim: 16h41m</b>
<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Segmentos</b>
<b>A - Otimização de meios</b>	“temos Busca e Salvamento (Search and Rescue (S&R)) e Binómios de Detecção de Droga (DD)”	• A1.2 e A1.4
	“faz rastreios no terminal de bagagens e no terminal de mercadorias (...) aos binómios de S&R, nós somos acionados sempre que a proteção civil assim considerar adequado a utilização dos meios”	• A2.2
	“Ao nível de Demonstrações/Plastrons as solicitações são bastantes, nomeadamente as Escolas, Pedidos da Proteção Civil”	• A2.3
	“Depende um pouco da missão”	• A3.1 e A3.2
<b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b>	“quando se apresentarem os binómios que está em falta e que referi anteriormente, certamente que temos os recursos necessários. (...) Temos ainda uma Kangoo, que seria excelente para a utilização no continente, mas aqui devido à Urografia acaba por não ser o recurso mais adequado para a missão”	• B1.2
	“Quando os Binómios que estão em falta se apresentarem, já teremos os suficientes e necessários para o desempenho da atividade operacional.”	• B2.2

	<p>“Ainda que não seria de esperar pois trata-se da RAM, já aconteceu quando foi o 20 de fevereiro de 2010, recebemos o apoio de GIC”</p> <p>“Outras unidades não”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• B3.1 e B3.3</li> <li>• B4.2</li> </ul>
<p><b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b></p>	<p>“mas que o grosso dos meios deverão estar sediados nos Comandos Territoriais”</p> <p>“Deverá estar de uma forma bastante semelhante à que nós temos aqui na Madeira”</p> <p>“Aqui ao nível da região, a forma como está organizado tem cumprido aquilo que é exigido.”</p> <p>“em ponderação a situação que os meios estejam centralizados no GIC, e cedidos às unidades em apoio, não considero que trará qualquer prejuízo”</p> <p>“O modo descentralizado tem uma vantagem pois o Comandante acaba por ser dono e senhor de todos os meios que tem na sua ZA”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• C1.1</li> <li>• C1.3</li> <li>• C2.1 e C2.2</li> <li>• C3.2</li> <li>• C3.4</li> </ul>
<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“Têm, os nossos militares neste momento não têm qualquer falta de material”</p> <p>“comprando praticamente todos os anos materiais para estes.”</p> <p>“As viaturas que temos têm dado para cumprir as missões, contudo não oferecem as melhores condições,”</p> <p>“por serem adaptadas, ainda que as características do terreno, nomeadamente o tamanho da ilha não seja um entrave,”</p> <p>“acabam por não oferecer condições, como por exemplo para a permanência prolongada do binómio dentro da viatura, quer de habitualidade quer de segurança.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• D1.1</li> <li>• D1.4</li> <li>• D2.1 e D2.3</li> <li>• D2.4</li> <li>• D2.5</li> </ul>

	<p>“Sim a nível do Comando</p> <p>“se bem que essa instrução por vezes é dada mais importância à parte física, mas desde que não tenham qualquer tipo de empenhamento operacional”</p> <p>“Têm capacidade, mas devido à característica da ZA, nomeadamente a ilha da Madeira, não seria viável essa troca de meios.”</p> <p>“viaturas claramente são um constrangimento.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• D3.1</li> <li>• D3.2</li>   <li>• D4.1</li>   <li>• D5.2</li> </ul>
<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>“Considerando que o método centralizado será o mais correto,”</p> <p>“Quanto mais meios uma unidade tiver, mais capacidade de resposta terá”</p> <p>“considero que não seria lógico o GIC recolher todos os binómios e atribuí-los a outra unidade”</p> <p>“apesar do GIC passar a ter a gestão de todos os meios”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• E1.4</li>   <li>• E2.1</li>   <li>• E3.2</li>   <li>• E3.5</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

**APÊNDICE O –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 11**

Quadro 13 - Análise de conteúdo do Entrevistado 11

<b>Entrevistado: Luís Patrício</b>		<b>Data: 07/03/2017</b>
<b>Local: VTC - EG/CTer Castelo Branco</b>		<b>Início: 10h Fim: 10h20m</b>
<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Segmentos</b>
<b>A - Otimização de meios</b>	“dispor 3 vertentes cinotécnicas, Binómios de Detecção de Droga (DD), de Guarda-Patrolha (GP) e Venenos.”	• A1.1; A1.2 e A1.5
	“apenas os binómios de Detecção de Venenos é que para além de serem empenhados quando requisitados, também são empenhados em patrulhas planeadas por mês, com o intuito da prevenção”	• A2.1
	“depois por e-mail direcionado ao Destacamento de Intervenção e à Secção de Operações Treino e Relações Publicas (SOTRP). Sendo posteriormente acionado a vertente necessária ou requisitada.”	• A2.2
	“Neste comando é privilegiado o patrulhamento Cino apeado”	• A3.1
<b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b>	“Aqui no comando consideramos que não”	• B1.3
	“Sim, como foi referido anteriormente, necessitamos de 1 binómio de GP”	• B2.1 e B2.3
	“Sim, normalmente somos apoiados pelos Comandos limítrofes”	• B3.1
	“Sim temos capacidade”	• B4.1

<p><b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b></p>	<p>“Não sou conhecedor concretamente da distribuição a nível territorial, tenho conhecimento de como está organizado na minha Unidade”</p> <p>“Não ao nível do território nacional, pois não tenho plena consciência de como esta está distribuída, mas ao nível do Comando onde pertença, esta distribuição dá resposta às necessidades operacionais que advêm decorrentes da missão da Guarda”</p> <p>“Para nós seria mais fácil e mais proveitoso o modelo descentralizado, ainda que centralizado dentro das Unidades”</p> <p>“Pois existe uma maior capacidade de controlo e emprego dos meios por parte dos Comandantes”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• C1.2</li> <li>• C2.1 e C2.2</li> <li>• C3.1 e C3.2</li> <li>• C3.4</li> </ul>
<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“nunca existiu falta de material, ou o material se encontrasse em más condições, sendo que a unidade tem realizado um grande esforço e investimento para evitar essa situação”</p> <p>“Sim, ao nível de viaturas o Comando está bastante bem, não existe faltas das mesmas e estas garantem tanto a projeção da capacidade cinotécnica do Comando”</p> <p>“Sim, no nosso comando diariamente é feito um horário específico para a instrução a nível de empenhamento diário”</p> <p>“A não ser que surja uma operação ou uma ocorrência, em que nesse caso os meios são ativados descurando a parte da instrução, como está previsto que a atividade operacional tem primazia à instrução”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• D1.1 e D1.4</li> <li>• D2.1</li> <li>• D3.1</li> <li>• D3.3</li> <li>• D4.1</li> </ul>

	<p>“Temos capacidade, e sempre que nos é solicitado apoio ou reforço conseguimos prestar.”</p> <p>“Desde que cá estou na Unidade, nunca existiram constrangimentos ao nível da cinotecnia”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• D5.3</li> </ul>
<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>“Considero que o modelo que está implantado na Guarda, mais descentralizado, será o mais adequado, estando os meios atribuídos a cada Unidade e centralizados no Destacamento de Intervenção”</p> <p>“Sem duvida que mais meios viriam a permitir uma maior capacidade operacional,”</p> <p>“estes deveriam de continuar centralizados dentro do comando como ocorre neste momento. Sendo que seria mais proveitoso aproveitar a concentração dos meios dentro da descentralização pelo Território Nacional.”</p> <p>“Não considerando ser o mais viável”</p> <p>“esta subunidade ter o controlo técnico de todos os meios dispersos ao logo do país, com a capacidade de organização dos meios”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• E1.2</li> <li>• E2.1</li> <li>• E2.3</li> <li>• E3.2</li> <li>• E3.5</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

**APÊNDICE P –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 12**

Quadro 14 - Análise de conteúdo do Entrevistado 12

<b>Entrevistado: Paulo Azevedo</b>		<b>Data: 08/03/2017</b>
<b>Local: VTC - EG/CTer Bragança</b>		<b>Início: 10h Fim: 10h37m</b>
<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Segmentos</b>
<b>A - Otimização de meios</b>	“temos as vertentes de Detecção de Estupefacientes (DD), de Guarda- Patrulha (GP)”	•A1.1 e A1.2
	“agora uma vertente nova de Detecção de Venenos (DV)”	•A1.5
	“dentro do domínio desses meios, são ativados e também em atos de patrulhamento e prevenção.”	•A2.1
	“Os pedidos de ativação dos meios vêm por telefone caso esteja fora do horário de expediente, caso esteja dentro do mesmo e incontactáveis são ativados da forma mais rápida e expedita”	•A2.2
	“A nível de Demonstrações e plastrons, tem existido bastantes pedidos e consequentemente bastante empenhamento, nomeadamente pela comunidade escolar”	•A2.3
	“torna-se necessário a projeção dos meios através de viatura, por isso damos primazia ao patrulhamento apoiado em viatura, pois permite-lhes cobrir uma maior área”	•A3.2

<p><b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b></p>	<p>“Existe uma grande falta de viaturas, pois não temos nenhuma viatura apropriada para este serviço, pelo que tivemos que adaptar um furgão (...) A nível dos binómios em si, considero que são suficientes, para a nossa realidade e empenhamentos.”</p> <p>“Considero que não necessitamos de mais binómios nem de mais vertentes. Sendo estes suficientes para o tipo e quantidade de emprego operacional dos mesmos.”</p> <p>“Sim somos, porque não nos encontramos dotados de todas as vertentes”</p> <p>“Sim, quando somos solicitados, sempre que existe capacidade para tal (...) Nunca tendo existido constrangimentos a prestar esse reforço a terceiros</p>	<p>•B1.2</p> <p>•B2.1</p> <p>•B3.1</p> <p>•B4.1</p>
<p><b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b></p>	<p>“Não tenho um conhecimento profundo da sua distribuição, sendo o Grupo de Intervenção Cinotécnico da Unidade de Intervenção o órgão mais capaz de responder a esta questão”</p> <p>“penso que sim, que se encontra bem distribuída”</p> <p>“Apenas falando do comando de Bragança”</p> <p>“não sei se esse meio estaria em condições de ser empenhado em determinadas circunstâncias quando fosse solicitado estando distantes, parece-me ao estarem aqui torna-se mais vantajoso para a Guarda e para este comando.”</p> <p>“Ainda que ao nível da formação, estarem agrupados e concentrados poderia ser mais vantajoso”</p>	<p>•C1.2</p> <p>•C2.1</p> <p>•C2.2</p> <p>•C3.1</p> <p>•C3.3</p> <p>•C3.4</p>

	<p>“se nós não tivéssemos aqui os meios que temos a nível cinotécnico, parte do empenhamento que eles têm não era feito (...) nós empenhamo-los em certas circunstâncias que deixaríamos de o fazer se não os tivéssemos, isso é garantido</p>	
<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“Não têm, tem falta de alguns materiais”</p> <p>“por vezes o Comando tem que arranjar verba para conseguir fornecer os materiais em falta à secção cinotécnica.”</p> <p>“Não, as viaturas não o permitem”</p> <p>“viaturas que temos ao nosso dispor serem adaptadas para ser possível o transporte dos animais,”</p> <p>“Existe uma escala mensal”</p> <p>“sendo que o número de solicitações operacionais não constringe de forma alguma o treino destes militares.”</p> <p>“poderá haver uma situação ou outra em que tenham que alterar o planeamento, mas normalmente conseguem sempre cumprir os treinos”</p> <p>“Não tendo concreta capacidade devido a esse motivo, mas com mais dificuldade ou menos damos resposta a estes pedidos externos, desde que tenhamos disponibilidade de meios”</p> <p>“existirem dois militares que têm por sua responsabilidade dois binómios, mais concretamente os cães de GP e os cães de DV”</p> <p>“constrangimento referente às viaturas”</p>	<p>•D1.2 e D1.3</p> <p>•D1.4</p> <p>•D2.2</p> <p>•D2.4</p> <p>•D3.1</p> <p>•D3.2</p> <p>•D3.3</p> <p>•D4.2</p> <p>•D5.1</p> <p>•D5.2</p>

<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>“concordo com uma centralização ao nível dos comandos, dentro da descentralização a nível territorial”</p> <p>“Considero que o modelo implantado atualmente se encontra adequado.”</p> <p>“Claramente que permitia”</p> <p>“com o passar do tempo vão surgir os problemas, a nível das viaturas, outros empenhamentos, férias ou baixas, o cão está doente. E ao ter estes contratempos, vou pensar, que consigo resolver a questão sem empenhar meios Cino”</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>•E1.1</li> <li>•E1.2</li> <li>•E2.1</li> <li>•E3.2</li></ul>
--	---	--

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

**APÊNDICE Q –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 13**

Quadro 15 - Análise de conteúdo do Entrevistado 13

<b>Entrevistado: Pedro Teixeira</b>		<b>Data: 13/03/2017</b>
<b>Local: VTC - EG/CTer Leiria</b>		<b>Início: 15h Fim: 15h30m</b>
Categorias	Indicadores	Segmentos
<b>A - Otimização de meios</b>	“comando temos ao nosso dispor binómios de Detecção de Droga (DD) e binómios de Guarda-Patrolha (GP)”	• A1.1 e A1.2
	“a ativação do DI como é a reserva do comandante, passa sempre ou via SOI durante o horário de expediente ou via sala de situação fora do horário de expediente”	• A2.2
	“Temos tido algum tipo de empenhamento neste tipo de demonstrações, mas é importante referir que ao longo do ano existem picos de pedidos”	• A2.3
	“Normalmente planeamos o patrulhamento misto, ou seja, fazem parte da patrulha apeada intervalada com patrulhamento auto.”	• A3.2
<b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b>	“pois o número de binómios que nós temos na vertente de GP consideramos que não são suficientes”	• B1.2
	“Sim, tal como referi há pouco, a vertente de GP”	• B2.1 e B2.3
	“Sim, (...) é quando a equipa EOD do comando é ativada.”	• B3.1
	“existe a necessidade de pedir pontualmente o reforço de meios, principalmente da vertente de DD”	• B3.1

	<p>“o GIC”</p> <p>“Sim,”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• B3.3</li> <li>• B4.1</li> </ul>
<p><b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b></p>	<p>“sei que estão distribuídos por cada comando, quase todos os comandos julgo eu tem meios atribuídos”</p> <p>“Sim, o fato de termos os meios descentralizados, o que mais precisamos no dia-a-dia está descentralizado”</p> <p>“Julgo que o modelo descentralizado que se encontra implantado atualmente, responde às necessidades apesar de termos alguns meios concentrados”</p> <p>“existe claramente essa necessidade de comando e estarem aqui sob a nossa dependência”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• C1.1</li> <li>• C2.1</li> <li>• C3.1</li> <li>• C3.4</li> </ul>
<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“Sim, não existe qualquer tipo de falta de recursos materiais e equipamentos”</p> <p>“solicitações operacionais dentro do comando e para o treino, claramente permitem dar resposta.”</p> <p>“Quanto às solicitações fora do nosso comando, as duas viaturas permitem fazê-lo, mas uma delas não tem uma capacidade de projeção assim tão boa que o permita fazer num tempo aceitável.”</p> <p>“Os horários para estes militares são planeados pelo destacamento de intervenção”</p> <p>“Torna-se possível tanto os militares como os animais, receberem treino e formação, pois o</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• D1.1</li> <li>• D2.1</li> <li>• D2.3 e D2.5</li> <li>• D3.1</li> <li>• D3.2</li> </ul>

	<p>empenhamento operacional não é de tal forma elevado que interfira com os treinos”</p> <p>“Sim, com a prerrogativa de se estiverem empenhados no nosso comando não poderá ser possível reforçar outras unidades”</p> <p>“Desde que me encontro no comando, nunca existiu qualquer tipo de constrangimento no empenhamento destes meios.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• D4.1</li>   <li>• D5.3</li> </ul>
<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>“E claramente este tipo de centralização de umas vertentes e descentralização de outras preencheria melhor os princípios da eficiência, da economia de meios,”</p> <p>“se estivermos a falar de por exemplo binómios de deteção de explosivos eu iria colocar estes meios junto dos comandos que têm equipa EOD”</p> <p>“vai depender de comando para comando, por cada um tem uma especificidade muito própria”</p> <p>“eu considero que deviam de se manter concentrados num local, também porque estes fazem parte do DI”</p> <p>“Se fossem formados vários pelotões distribuídos por regiões ao longo do território nacional, por forma a concentrar os meios e dando mais capacidade de apoio a essas regiões, esse modelo poderia ser mais rentável, pois a concentração desses meios iria permitir economizar recursos.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• E1.1</li>   <li>• E1.3</li>   <li>• E2.1 e E2.2</li>   <li>• E2.3</li>   <li>• E3.1</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

**APÊNDICE R –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 14**

Quadro 16 - Análise de conteúdo do Entrevistado 14

<b>Entrevistado: Armando Videira</b>		<b>Data: 24/03/2017</b>
<b>Local: VTC - EG/CTer Coimbra</b>		<b>Início: 10h Fim: 10h42m</b>
<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Segmentos</b>
<b>A - Otimização de meios</b>	é constituída por binómios do uso da força ou Guarda-Patrolha (GP), e (...) Detecção de Droga (DD) e Detecção de Engenhos Explosivos (DE)	• A1.1; A1.2 e A1.3
	“são utilizados em proveito próprio aqui do comando”	• A2.1
	“mediante solicitação dos destacamentos territoriais ou eventualmente em reforço às unidades adjacentes aqui ao comando de Coimbra”	• A2.2
	“privilegia e se deve privilegiar o patrulhamento apeado, mas apoiado em viaturas, ou seja, quando é necessário empenhar o binómio empenha-se, quando não é necessário voltasse à viatura para que o cão efetivamente descanse e esteja em condições de voltar a sem empregue quando tal se justifique”	• A3.2
<b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b>	“Sim, considero, não existindo qualquer falta de meios humanos, animais ou materiais para dar resposta a todas as solicitações operacionais.”	• B1.1
	“Claramente pelo que referi anteriormente, não necessitamos de forma alguma de	• B2.2

	<p>aumentar o número de meios cinotécnicos ao nosso dispor”</p> <p>“Ultimamente não tem havido essa necessidade, mas quando essa necessidade é premente”</p> <p>“apoiados por Lisboa pelo GIC”</p> <p>“Sim reforçamos”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• B3.1</li> <li>• B3.3</li> <li>• B4.1</li> </ul>
<p><b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b></p>	<p>“Eu tenho uma ideia de acordo com a forma como nos enquadramos nesta conjuntura”</p> <p>“a forma como nos encaixamos nesta capacidade a nível nacional é suficiente, é a necessária para cumprir a nossa missão, e auxiliar os comandos vizinhos a cumprir a deles.”</p> <p>“Eu sou apologista da Descentralização, porque as necessidades muitas vezes são imediatas”</p> <p>“Considerando que se não tivermos os meios ao nosso dispor, claramente não iremos conseguir dar uma resposta tão positiva face às necessidades e solicitações operacionais.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• C1.3</li> <li>• C2.1 e C2.2</li> <li>• C3.1</li> <li>• C3.4</li> </ul>
<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“Sim têm, e sempre tiveram”</p> <p>“Neste momento estamos bem”</p> <p>“Sim, eles treinam todos os dias, sendo que semanalmente é feito um horário de instrução”</p> <p>“empenhamento operacional aqui do comando não é “por aí além”, é tida como normal,”</p> <p>“Ao nível dos serviços operacionais, que caso existam, a instrução que estava planeada para essa altura, obviamente que passa para segundo plano, mas é de referir que estes militares estão constantemente em instrução e treino”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• D1.1</li> <li>• D2.1</li> <li>• D3.1</li> <li>• D3.2</li> <li>• D3.3</li> </ul>

	<p>“Sim temos”</p> <p>“Não existem, e não me recorde de ter existido algum constrangimento no empenhamento destes meios até à data.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• D4.1</li> <li>• D5.3</li> </ul>
<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>“Considerando que o modelo atualmente implantado será o mais correto para dar resposta às necessidades operacionais”</p> <p>“claramente que potencia e exponencia a capacidade de resposta”</p> <p>“centralização dentro da descentralização que já existe no territorial nacional (...) mas é obvio que os ganhos operacionais são superiores tendo esses efetivos centralizados até a um certo ponto e não completamente descentralizados”</p> <p>“sem sombra que seria uma mais valia, e viria isso com bons olhos.”</p> <p>“existindo uma quantidade de fatores que se prendem com a intervenção e resolução imediata de uma situação que surgiu de uma forma imprevista, sendo que se os meios estiverem descentralizados claramente que a capacidade de resposta é mais rápida. “</p> <p>“a centralização de determinados meios em determinados locais, que permitam essa capacidade”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• E1.2</li> <li>• E2.1</li> <li>• E2.3</li> <li>• E3.1</li> <li>• E3.2</li> <li>• E3.3</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

**APÊNDICE S –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 15**

Quadro 17 - Análise de conteúdo do Entrevistado 15

<b>Entrevistado: Rui Ferreira</b>		<b>Data: 13/03/2017</b>
<b>Local: VTC - EG/CTer Porto</b>		<b>Início: 16h Fim: 16h48m</b>
<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Segmentos</b>
<b>A - Otimização de meios</b>	“vertentes de Guarda-Patrolha (GP)/uso da força, (...) Busca e Salvamento (Search and Rescue[S&R]), deteção de Droga/ Papel moeda/ armas de fogo (DD) e deteção de Engenhos Explosivos (DE)”	•A1.1; A1.2; A1.3 e A1.4
	“através de ações planeadas em que os destacamentos nossos do comando ou da área envolvente ao Porto solicita os meios para uma operação planeada”	•A2.1
	“então são acionados em ações inopinadas através da Sala de Situação”	•A2.2
	“Depende do patrulhamento que nos pedem, nós em termos de patrulhamento apenas saem apeados para a cidade de Penafiel”	•A3.1
	“tudo o que seja fora da cidade, e nós fazemos patrulhamento em toda a área do comando, é sempre apoiado com viatura”	•A3.2
<b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b>	“tendo um número de meios bastante elevado de binómios, mas normalmente nunca nos chegam para as solicitações que temos,”	•B1.3
	“Sim neste momento para haver uma melhoria em termos operacionais”	•B2.1
	“um binómio de S&R, mais dois binómios de GP e de DE”	•B2.3; B2.5 e B2.6

	<p>“Difícilmente somos apoiados por outras unidades”</p> <p>“Sim costumamos reforçar”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•B3.2</li> <li>•B4.1</li> </ul>
<p><b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b></p>	<p>“Sim costumamos reforçar”</p> <p>“Na minha opinião o modelo que está implantado acaba por não responder da melhor forma às necessidades da Guarda,”</p> <p>“e não estou a ver uma centralização aqui na zona norte que fosse mais proveitoso para os interesses da Guarda. (...) porque principalmente nos binómios de GP eu acho que a maior parte dos comandos deveria de os ter disponíveis”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•C1.1</li> <li>•C2.3</li> <li>•C3.1</li> </ul>
<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“Temos os equipamentos e materiais mínimos para os cães serem treinados, não tendo todo o material que desejamos, como acho que ninguém tem, mas temos o mínimo necessário”</p> <p>“Cumprem, mas com limitações”</p> <p>“Sendo que fazemos um mapa diário de instrução para cada especialidade e durante a semana (...) estabelecemos dias e horários para trabalhar cada especialidade”</p> <p>“Dependendo da semana a atividade operacional, que prevalece à instrução, acaba por nos cortar a instrução toda ou quase toda.”</p> <p>“Temos capacidade em algumas situações, temos dias em que claramente temos capacidade, e temos outros onde não podemos ceder binómios porque se encontram empenhados na área do comando”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•D1.1 e D1.3</li> <li>•D2.1 e D2.3</li> <li>•D3.1</li> <li>•D3.4</li> <li>•D4.2</li> </ul>

	<p>“necessidade de mais binómios “</p> <p>“constrangimento muito grande a nível de viaturas”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•D5.1</li> <li>•D5.2</li> </ul>
<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>“descentralização, centralizada em algumas secções (...) reforçando algumas secções chaves no país”</p> <p>“Permitiria,”</p> <p>“e que temos meios disponíveis nas secções para projetar para toda essa área (...) É preferível tê-los concentrados e estes serem projetados para esses locais dando resposta a esses poucos empenhamentos</p> <p>“nós termos aqui os binómios de DD e eles não terem o que é que ia suceder, seria existir um numero elevado de solicitações em braga e nós teríamos que estar a fornecer, não diariamente, mas com uma periodicidade muito grande, binómios trazendo custos elevados ao nível de combustíveis e portagens.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•E1.1</li> <li>•E2.1</li> <li>•E2.3</li> <li>•E3.2</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

**APÊNDICE T –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 16**

Quadro 18 - Análise de conteúdo do Entrevistado 16

<b>Entrevistado: Daniel Fernandes</b>		<b>Data: 08/03/2017</b>
<b>Local: VTC - EG/CTer Guarda</b>		<b>Início: 15h Fim: 15h42m</b>
<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Segmentos</b>
<b>A - Otimização de meios</b>	“temos binómios de Detecção de Explosivos (DE), de Busca e Salvamento (Search and Rescue (S&R)), Detecção de Droga/Armas/Papel moeda (DD), Busca em Grandes Áreas (BGA), Manutenção de Ordem Pública e Patrulha.”	•A1.1; A1.2; A1.3 e A1.4
	“é comunicado à SOTRP, e esta dá indicação para reforçar ou não”	•A2.2
	“fazemos as duas coisas, pois os militares para sair daqui têm que sair de viatura, não podem sair apeados, ou seja quer o patrulhamento seja aqui perto ou longe têm que ser projetados de viatura, e as horas que lá passam têm sempre a viatura ao pé deles para que os cães possam descansar,”	•A3.2
<b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b>	“Sim em condições normais tenho, a falar apenas do comando da Guarda claramente que sim,”	•B1.1
	“Sim nomeadamente do que já tinha referido da vertente da DE”	•B2.1 e B2.3
	“Sim normalmente somos apoiados”	•B3.1
	“já foram cedidos pelo GIC”	•B3.3
	“Sim”	•B4.1

<p><b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b></p>	<p>“destacamentos de intervenção com os meios que têm, nem todos com todas as valências, mas a apoiarem-se mutuamente.”</p> <p>“nomeadamente o Grupo de Intervenção Cinotécnico como reserva operacional”</p> <p>“Concordo no sentido de ser uma forma descentralizada”</p> <p>“Sem duvida descentralizados”</p> <p>“tendo os meios ao meu dispor, consigo garantir uma resposta mais rápida e oportuna às necessidades do comando”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•C1.1</li> <li>•C1.4</li> <li>•C2.1</li> <li>•C3.1</li> <li>•C3.4</li> </ul>
<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“A nível de materiais e meios, de uma forma geral tenho”</p> <p>“existe a falta ou o material que temos já não se encontra nas melhores condições”</p> <p>“sempre que a unidade consegue fornecer esses meios fá-lo,”</p> <p>“Acabam sempre por permitir”</p> <p>“temos meios, mas estão limitados”</p> <p>“valência e uma que foi adaptada para transporte dos binómios,”</p> <p>“temos duas viaturas, uma C15 que já tem 25 anos e possui muito poucas condições, os militares conseguem responder às solicitações porque vão do ponto A para o ponto B e levam os cães consigo, mas se são as condições ideais, claramente não são”</p> <p>“Os horários estão previstos ao nível do destacamento de intervenção”</p> <p>“tenta-se sempre balancear o tempo de instrução e patrulha, não se pode colocar os militares a fazer todos os dias patrulhas nem todos os dias em instrução”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•D1.1</li> <li>•D1.3</li> <li>•D1.4</li> <li>•D2.1</li> <li>•D2.3</li> <li>•D2.4</li> <li>•D2.5</li> <li>•D3.1</li> <li>•D3.3</li> </ul>

	<p>“Dependendo das valências o empenhamento operacional poderá influenciar a instrução, nomeadamente os binómios de S&amp;R são empenhados muitas vezes”</p> <p>“os meios materiais e os binómios são suficientes para dar resposta aos pedidos de reforço de outras unidades.”</p> <p>“situação das viaturas que devido ao estado de conservação e ao desgaste das mesmas tornam-se um constrangimento na atividade ao nível da projeção dos meios”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•D3.4</li> <li>•D4.1</li> <li>•D5.2</li> </ul>
<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>“Sendo que o que eu procuraria na distribuição dos binómios pelo território nacional, seria uma centralização nos comandos dentro da descentralização que existe a nível do território nacional.”</p> <p>“Sim acabaria por permitir”</p> <p>“no caso do comando territorial da Guarda, creio que se tornaria mais proveitoso centralizar os meios todos aqui”</p> <p>“creio ser mais rentável ter os meios como se encontram distribuídos neste momento.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•E1.1</li> <li>•E2.1</li> <li>•E2.3</li> <li>•E3.2</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

**APÊNDICE U –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 17**

Quadro 19 - Análise de conteúdo do Entrevistado 17

<b>Entrevistado: Nasser Zidane</b>		<b>Data: 09/03/2017</b>
<b>Local: VTC - EG/CTer Viana do Castelo</b>		<b>Início: 11h30m Fim:12h11m</b>
<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Segmentos</b>
<b>A - Otimização de meios</b>	“as vertentes de Guarda-Patrolha (GP) e ordem pública, e a vertente de deteção de droga (DD)”	•A1.1 e A1.2
	“ativados por determinação do comandante de destacamento no patrulhamento (...) realizando patrulhamentos por iniciativa própria”	•A2.1
	“são empenhados por solicitação de outras subunidades, mais concretamente a secção de investigação criminal”	•A2.2
	“Ao nível das Demonstrações, posso dizer que são bastante frequentes”	•A2.3
	“A ideia é chegar ao local e depois é feito de forma apeada, (...) ele tem que ser feito nas zonas de maior concentração de pessoas, de forma apeada,”	•A3.1
<b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b>	“Sim na generalidade digo que sim, ainda que a nível de recursos materiais possa ser melhorado, sendo que não temos nenhuma viatura que possamos dizer que seja recente”	•B1.2
	“Não digo ao nível de números”	•B2.2
	“Sim, aqui normalmente somos apoiados”	•B3.1
	“Sim, normalmente também apoiamos as unidades que nos apoiam a nós”	•B4.1

<p><b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b></p>	<p>“tem os meios cinotécnicos nos vários comandos territoriais”</p> <p>“Unidade de Intervenção, o Grupo de Intervenção Cinotécnico,”</p> <p>“Sim, sendo que considero que desta forma permite ter os meios onde são mais necessários.”</p> <p>“Eu julgo que o modelo descentralizado seja mais vantajoso para o serviço operacional”</p> <p>“Com os meios concentrados num local apenas, poderia existir vantagens ao nível de treino e uniformização de procedimentos “</p> <p>“mesmo fora do horário normal de patrulhamento, formação ou treino, se os militares estiverem a trabalhar no distrito de Viana do Castelo, sendo esta a zona de trabalho, se for necessário serem empenhados à noite, como já aconteceu, eles estão disponíveis, permitindo acionar de forma inopinada os meios.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•C1.1</li> <li>•C1.4</li> <li>•C2.1</li> <li>•C3.1</li> <li>•C3.3</li> <li>•C3.4</li> </ul>
<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“Sim, podemos dizer que sim”</p> <p>“claro que este material poderá ser modernizado (...) Poderia existir ainda mais material”</p> <p>“Sim permitem,”</p> <p>“e fosse necessário realizar uma viagem mais longa seria um pouco mais complicado, talvez tivéssemos que solicitar viaturas a outra unidade já preparadas de raiz para o transporte dos binómios.”</p> <p>“Sim “</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•D1.1</li> <li>•D1.3</li> <li>•D2.1</li> <li>•D2.3 e D2.4</li> <li>•D3.1</li> </ul>

	<p>“o número de solicitações para o emprego destes meios cinotécnicos não influencia de forma alguma o treino.”</p> <p>“tendo de existir um equilíbrio entre treino e patrulhamento”</p> <p>“Sim claramente temos capacidade a nível de binómios e de recursos materiais para prestar apoio às unidades vizinhas.”</p> <p>“é ao nível das viaturas”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•D3.2</li> <li>•D3.3</li> <li>•D4.1</li> <li>•D5.2</li> </ul>
<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>“considero que deverão de estar junto dos comandos”</p> <p>“concordo com o modelo descentralizado que está implantado neste momento na Guarda”</p> <p>“do ponto vista financeiro o melhor modelo será o centralizado,”</p> <p>“Sim claramente a atribuição de mais meios às secções que já existem garantiriam uma maior capacidade”</p> <p>“necessário existirem secções cinotécnicas, como por exemplo uma por destacamento, mas a nível de um distrito considero que concentrados seria melhor,”</p> <p>“sendo que um modelo onde se concentraria nesse tal pelotão as vertentes mais específicas que atuam de uma forma mais esporádica, apenas a pedido de apoio ou reforço”</p> <p>“a vertente de GP que é utilizada no dia-a-dia para os patrulhamentos quase diários se mantivesse nas unidades, consideraria mais vantajoso.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•E1.1</li> <li>•E1.2</li> <li>•E1.4</li> <li>•E2.1</li> <li>•E2.3</li> <li>•E3.1</li> <li>•E3.2</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

**APÊNDICE V –**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO ENTREVISTADO 18**

Quadro 20 - Análise de conteúdo do Entrevistado 18

<b>Entrevistado: Miguel Inácio</b>		<b>Data: 14/03/2017</b>
<b>Local: VTC - EG/CTer Beja</b>		<b>Início: 16h Fim: 16h33m</b>
<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Segmentos</b>
<b>A - Otimização de meios</b>	“temos dois cães da vertente de Guarda-Patrolha (GP), um de Detecção de Explosivos (DE), dois de Detecção de Droga e dois de Detecção de Venenos – Life imperial (DV)”	•A1.1; A1.2; A1.3 e A1.5
	“Normalmente são ativados por mim, Comandante do Destacamento de Intervenção, mas vem uma chamada que segue a via hierárquica”	•A2.2
	“Os pedidos para demonstrações têm sido bastantes frequente”	•A2.3
	“essencialmente o patrulhamento em viatura”	•A3.3
<b>B - Eficiência da valência através da concentração dos meios</b>	“Sim considero que são os suficientes, no entanto, existem alturas em que estes parecem insuficientes”	•B1.2
	“Não, considero que tenho o número suficiente meios ao meu dispor,”	•B2.2
	“Ao nível da cinotecnia, desde que estou no comando não temos sido reforçados,”	•B3.2
	“Sim reforçamos”	•B4.1

<p><b>C - Interesse dos comandantes territoriais em ter os meios sempre ao seu dispor</b></p>	<p>“distribuída em secções cinotécnicas adstritas ao comando do DI, “</p> <p>“Sim concordo”</p> <p>“Eu considero que a forma como está, com apenas alguns reajustes, podendo sempre ser melhorado, mas julgo que este modelo é o melhor”</p> <p>“os meios seriam claramente inadequados e desnecessários, devido à sua necessidade e falta de disponibilidade no momento.”</p>	<p>•C1.1</p> <p>•C2.1</p> <p>•C3.1</p> <p>•C3.4</p>
<p><b>D - Manutenção, Flexibilidade e Projeção</b></p>	<p>“Têm ao seu dispor alguns equipamentos, mas não tem os melhores”</p> <p>“Sim, neste momento sim”</p> <p>“Na Unidade não, mas sim ao nível da subunidade, (...) em que está discriminado no horário aquilo que têm que fazer com os animais”</p> <p>“têm de um modo geral cumprido.”</p> <p>“Sim desde que recebemos as novas viaturas, estamos aptos a responder aos pedidos de apoio e de reforço tanto na unidade com a outras unidades”</p> <p>“Neste momento não existe constrangimentos.”</p>	<p>•D1.1 e D1.3</p> <p>•D2.1</p> <p>•D3.1</p> <p>•D3.3</p> <p>•D4.1</p> <p>•D5.3</p>
<p><b>E - A centralização dos meios garante uma melhor resposta às necessidades operacionais</b></p>	<p>“Eu julgo que a forma como está distribuída neste momento será a melhor.”</p> <p>“Sim, concordo plenamente”</p> <p>“sim justificava-se até ter três polos um em Beja, outro em Moura e outro em Odemira, (...) Seria preferível ter os meios descentralizados mesmo dentro do comando”</p>	<p>•E1.2</p> <p>•E2.1</p> <p>•E2.4</p>

	“Eu consideraria isso viável, se os polos fossem bem distribuídos”	•E3.1
--	--	-------

**Fonte:** Elaboração própria, com base em (Freixo, 2012)

## APÊNDICE W – CODIFICAÇÃO ALFANUMÉRICA DAS RESPOSTAS AO GUIÃO DE ENTREVISTA

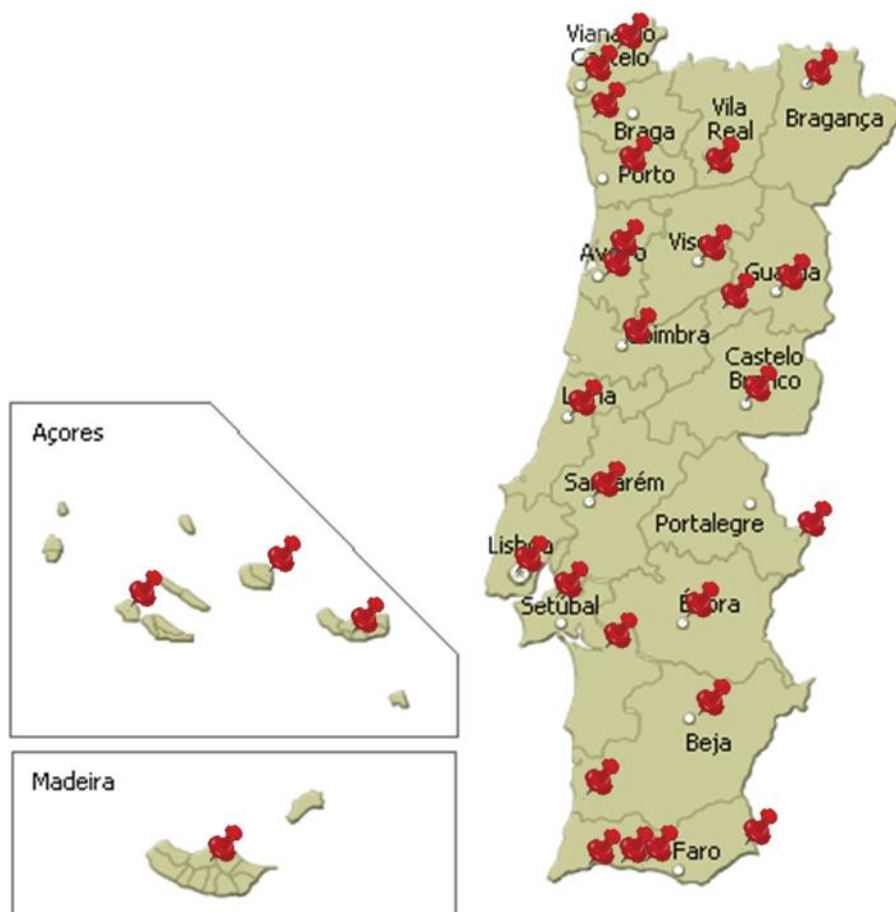
Quadro 21 – Codificação Alfanumérica

Questão A1	
<b>Segmento A1.1</b>	Guarda-Patrolha
<b>Segmento A1.2</b>	Deteção de Droga
<b>Segmento A1.3</b>	Deteção de Explosivos
<b>Segmento A1.4</b>	Busca e Salvamento
<b>Segmento A1.5</b>	Deteção de Venenos
Questão A2	
<b>Segmento A2.1</b>	Própria Iniciativa
<b>Segmento A2.2</b>	Ordem Superior ou Entidade Externa
<b>Segmento A2.3</b>	Número de Demonstrações elevado
Questão A3	
<b>Segmento A3.1</b>	Patrulhamento Apeado
<b>Segmento A3.2</b>	Patrulhamento Misto (Apoiado em Viatura)
<b>Segmento A3.3</b>	Patrulhamento em viatura
Questão B1	
<b>Segmento B1.1</b>	Sim
<b>Segmento B1.2</b>	Sim com limitações
<b>Segmento B1.3</b>	Não
Questão B2	
<b>Segmento B2.1</b>	Sim
<b>Segmento B2.2</b>	Não
<b>Segmento B2.3</b>	Guarda-Patrolha
<b>Segmento B2.4</b>	Deteção de Droga
<b>Segmento B2.5</b>	Deteção de Explosivos
<b>Segmento B2.6</b>	Busca e Salvamento
Questão B3	
<b>Segmento B3.1</b>	Sim
<b>Segmento B3.2</b>	Não
<b>Segmento B3.3</b>	Apoiado pelo GIC
Questão B4	
<b>Segmento B4.1</b>	Sim
<b>Segmento B4.2</b>	Não
Questão C1	

<b>Segmento C1.1</b>	Em secções afetas às Unidades Territoriais
<b>Segmento C1.2</b>	Não tenho conhecimento
<b>Segmento C1.3</b>	Conheço apenas a realidade das unidades limítrofes
<b>Segmento C1.4</b>	GIC
<b>Questão C2</b>	
<b>Segmento C2.1</b>	Sim
<b>Segmento C2.2</b>	Relativamente a realidade que conheço
<b>Segmento C2.3</b>	Não
<b>Segmento C2.4</b>	Não se pronuncia
<b>Questão C3</b>	
<b>Segmento C3.1</b>	Descentralizado
<b>Segmento C3.2</b>	Centralizado
<b>Segmento C3.3</b>	Vantagem a nível doutrinário
<b>Segmento C3.4</b>	Meios sempre ao dispor
<b>Questão D1</b>	
<b>Segmento D1.1</b>	Sim
<b>Segmento D1.2</b>	Não
<b>Segmento D1.3</b>	É necessário mais
<b>Segmento D1.4</b>	Fornecido pelas Unidades Territoriais
<b>Questão D2</b>	
<b>Segmento D2.1</b>	Sim
<b>Segmento D2.2</b>	Não
<b>Segmento D2.3</b>	Com limitações
<b>Segmento D2.4</b>	Viaturas adaptadas
<b>Segmento D2.5</b>	Viatura em más condições
<b>Segmento D2.6</b>	Sem viaturas atribuídas à secção
<b>Questão D3</b>	
<b>Segmento D3.1</b>	Sim está previsto
<b>Segmento D3.2</b>	O empenhamento operacional não afeta a instrução
<b>Segmento D3.3</b>	É cumprido com os necessários ajustes
<b>Segmento D3.4</b>	Quase não é possível devido ao emprego operacional
<b>Questão D4</b>	
<b>Segmento D4.1</b>	Sim
<b>Segmento D4.1</b>	Sim com limitações
<b>Questão D5</b>	
<b>Segmento D5.1</b>	Falta de recursos humanos e/ou animais
<b>Segmento D5.2</b>	Ao nível das viaturas
<b>Segmento D5.3</b>	Não existem constrangimentos
<b>Questão E1</b>	
<b>Segmento E1.1</b>	Descentralização, centralizada em certas secções
<b>Segmento E1.2</b>	Modelo atualmente implantado
<b>Segmento E1.3</b>	Mais descentralizados

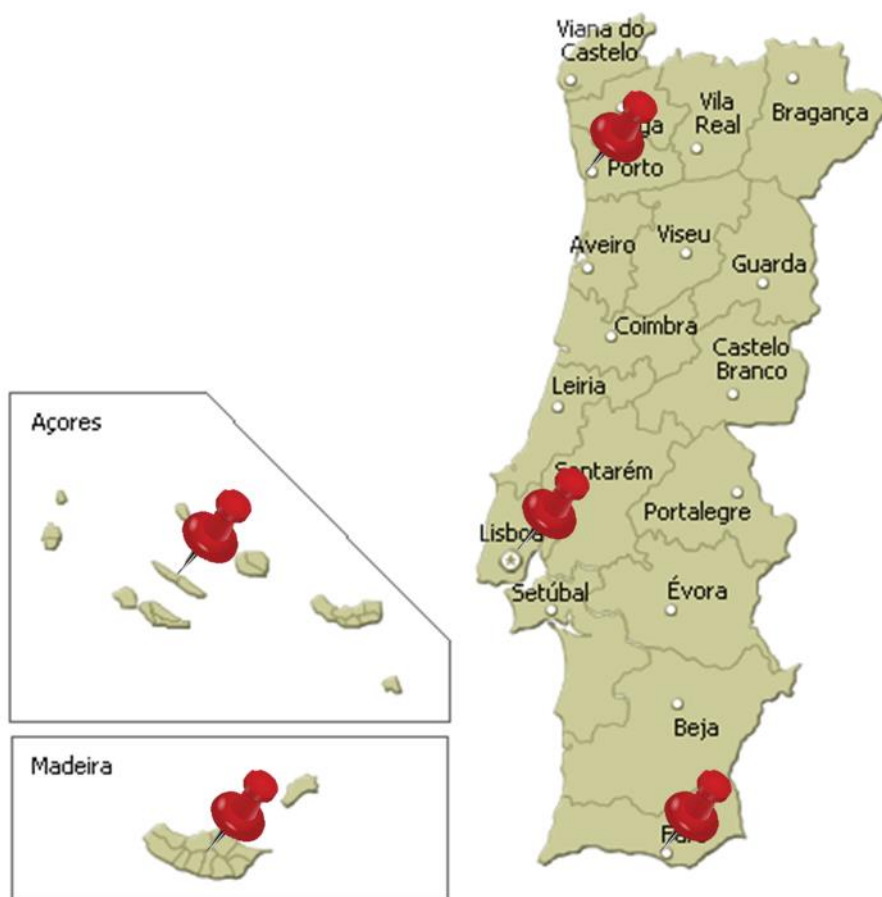
<b>Segmento E1.4</b>	Centralizados
<b>Questão E2</b>	
<b>Segmento E2.1</b>	Sim
<b>Segmento E2.2</b>	Não
<b>Segmento E2.3</b>	Centralizados numa secção da Unidade Territorial
<b>Segmento E2.4</b>	Descentralizados por mais secções na Unidade Territorial
<b>Questão E3</b>	
<b>Segmento E3.1</b>	Sim é viável
<b>Segmento E3.2</b>	Não é viável
<b>Segmento E3.3</b>	Dispersa, centralizada em determinados pontos
<b>Segmento E3.4</b>	Secções
<b>Segmento E3.5</b>	Comando por parte do GIC

**APÊNDICE X –  
DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS MEIOS CINOTÉCNICOS NA  
GNR**



**Figura 9 – Distribuição Territorial dos Meios Cinotécnicos na GNR**

**APÊNDICE Y –  
DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS MEIOS CINOTÉCNICOS NA  
PSP**



**Figura 10 – Distribuição Territorial dos Meios Cinotécnicos na PSP**

## **ANEXOS**

**ANEXO A –**  
**QUADRO SINTESE MISSÃO/ESPECIALIDADE**

Quadro 22 - Síntese Missão/Especialidade

<b>MISSÕES</b>	<b>ESPECIALIDADE</b>
PATRULHAMENTO	PATRULHA
GUARDA	
PISTAGEM	
MOP	
DETEÇÃO DE DROGA	DETETOR DE DROGA
DETAÇÃO DE EXPLOSIVOS	DETETOR DE EXPLOSIVOS
BUSCA E SALVAMENTO	BUSCA E SALVAMENTO

Fonte: (Comando Geral - GNR, 1997)

**ANEXO B –**  
**ORGANOGRAMA DO SERVIÇO CINOLÓGICO DA**  
**GUARDIA CIVIL**

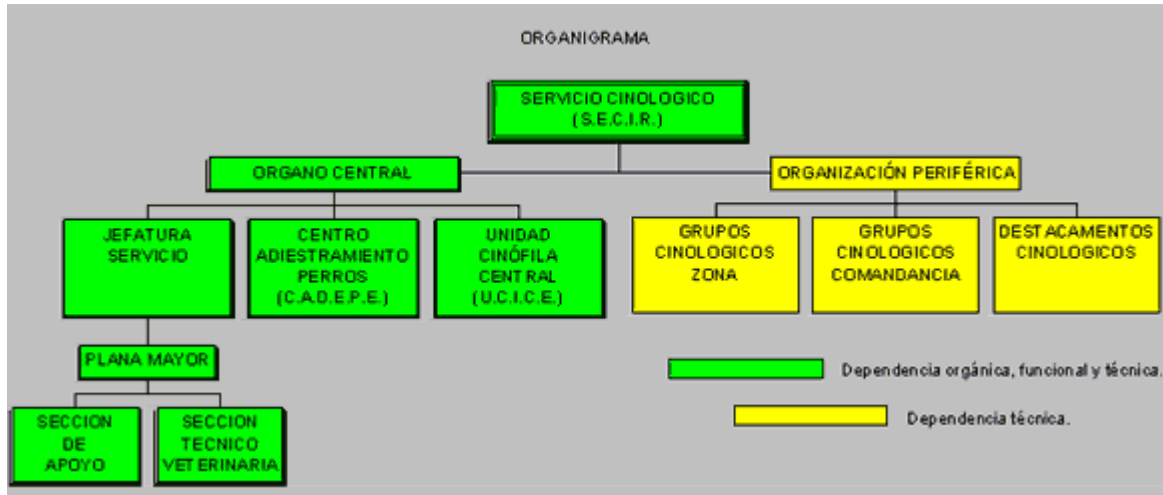


Figura 11 – Organograma do Serviço Cinológico da Guardia Civil

Fonte: Fornecido pelo Oficial de Ligação da *Guardia Civil*

## ANEXO C – DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS MEIOS CINOTÉCNICOS NA GUARDIA CIVIL

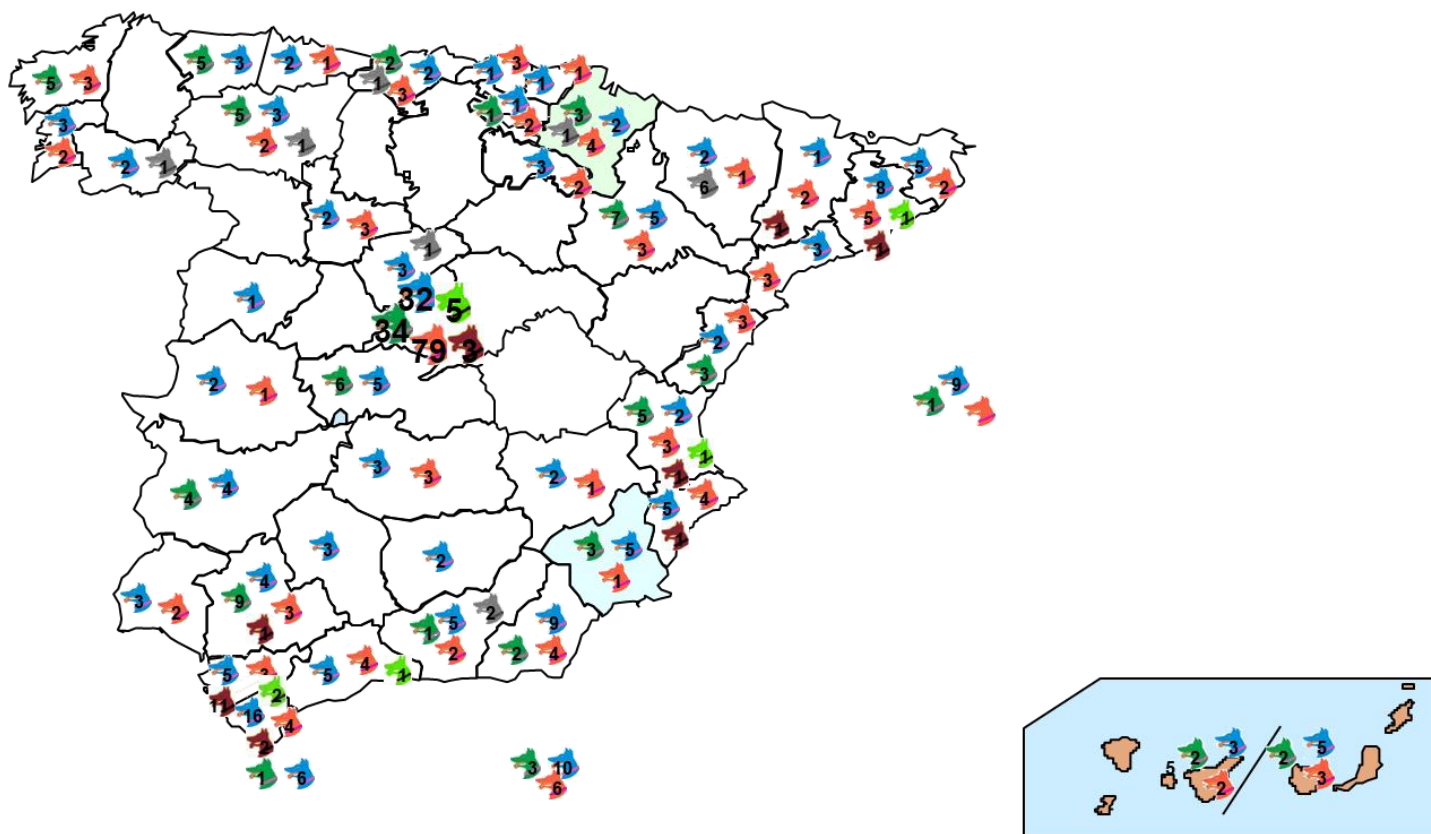


Figura 12 – Distribuição Territorial dos Meios Cinotécnicos na *Guardia Civil*

Fonte: Fornecido pelo Oficial de Ligação da *Guardia Civil*

## ANEXO D – REFERENCIAL DE VERIFICAÇÃO DE HIPÓTESES

Tabela 22 - Referencial de verificação das hipóteses

Valor da Variável	Hipótese
$x=100\%$	Totalmente verificada
$80\% \leq x < 100\%$	Verificada
$50\% \leq x < 80\%$	Parcialmente verificada
$0\% \leq x < 50\%$	Não verificada
$x= 0\%$	Totalmente não verificada

Fonte: Sarmiento (2013)